



Mariana da Silva Monteiro

## A EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA ALTA DE COIMBRA

Relatório da prática pedagógica de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Doutora Ana Isabel Ribeiro e pela Doutora Adélia Nunes, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# A evolução da paisagem urbana da Alta de Coimbra

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de estágio</b>
<b>Título</b>	<b>A EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DA ALTA DE COIMBRA</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Mariana da Silva Monteiro</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Ana Alexandra Ribeiro Luís</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Doutor Rui de Ascensão Ferreira Cascão</b>
	<b>2. Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>Mestrado em 2º Ciclo em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>História e Geografia</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Formação de Professores</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>18-10-2016</b>
<b>Classificação</b>	<b>16 valores</b>



## **AGRADECIMENTOS**

Concluída esta caminhada, guardo as palavras que me restam para esta página, para agradecer todos aqueles que me ajudaram a traçar este meu caminho.

À minha tia, Maria Adelaide Mendes, pela laboriosa ajuda, pelo apoio e pela compreensão. Por ser a melhor professora e a minha inspiração.

Aos meus pais, pela oportunidade, por todo o amor incondicional. À minha mãe, por ser o meu porto de abrigo.

À minha avó, pela dádiva de estar aqui. Por toda a ajuda, por todo o carinho.

Às minhas irmãs, pelo exemplo. À Ângela pela nossa amizade, por sustentarmos esta dura caminhada por Coimbra.

Ao meu namorado, por ter sido incansável. Por mostrares que é possível caminhar lado a lado, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos da Faculdade. À minha amiga Cláudia Nóbrega por, mesmo longe, estar sempre presente. À minha amiga Cláudia Moreira, pela companhia e pelas palavras de conforto. Ao meu sábio amigo João Martins, por sempre responder, com ciência e pertinência, às minhas perguntas.

À Tânia, à Cátia e à Marina, minhas amigas desde o secundário.

Às minhas orientadoras, Ana Isabel Ribeiro e Adélia Nunes. Pelo seu conhecimento, pela sua experiência, pela disponibilidade, pela compreensão, por todo o apoio e experta orientação.

Às orientadoras na escola Inês de Castro, Maria José Reis e Fátima Galhim e aos meus colegas, Francisco e Ricardo.

*“A distribuição circular das palhotas em torno da casa dos homens é de tal importância, no que diz respeito à vida social e à prática do culto, que os missionários salesianos da região do Rio-das-Graças rapidamente descobriram que a maneira mais segura de converter os bororo consistia em obrigá-los a abandonar a sua aldeia, trocando-a por outra, onde as casas são dispostas em filas paralelas. Desorientados, relativamente aos pontos cardeais, privados da planta que fornece um argumento para o seu saber, os indígenas perdem rapidamente o sentido das tradições, como se os seus sistemas social e religioso (...) fossem muito complicados para passarem sem (...) a planta da aldeia, cujos contornos são perpetuamente refrescados pelos gestos quotidianos.”*

Lévi-Strauss, 1955:215

Citado por Filomena Silvano, in *Antropologia do espaço*, p. 19

## **RESUMO**

Este relatório de estágio visa dar conta das atividades desenvolvidas durante o presente ano letivo, na prática pedagógica supervisionada em ambiente escolar e nos seminários científicos de História e de Geografia.

Partindo da caracterização geral da Escola E. B. 2, 3 Inês de Castro e da turma afeta, aborda-se todas as atividades desenvolvidas em prática pedagógica (efetuando o respetivo balanço) e o conteúdo científico apreendido nos seminários de História e Geografia, cujo núcleo é a evolução da paisagem urbana da Alta de Coimbra, até à atualidade, tendo a cartografia como auxílio e suporte.

No final, colocando em prática o estudado nos seminários científicos, apresenta-se a aplicação didática, selecionada e desenvolvida de forma a integrar ambas as disciplinas (História e Geografia).

### **Palavras-chave**

Alta de Coimbra; cartografia; evolução urbana; aplicação didática; prática pedagógica supervisionada

# The evolution of Alta de Coimbra's urban landscape

## **ABSTRACT**

This stage report is intended to describe the activities developed during the supervised teaching practice and at the scientific seminars of History and Geography.

After the general characterisation of the school E. B. 2, 3 Inês de Castro and of the class taught, are referred all the activities developed in the supervised teaching practice (including a reflexion) and the knowledge obtained at the scientific seminars of History and Geography, whose centre is the Alta de Coimbra's urban evolution, till our days, having the cartography as help and support.

The final part is the didactic application chosen and developed in order to integrate both History and Geography,

### **Key-words**

Alta de Coimbra; cartography; urban evolution; didactic application; supervised teaching practice

# L'évolution du paysage urbain de l'Alta de Coimbra

## **RÉSUMÉE**

Cette mémoire de stage vise rapporter les activités mises en place pendant cette année scolaire, soit dans la pratique pédagogique supervisée soit dans les séminaires scientifiques d'Histoire et de Géographie.

Après avoir fait la caractérisation globale de l'école E. B. 2, 3 Inês de Castro et de la classe reçue, on approche toutes les activités concrétisées dans la pratique pédagogique (ainsi qu'une réflexion à propos) et les contenus scientifiques appris aux séminaires scientifiques d'Histoire et de Géographie, dont le centre est l'évolution du paysage urbain de l'Alta de Coimbra, jusqu'à l'actualité, ayant la cartographie pour aide et appui.

A la fin, on présente l'unité didactique, sélectionnée et développée de façon à intégrer les contenus d'Histoire et de Géographie.

### **Mots-clés**

Alta de Coimbra; cartographie; évolution urbaine; unité didactique; pratique pédagogique supervisée

# ÍNDICE

<b>Introdução</b> (e breves linhas metodológicas)	1
<b>Capítulo I. O estágio pedagógico</b>	3
1. Apresentação do estágio pedagógico: local e intervenientes	4
1.1. A escola	4
1.2. O núcleo de estágio	5
1.3. A turma	6
2. Atividades desenvolvidas no âmbito do estágio	7
2.1. Atividades letivas	7
2.2. Atividades não-letivas	9
2.3. Seminários pedagógicos	10
3. Reflexão sobre o estágio	10
<b>Capítulo II. Aprofundamento científico</b>	12
1. A Cartografia	13
1.1. Breve resenha contextualizadora da sua evolução	13
1.2. A importância da Cartografia na atualidade	17
2. A evolução urbana da Alta de Coimbra	19
2.1. A delimitação da área de estudo	19
2.2. A contextualização histórica	21
2.2.1. O sítio e a posição	21
2.2.2. As origens da cidade de Coimbra: o caso da Alta	24
2.3. A Alta romana	24
2.3.1. Os principais edifícios	25
2.3.2. Os principais arruamentos	26
2.4. A Alta medieval	27
2.4.1. O período indecifrável da cidade muçulmana de Coimbra	27
2.4.2. A alta medieval cristã no século XII	28
▪ A muralha medieval	29
▪ Os principais edifícios	30
▪ Os principais arruamentos e a distribuição socioprofissional na Almedina Coimbrã dos séculos XII a XV	31
2.5. A Alta na época moderna	34
2.5.1. A Alta de Coimbra anterior à instalação definitiva da Universidade	34
2.5.2. A Alta e a transferência definitiva da Universidade para Coimbra	35
▪ Os principais edifícios	36
▪ A instalação de colégios na Alta	37
▪ As transformações no reinado de D. João V	39
▪ A Alta na reforma Pombalina de 1772	39
▪ Os principais arruamentos e a distribuição socioprofissional na Almedina Coimbrã dos séculos XVI a XIX	41

2.6. A Alta nos finais do século XIX e inícios do século XX	43
2.7. A Alta Universitária no século XX	44
2.7.1. A Alta antes da Cidade Universitária	44
2.7.1.1. A área de intervenção	46
2.7.1.2. Os principais edifícios alterados	47
▪ O aqueduto de D. Sebastião	48
▪ Colégio de S. Paulo Apóstolo/ Teatro Académico /Faculdade de Letras / Biblioteca Geral	48
▪ Faculdade de Letras	48
▪ Casa dos Contadores e Casa dos Melos	49
▪ Imprensa da Universidade	49
2.7.1.3. Os principais edifícios demolidos	49
▪ O Castelo	49
▪ Colégio dos Militares	50
▪ Colégio dos Lóios	50
▪ Colégio de S. Paulo Eremita	50
▪ Colégio de S. Boaventura	51
▪ Observatório Astronómico	51
2.7.1.4. Os principais largos e ruas alterados	51
▪ Largo do Castelo	52
▪ Largo da Feira	52
▪ A Rua Larga	52
▪ As ruas de S. João e de S. Pedro	53
2.7.2. A Alta depois da Cidade Universitária	53
2.7.2.1. Os novos alojamentos	54
2.7.3. A Alta na atualidade	55
<b>Capítulo III. Transposição didática</b>	<b>58</b>
1. Seleção da aplicação didática	59
1.1. A contextualização da aplicação didática no conteúdo científico e nas metas curriculares	59
...quanto à História	59
...quanto à Geografia	60
1.2. A escolha do tema e da aplicação didática	61
...quanto à História e à Geografia	64
1.3. A organização da transposição didática	66
1.4. Competências adquiridas através da transposição didática	69
<b>Considerações finais</b>	<b>71</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>73</b>
<b>Anexos</b>	<b>81</b>



## ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

### Figuras

Figura 1	Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro: localização.	4
Figura 2	Delimitação da Alta Coimbrã	19
Figura 3	Delimitação da área de estudo – área intramuros e aqueduto	20
Figura 4	A cidade de <i>Aeminum</i> , segundo Jorge Alarcão	25
Figura 5	Em destaque: área intramuros no final do século XII	29
Figura 6	Em destaque: o trajeto descrito da área intramuros no final do século XII	30
Figura 7	A primeira panorâmica planificada de Coimbra (1566/1567)	36
Figura 8	Excerto do levantamento da autoria de Isidoro Emílio Baptista	38
Figura 9	Edifícios da Reforma Pombalina	40
Figura 10	Planta Topográfica de Coimbra, 1901	41
Figura 11	Vista a partir da margem esquerda, Coimbra nos finais do século XIX	44
Figura 12	Área de intervenção para a construção da Cidade Universitária	46
Figura 13	A Alta Coimbrã: os principais edifícios alterados	47
Figura 14	O aqueduto de D. Sebastião antes e depois da Cidade Universitária	48
Figura 15	A Faculdade de Letras antes da Cidade Universitária	48
Figura 16	A Alta Coimbrã: os principais edifícios demolidos	49
Figura 17	Anos 30, restos do Castelo de Coimbra; anos 40 do séc. XX – últimos traços	49
Figura 18	Em frente da Porta Férrea, 1889	50
Figura 19	Igreja de S. Pedro e terreiro, 1889	51
Figura 20	A Alta Coimbrã: principais ruas e principais largos alterados	51
Figura 21	A Alta Coimbrã: o nascimento da Rua Larga	52
Figura 22	A Rua de S. João	53

### Gráficos

Gráfico 1	Constituição da turma 7º X, tendo em conta o sexo.	6
Gráfico 2	Composição da turma 7º X: repetências e NEEs.	6
Gráfico 3	Aproveitamento da turma 7º X, no final do ano.	6

# INTRODUÇÃO

## (e breves linhas metodológicas)

No meu percurso académico, e penso ser importante referi-lo, foi-me dada a oportunidade de contactar com o tema do urbanismo, nas áreas da História, da História de Arte e da Geografia, através das cadeiras de Urbanismo, de Cidade Portuguesa, de Geografia Urbana e de Geografia Humana de Portugal.

Estas cadeiras possibilitaram-me diferentes abordagens do olhar e do pensar as cidades: a História e a História de Arte transmitiram o nascimento, a evolução e a herança; a Geografia deu a conhecer as dinâmicas funcionais, enveredando pelas atividades industriais, pelos serviços (comércio, transportes, ...), pelo turismo.

Nesta linha, escolhi trabalhar a evolução urbana, um tema que, porque abrange as duas áreas do Mestrado que frequento (História e Geografia), em perfeita combinação, se tornou tema da minha investigação e, conseqüentemente, deste trabalho (elaborado no âmbito da unidade curricular de Seminário de História e de Seminário de Geografia) cuja finalidade é apresentar uma possível reconstituição da evolução espacial urbana da Alta Coimbrã, das origens até ao século XXI, utilizando a cartografia.

Ao longo das próximas páginas, pretendo descrever a incessante mudança morfológica em que a Cidade vive (porque intimamente conectada ao modo de vida e às necessidades dos seus habitantes), defendendo que a Alta de Coimbra é um ótimo exemplo de sobrevivência, pois, num tempo onde várias cidades assistiram ao abandono do Núcleo Histórico, ela continua viva, embora pedindo requalificações urgentes.

Na elaboração do presente relatório, verifiquei e contactei com a vasta quantidade de estudos existentes sobre a evolução urbana de Coimbra, tanto da Alta como da Baixa. Embora cada estudo ou se debruce sobre um determinado edifício, rua, local (dissertação de Mestrado de Rúben Neves Vilas Boas, “Rua Larga de Coimbra. Das Origens à atualidade”) ou foque um todo mais abrangente (*Coimbra, a montagem do cenário urbano*, do Professor Doutor Jorge de Alarcão),

Dada a vasta bibliografia, foi minha intenção sintetizar, tanto quanto possível, a informação obtida nas minhas pesquisas, procurando identificar as principais linhas temáticas.

No entanto, e dado que, como afirma Alarcão, a “*evolução do urbanismo*” faz-se “*em tempo longo e lento*”<sup>1</sup>, seria temporal, humana e academicamente impossível abordar, neste trabalho, toda a informação existente e consultada sobre a evolução espacial urbana da Alta Coimbrã, até porque, tratando-se de um Relatório de Estágio, grande parte do tempo foi ocupado com a prática pedagógica, que exigiu, entre muitos outros: conhecimento de obras didático-pedagógicas; muito estudo prévio; conceção, (re)formulação e aplicação de documentos e materiais; autorreflexão e alteração de práticas comportamentais.

O presente relatório encontra-se dividido em três capítulos:

- O primeiro é uma síntese das tarefas, curriculares e extracurriculares, desenvolvidas em prática pedagógica na Escola Inês de Castro, no ano letivo 2015/2016 – pretende dar a conhecer a escola, o núcleo de estágio e a turma afeta.
- O segundo é dedicado à componente científica (o estudo efetuado nos seminários de História e de Geografia) que, no terceiro capítulo, será concretizada na aplicação didática. Assim, estuda-se sumariamente a evolução do espaço físico da Alta Coimbrã, abarcando conteúdos científicos da História e da Geografia (com destaque para a Cartografia).
- O terceiro apresenta a aplicação didática da componente científica do trabalho e as justificações das escolhas feitas.

---

<sup>1</sup> ALARCÃO, Jorge; *Coimbra. A montagem do cenário urbano*. p. 84

# CAPÍTULO I

O estágio pedagógico

# 1. Apresentação do estágio pedagógico: local e intervenientes

## 1.1. A escola

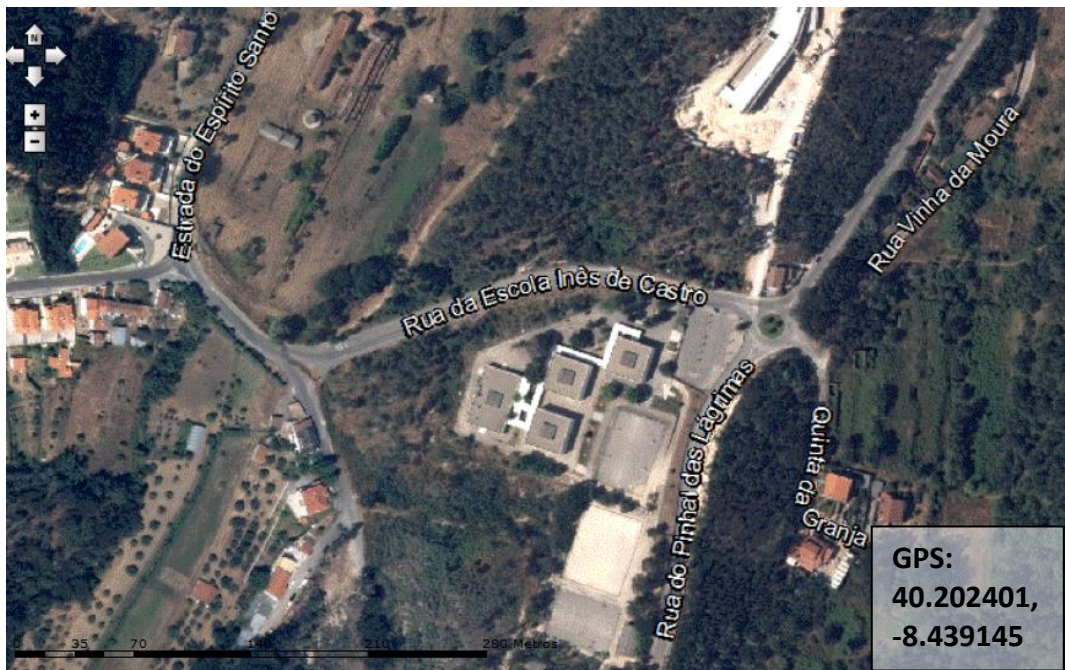


Figura 1. Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro: localização <sup>2</sup>

**Endereço:** Qt. Vinha Moura – Póvoa, S. Martinho do Bispo  
**Código postal:** 3040-226  
**Distrito:** Coimbra

A Escola onde realizei o estágio profissional foi a EB 2,3 Inês de Castro (2º e 3º ciclos do Ensino Básico), que integra o Agrupamento Vertical de Escolas de Coimbra Oeste, composto, na sua totalidade, por 17 estabelecimentos de ensino.

Esta escola situa-se na freguesia de São Martinho do Bispo, entretanto unida à de Ribeira de Frades (União de Freguesias de S. Martinho do Bispo e Ribeira de Frades), no âmbito do processo de reorganização das freguesias realizado pela Administração Central. É uma freguesia dominada por serviços de saúde (Hospital dos Covões; Escola Superior de Enfermagem, Pólo B; ...).

O meio envolvente é tranquilo e, no global, acolhedor, promovendo grande proximidade entre alunos, professores e funcionários – fator positivo no desenvolvimento do estágio curricular.

---

<sup>2</sup> Print screen do ortofoto retirado do site do Sistema de Informação Geográfica do Município de Coimbra, em <http://sig.cm-coimbra.pt>

A escola é dotada de serviços essenciais para o bom funcionamento: gabinete de psicologia; biblioteca (confortável e possuidora de materiais bibliográficos relevantes para discentes e para docentes); internet *wireless* disponível; sala de professores, sala de convívio dos alunos; grande espaço interno onde os alunos podem circular livremente.

Quanto a atividades extracurriculares, evidencia-se a parceria da Escola Básica 2,3 de Inês da Castro com o Conservatório Regional de Coimbra, os vários clubes (Clube Europeu; Clube Escola Solidária, Clube de Música) e os projetos de desporto (atletismo, canoagem, ...).

Destaco ainda as constantes divulgações e mostras de trabalhos dos alunos (nas paredes dos corredores, na biblioteca, junto à porta de entrada da escola, na sala dos professores), comprovando que os docentes se empenham em incentivar, criativa e cientificamente, os alunos.

## **1.2. O núcleo de estágio**

O grupo deste estágio pedagógico (eu, o estagiário Francisco Costa e o estagiário Ricardo Feijão) foi orientado/supervisionado, em seminário, pelas Professoras Doutoras Ana Isabel Ribeiro (História) e Adélia Nunes (Geografia), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, envolvidas em coorientação com as orientadoras na escola, professoras Fátima Galhim (História) e Maria José Reis (Geografia).

No início do ano letivo (2015/2016), as diversas turmas foram, através de sorteio, distribuídas pelo Núcleo de Estágio da unidade disciplinar História e Geografia. As turmas em sorteio foram do 7º ano: 7º K, 7º X e 7º Y. Foi-me atribuída a turma 7º X, a Geografia e a História, por haver compatibilidade horária.

### 1.3. A turma

A turma que me foi atribuída era, inicialmente, composta por dezanove (19) alunos, contudo, dois alunos mudaram de escola, por motivos pessoais (uma aluna, no 1º Período; um aluno, no 2º Período); todavia, entraram duas alunas no 1º Período. Assim, e veja-se o Gráfico 1, a turma ficou composta por dezanove (19) alunos (número considerado razoável): oito alunos do sexo masculino e onze do sexo feminino.

Esta turma tinha, como se ilustra com o Gráfico 2, cinco (5) alunos em situação de repetência, um (1) aluno com necessidades educativas especiais e um (1) aluno disléxico.

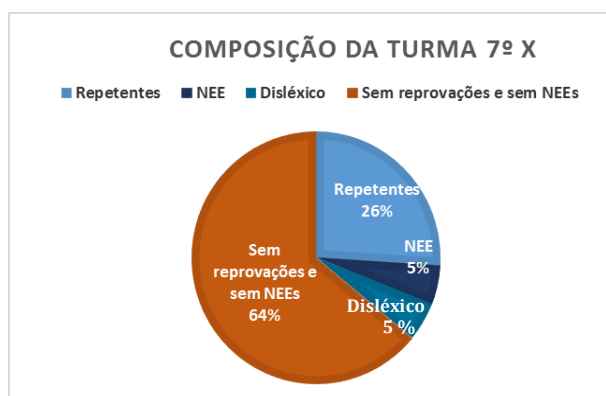
A maioria dos alunos estava, pela primeira vez, junta na mesma turma. A sua média global de idades rondava os doze anos.

A maior parte dos alunos não valorizava a escola e revelava muitas dificuldades de aprendizagem, fracos hábitos de estudo, dificuldades de concentração, comportamentos desadequados ao contexto de sala de aula e prejudiciais à aprendizagem, grandes problemas de disciplina (já vividos por alguns discentes, em anos letivos transatos)

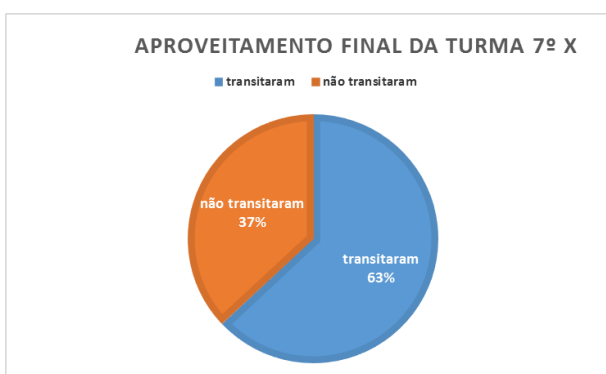
Desta forma, no final do 3º Período, doze (12) alunos transitaram para o 8º ano de escolaridade e sete (7) alunos ficaram retidos (ver Gráfico 3).



**Gráfico 1.** Constituição da turma 7º X, tendo em conta o sexo.



**Gráfico 2.** Composição da turma 7º X: repetências e NEES



**Gráfico 3.** Aproveitamento final da turma 7º X

## **2. Atividades desenvolvidas no âmbito do estágio**

### **2.1. Atividades letivas**

Com o intuito de melhorar o seu desempenho como futuros professores, o núcleo de estágio observou mais aulas do que o número mínimo (75%) de aulas lecionadas pelos orientadores das turmas que lecionava.

Na área disciplinar de História, foi dada a oportunidade de assistir a aulas de turmas do ensino secundário, lecionadas por outros professores, na escola-sede do Agrupamento Oeste, Escola Secundária D. Duarte. Na área disciplinar de Geografia também foi dada a oportunidade de assistir a aulas de uma turma do ensino secundário, afeta à orientadora de Geografia.

Para além da observação de aulas de professores, os docentes estagiários observaram todas as aulas lecionadas pelos colegas estagiários do seu Núcleo de Estágio.

Ao longo do ano de estágio, como já foi referido, lecionei aulas de História e de Geografia à turma 7<sup>º</sup> X. A carga horária de História era de três tempos semanais de 45 cinco minutos, a de Geografia era de dois tempos semanais de 45 minutos. Assim, lecionei na disciplina de História um número de aulas superior ao de Geografia.

Contudo, o número de aulas lecionado, em ambas as disciplinas, foi muito superior ao mínimo pedido. De acordo com o Plano Anual Geral de Formação, o número mínimo de atividades letivas que o professor estagiário tem de assegurar situa-se entre 28 e 32 aulas de 45 minutos ou entre 14 e 16 aulas de 90 minutos, divididas equitativamente pelas duas áreas de formação. Ora, no meu caso, este mínimo foi largamente ultrapassado: lecionei dezasseis blocos de 90 minutos e dez blocos de 45 minutos a História, onde um bloco de 90 minutos e um de 45 minutos foram assistidos pela Professora Doutora Ana Isabel Ribeiro. Lecionei ainda dois blocos de 45 minutos e vigiei duas aulas de ficha de avaliação à turma 7<sup>º</sup> K, turma um pouco mais interessada em aprender do que a turma afeta, mas igualmente desassossegada e com fracos resultados.

O número de aulas lecionadas na disciplina de Geografia não foi tão elevado: lecionei dez blocos de 90 minutos, tendo a Professora Doutora Adélia Nunes assistido a duas aulas de 90 minutos e a uma de 45 minutos (dado tratar-se da última aula do 3<sup>º</sup> Período e os restantes quarenta e cinco minutos destinarem-se à autoavaliação dos alunos).



Ao longo do ano letivo, tendo em conta as características da turma afeta e visando superar as suas dificuldades de comportamento e de aproveitamento, procurei sempre:

- adaptar as estratégias a utilizar;
- selecionar documentos de fáceis leitura e interpretação;
- incutir hábitos e métodos de estudo;
- incentivar a participação de todos os alunos, de modo a envolvê-los nas várias atividades da aula, ou seja, no seu processo de ensino-aprendizagem.

Com o objetivo de desenvolver a atenção e a concentração dos alunos e o seu gosto pelo estudo da História e da Geografia, a motivação das aulas também não foi descurada:

- optei, sempre que possível, por recorrer a exemplos significativos do dia-a-dia para a introdução dos temas a lecionar,
- procurei encontrar uma prática didática que fosse cativante, que incentivasse a ter método de trabalho, individual e em grupo, e que exigisse do professor maior orientação, a fim de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades;
- criei materiais didáticos de raiz, utilizando imagens apelativas, pequenas teatralizações, jogos didáticos com prémio para o grupo vencedor; curtas metragens; enredos com personagens ilustrativas; maquetes, música;
- procurei sempre dar reforço positivo aos alunos;
- preocupei-me verdadeiramente com as dificuldades de cada aluno, acompanhando-o em sala de aula e no espaço-escola;
- forneci o meu *e-mail* para auxiliar os alunos no esclarecimento de dúvidas;
- procurei, nas vésperas das aulas de avaliação, dar apoio individual.

Ciente de que a avaliação engloba o ternário formativa-sumativa-diagnóstica, o núcleo de estágio, sempre sob supervisão da orientadora, criou instrumentos de avaliação sumativa, destacando-se os testes de avaliação, as respetivas matrizes (entregues aos alunos) e os critérios de correção. A aplicação destes critérios e as pontuações atribuídas eram verificadas pelas orientadoras, antes de serem transformadas em classificações.

Contudo, porque as turmas tinham características bastante diferentes, cada docente estagiário adaptou à sua turma os instrumentos de avaliação. Desta forma, e entre outras muitas adaptações, elaborei testes de avaliação para o aluno de necessidades educativas especiais (turma 7º X). Por iniciativa própria, elaborei ainda minifichas de informação e minifichas de avaliação formativa, com o intuito de incentivar a curiosidade dos alunos promovendo o seu interesse pelo conhecimento.

## **2.2. Atividades não-letivas**

O trabalho do professor vai muito além das aulas, portanto, ter o cuidado de realizar atividades fora destas é uma das características que considero fundamentais num docente. Como professora estagiária tinha, inicialmente, expectativas bastante elevadas neste aspeto, estava cheia de ideias para “dinamizar a escola”. Não pude concretizá-las todas, mas as atividades envolvendo o núcleo de estágio foram consideráveis:

- presença em reuniões das diferentes estruturas da realidade escolar (reuniões de coordenação de ciclo, reuniões de avaliação intercalar);
- presença na Palestra sobre a Primeira Guerra Mundial, realizada pelo convidado especial Sérgio Neto;
- criação e dinamização da sala de estudo de História, que tomou o nome que sugeri: “Távola redonda”. Destinada aos alunos com mais dificuldades, esta sala pretendia inculcar hábitos de estudo e de aprendizagem, talvez por isso tenham também comparecido vários alunos empenhados e interessados nas nossas explicações. A dinamização consistiu, sobretudo, na apresentação orientada de documentos-vídeo, na transmissão de curiosidades sobre a matéria em estudo, no fornecimento de materiais necessários à preparação das fichas de avaliação. A frequência era semanal – terças-feiras, das dezasseis horas e vinte e cinco minutos às dezassete horas e dez minutos (16:25h/17:10h);
- participação e codinamização da visita de estudo (precedida de aula preparatória) dos alunos do 7º ano, ao Centro de Interpretação de Aljubarrota, às Grutas de Mira de Aire e ao mosteiro da Batalha, no âmbito das disciplinas de História e Geografia;
- participação na visita de estudo a Lisboa (9º ano), no âmbito da disciplina de História - Mosteiro dos Jerónimos (assistir ao “Auto da barca do inferno”, de Gil Vicente, obra obrigatória a Português, no 9º ano), Museu de Arqueologia e Museu da Eletricidade;

- participação na comemoração do Mês Internacional da Biblioteca Escolar, subordinado ao tema “ A Biblioteca escolar é super!”, com a visualização da longa-metragem “A menina que roubava livros”, destinada aos alunos do 9º ano;
- participação ativa nas “ Olimpíadas de História”, destinadas às turmas do 7º ano;
- realização, nos 1º e 3º Períodos, de atividades lúdico-didáticas (jogos, vídeos e fichas de trabalho) para incentivar o interesse pela História nos alunos do 4º ano de escolaridade.

### **2.3. Seminários pedagógicos**

Para além das aulas lecionadas, o núcleo de estágio tinha que comparecer aos seminários pedagógicos, que decorriam todas as semanas no âmbito das duas disciplinas: Geografia, às quartas-feiras, entre as nove horas e meia e o meio-dia (embora a orientadora tenha disponibilizado o seu tempo quando era necessário); História, às terças, quintas ou sextas, em horário conforme à disponibilidade de todos.

Nestes seminários eram discutidos todos os assuntos relacionados com o estágio pedagógico (atividades letivas e não letivas). Eles serviram para orientar a planificação e discussão das aulas (sobre as quais cada elemento emitia o seu parecer), para elaborar e apresentar fichas de avaliação, para discutir questões relativas à avaliação dos alunos e para planear atividades extraletivas.

## **3. Reflexão sobre o estágio**

O estágio de prática pedagógica foi o meu primeiro contacto com o mundo didático-pedagógico, como docente, conseqüentemente, foi um ano letivo de tal modo trabalhoso, intensivo e dedicado ao trabalho que foram raras as horas que passei sem trabalhar para o estágio, e não houve um único dia em que, mesmo inconscientemente, eu não estivesse a planear uma aula ou a discursar a matéria, mentalmente.

Um dos pontos fortes do estágio foi a Escola que me acolheu, cujo ambiente era globalmente acolhedor, não só pelo meio envolvente (uma área bastante sossegada), mas sobretudo pelos vários intervenientes da comunidade escolar (professores, assistentes operacionais, alunos) que, de uma forma geral, eram simpáticos, agradáveis e sempre disponíveis para nos ajudar.

Um dos pontos menos positivos foi ter uma única turma (e problemática), uma vez que raramente recebia um *feedback* positivo, e, portanto, amiúde pus em causa o meu empenho (embora soubesse que fazia o meu melhor) devido ao facto de os alunos não mostrarem interesse e de, frequentemente, ter que lhes pedir silêncio, atenção e cooperação. A turma 7<sup>o</sup> X era considerada a turma com mais dificuldades e pior comportamento, na escola. Lecionar a esta turma foi, sem dúvida, um desafio. Porém, e porque, na minha perspetiva, o professor deve encontrar estratégias que esbatam e/ou anulem os aspetos negativos, procurei não valorizar a indisciplina dos alunos mas incentivá-los com reforço positivo, sempre que possível.

Inicialmente, essas estratégias tiveram um resultado bastante satisfatório, os alunos cooperavam e mostravam-se interessados, e eu, como professora, apesar de todas as minhas inseguranças e medos, estava lá, para ensinar, para os ouvir, para colocar ao seu serviço a minha criatividade e o meu saber. O esforço foi muito, dia após dia, noite após noite, para que, no dia seguinte, pudesse dar o meu melhor. Todavia, com o decorrer do tempo, a desmotivação impôs-se, até porque também eu, aluna-professora, carecia de compreensão e de reforço positivo.

Ao longo do ano letivo, procurei estruturar as aulas de forma acessível aos alunos, mas clara e respeitadora do programa e respetivas metas, pois, sendo apenas professora-estagiária, sentia fortemente a ausência de um fio condutor que correlacionasse eficazmente a minha prática pedagógico-didática. Mesmo assim, procurei, sempre, criar materiais diversos de forma a incentivar os alunos.

Contudo, apesar de todos os aspetos menos positivos da turma 7<sup>o</sup> X, vou recordar estes meus alunos com muito carinho, pois foram os meus primeiros alunos e, apesar de tudo, não queria outros.

# CAPÍTULO II

*Aprofundamento científico*

# 1. A Cartografia

## 1.1. Breve resenha contextualizadora da sua evolução

A Cartografia analisa o espaço, elabora a respetiva representação e tem, na *carta*, o seu objeto central. A carta é “a representação gráfica simbólica, geralmente plana, da superfície da Terra ou de outro corpo celeste, e dos fenómenos aí localizados<sup>3</sup>. Na terminologia portuguesa, a distinção de carta e mapa não está consolidada”, sendo o termo *mapa* mais utilizado e, normalmente, como sinónimo de *carta*<sup>4</sup>. Contudo, é preciso não confundir mapa/carta com Cartografia pois mapa “é a representação gráfica, a imagem/objeto, enquanto a Cartografia é a ciência que trata da conceção, produção, utilização e estudo documental dos mapas”, ou, como proposto pela *International Cartographic Association*, em 2003, habilidade “singular para a criação e manipulação de representações, visuais ou virtuais, do espaço geográfico – mapas – permitindo a exploração, análise, compreensão e comunicação de informação acerca desse espaço”<sup>5</sup>.

Ao longo dos tempos, o ser humano tem estudado o espaço visando guardar e transmitir “o conhecimento que ia adquirindo sobre os diferentes fenómenos espaciais”<sup>6</sup> que influenciavam a sua vida e, nesse sentido, desenvolveu os antecedentes do que hoje denominamos de Geodesia<sup>7</sup> e de Cartografia.

Ciência fundamental para as mais variadas áreas do conhecimento, a Cartografia permite-nos conhecer o espaço envolvente, de forma sintética e mais perceptível. De facto, analisar as várias formas de representação da superfície terrestre é essencial para compreender a evolução urbana, ou seja, o espaço vivido e modificado pelo ser humano.

Nesta perspetiva, ser-nos-á lícito concluir que, para além de podermos investigar o espaço urbano através do espaço físico (que mantém os vestígios deixados pelo ser humano), também o podemos investigar através de registos (descrições ou desenhos do espaço) que, mesmo quando pouco rigorosos, são importantes ferramentas para entender o passado.

Inferimos então que a Cartografia esteve e está sempre em evolução, ao sabor das épocas e das culturas<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup>GASPAR, Joaquim Alves; *Dicionário de Ciências Cartográficas*. p. 55.

<sup>4</sup> Segundo Joaquim Gaspar e Mário Fernandes, “ Mapa” é um termo de utilização comum, aplicável à generalidade das representações cartográficas, enquanto o termo “Carta” é especialmente usado no âmbito da Cartografia topográfica e náutica.

<sup>5</sup>FERNANDES, Mário Gonçalves; *Cartografia. Programas, conteúdos e métodos de ensino*. p.15

<sup>6</sup> TORRES, João Manuel Agria; *Evolução do espaço físico de Coimbra*. p. 111

<sup>7</sup> Segundo Carlos Antunes, Geodesia [palavra de origem grega: *desia* (divisão) *geo* (terra) = divisão da terra] estuda a descrição (representação) da superfície da Terra, através da determinação de coordenadas de pontos representativos da superfície.

<sup>8</sup> VIDAL-NAQUET, Pierre; *Atlas Histórico*. p.7

Numa primeira fase da sua história, a Cartografia não tinha rigor científico – lembremos a escola de Mileto, que, através de Thales (cerca de 600 A.C), concebia o mundo como um disco achatado envolto num oceano infinito. Contudo, 250 anos mais tarde, Aristóteles introduziu a primeira abordagem científica, ao conceber a Terra como uma esfera e ao fazer a primeira alusão ao campo gravítico. Esta abordagem permitiu que Eratóstenes, responsável pela Biblioteca de Alexandria, publicasse o Mapa-Mundo (talvez a primeira forma de Cartografia com alguns fundamentos científicos). Porém, os desenvolvimentos importantes no domínio da Cartografia<sup>9</sup> só surgiriam no século XVI.

Segundo Pierre Vidal-Naquet, “*a História dos Mapas confunde-se com a História dos Descobrimentos*”<sup>10</sup>, constituindo os séculos XV e XVI uma viragem decisiva onde o conhecimento do Velho Mundo progride. Neste contexto, sublinha-se o desenvolvimento científico da Física e da Matemática (que muito tem contribuído para precisar a representação da Terra) e destaca-se o papel:

- de Gerardo Kramer, que, para a navegação, concretiza a Mercator (a primeira representação da Terra com fundamentações matemáticas);
- de Pedro Nunes, o matemático português que consagrou grande parte da sua vida e obra aos problemas da navegação;<sup>11</sup>
- da Academia Real de Ciências Francesa, que, em 1734, realizou uma experiência controlada para calcular o achatamento polar.

Todos estes contributos permitiram medidas mais rigorosas do nosso planeta,<sup>12</sup> mas os primeiros mapas científicos só foram produzidos no século XVIII, em França, país que dominava o mercado da Cartografia. A partir de então, foram “*criadas instituições governamentais destinadas à cartografia de vários países*”<sup>13e14</sup> e a Cartografia torna-se, gradualmente, uma instituição<sup>15</sup>.

---

<sup>9</sup> Os mapas continuavam pouco exatos e ligados à arte (continham figuras fantasiosas e decorativas). Para representar as cidades, usava-se gravuras. É o caso de Duarte D’Armas, que, a mando de D. Manuel I, fez um levantamento do estado das fortificações que faziam fronteira com Castela (*Livro das Fortalezas*). Segundo Walter Rossa, para Coimbra destaca-se o ilustrador Georg Hoefnagel, cuja ilustração da cidade (1566 ou princípios de 1567), constitui a primeira panorâmica planificada de Coimbra. (cf. p. 36 do presente relatório).

<sup>10</sup> VIDAL-NAQUET, Pierre; *Atlas Histórico*, p.11

<sup>11</sup> O século XVI corresponde a um período áureo da Cartografia Portuguesa, fazendo de Lisboa o grande centro de conhecimentos geográficos e cartográficos. Leia-se Maria Helena Dias, *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. Capítulo: “Evolução da Cartografia portuguesa”, p.42

<sup>12</sup> TORRES, João Manuel Agria; *Evolução do espaço físico de Coimbra*, p. 111

<sup>13</sup> Consultado no *website* da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Engenharia Geográfica, em [www.fc.up.pt/lic\\_eg/cartografia.html](http://www.fc.up.pt/lic_eg/cartografia.html).

<sup>14</sup> No caso de Portugal, “*Em 1788 o Governo Português reconheceu que sem Cartografia não podia governar, mandando que se iniciassem os trabalhos geodésicos necessários para a cobertura do País. Assim começou a Cartografia «científica», bem como o estudo da forma da Terra, abandonando-se os esboços cartográficos então existentes, chamados de Cartas Geográficas, que além dos mais tinham um elevado valor como obras de arte. (...)*” Sobre o assunto leia-se Maria Helena Dias, *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. Capítulo III : *Novos rumos para a Cartografia topográfica portuguesa*, p.127

<sup>15</sup> VIDAL-NAQUET, Pierre; *Atlas Histórico*, p.8

Aqui, é fulcral lembrar que o vocábulo «cartografia», “criado pelo historiador português Visconde de Santarém em carta de 8 de Dezembro de 1839, escrita em Paris e endereçada ao historiador brasileiro Adolfo de Varnhagem”, foi, desde esta data, “adotado internacionalmente”.<sup>16</sup> Na verdade, Portugal foi dos primeiros países “a produzir cartografia geológica” (destaque-se os esboços geológicos dos arredores de Lisboa, em 1841, do Porto, em 1849, e da região do Alto Douro, em 1848). “Esta actividade foi iniciada de forma sistemática a partir da criação da «1ª Comissão Geológica» em 1848, que constitui uma das primeiras instituições oficiais de geociências a surgir a nível mundial. O desenvolvimento da cartografia geológica no nosso País está directamente relacionado com a evolução das instituições que administraram o conhecimento científico do território nacional. A produção de mapas geológicos, a diversas escalas, tem sido efectuada de forma quase contínua até aos nossos dias.”<sup>17</sup>

Com o desenvolvimento dos progressos técnicos, surgem a triangulação do território, a invenção da fotografia e novas técnicas para melhorar o rigor científico, entre elas, a observação aérea (um método revolucionário para a Cartografia).

Em 1858, os balões dirigíveis possibilitam a observação da superfície terrestre e, após as duas guerras mundiais, a progressiva utilização do avião e da fotografia aérea aperfeiçoam o rigor científico das cartas, alcançando “uma grande precisão na cartografia do litoral e das regiões inacessíveis” num método que “exige a interpretação rigorosa dos negativos: natureza do solo, formações rochosas e vegetação”.<sup>18</sup>

A fotogrametria<sup>19</sup> surge em 1913 (quando, pela primeira vez, se utilizou o avião “para obtenção de fotografias destinadas à produção cartográfica”<sup>20</sup>), mas demorou a implantar-se, porque exigia equipamentos bastante específicos. Em Portugal, foi criada, nos anos 30 do século XX, a Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos, Lda. (SPLAL), onde se destacou o general Norton de Matos. A SPLAL elaborou a primeira carta topográfica produzida em Portugal com recurso a técnicas fotogramétricas (a Planta Topográfica da Cidade de Coimbra,<sup>21</sup> considerada, então, um grande avanço tecnológico<sup>22</sup>),

---

<sup>16</sup> A palavra Cartografia é proveniente da inflexão do francês *chartographie*, esta criada em 1832.

<sup>17</sup> ROMÃO, José Manuel Correia; CUNHA, Teresa Arriaga; *Cartografia geológica Uma mais-valia para o desenvolvimento do território*. pp. 6 e 7

<sup>18</sup> VIDAL-NAQUET, Pierre; *Atlas Histórico*. p.9

<sup>19</sup>Segundo o *Website* da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Engenheira Geográfica em [http://www.fc.up.pt/lic\\_eg/fotogrametria.html](http://www.fc.up.pt/lic_eg/fotogrametria.html), a fotogrametria é a “técnica que permite efectuar medições rigorosas a partir de fotografias. Com fotografias aéreas verticais são obtidas medidas de posições de pontos que vão dar origem ao desenho de cartas topográficas. As fotografias aéreas são adquiridas com alguma sobreposição, o que origina, devido a diferentes perspectivas de um mesmo local, uma percepção das três dimensões do terreno, permitindo assim medir altitudes de forma rigorosa.”

<sup>20</sup> TORRES, João Manuel Agria; *Evolução do espaço físico de Coimbra*, p. 124

<sup>21</sup> *Idem*, p. 125

<sup>22</sup> Uma das razões para a sua elaboração foi o levantamento da planta da cidade devidamente cotada, para desenvolver o Plano de Urbanização e melhoramentos. Esta planta, elaborada pelo Engenheiro Geógrafo José Baptista Lopes, é um importante exemplo da Alta anterior à *Cidade Universitária*, ou seja, anterior às demolições.



ou seja, “*de forma pioneira Coimbra tornava-se assim a primeira cidade nacional a aplicar este novo método de levantamento topográfico*”.<sup>23</sup> Na verdade, o século XX português testemunhou um enorme progresso das técnicas fotogramétricas, destacando-se, em 1950, a introdução do ortofotomapa<sup>24</sup>.

Saliente-se também a utilização de satélites artificiais na captação de imagens muito rigorosas da superfície terrestre, permitindo o desenvolvimento da teledeteção.<sup>25</sup>

Nos finais do século XX, com o aparecimento dos computadores e “*o desenvolvimento de sistemas de desenho automático assistido, de processamento digital de imagens e de sistema de gestão de bases de dados, entre outros*”<sup>26</sup>, surge a informação georreferenciada. Por outras palavras, da aplicação das tecnologias informáticas ao campo das ciências geográficas<sup>27</sup> emergiu o conceito de Sistema de Informação Geográfica (SIG)<sup>28</sup>. Segundo Torres, a Cartografia passou de “*ciência e arte*” à “*geomática*”, refletindo uma nova realidade (informação geográfica + informática) e uma nova cartografia (a cartografia digital). Assim, “*com este novo meio de produção, processamento, armazenagem e manipulação de dados geo-espaciais tornou-se também possível a sua rápida integração, permitindo criar uma mais-valia na sua exploração, que conduz por sua vez à obtenção de mais informação*”<sup>29</sup>.

Por conseguinte, as atividades ligadas à produção de *geo-informação* foram das primeiras a beneficiar dos satélites artificiais vocacionados para Detecção Remota e Sistema de Posicionamento Global (o GPS), sistema que se massificou e se tornou mais acessível, nas últimas duas décadas, apesar de conhecido há cerca de 35 anos.

Em suma, a revolução tecnológica verificada nas últimas décadas reflete-se na Cartografia, que, aliada “*às exigências cada vez maiores da utilização de informação georreferenciável, levou instituições produtoras de cartas topográficas a investirem na Cartografia digital, abandonando a produção clássica (desenho e gravação manuais, colagens, etc.)*.”<sup>30</sup> Só desta maneira se conseguirá a atualização mais rápida da informação, o seu multi-uso e a sua utilização como base num SIG.

---

<sup>23</sup> CALMEIRO, Margarida Isabel Relvão; *Urbanismo antes dos planos: Coimbra 1834-1934*, Vol. I, p.334

<sup>24</sup> Segundo o site da Oficina do Mapa, o ortofotomapa “*é um produto cartográfico que permite a visualização da superfície terrestre tal como é proporcionada pela fotografia aérea mas sobre a qual foram removidas as distorções causadas pela inclinação da câmara e pelo relevo*”.

<sup>25</sup> Conjunto de técnicas para estudar a Terra ou a atmosfera a partir de satélites artificiais.

<sup>26</sup> DIAS, Maria Helena; *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*, p.145

<sup>27</sup> TORRES, João Manuel Agria; *Evolução do espaço físico de Coimbra*, p. 127

<sup>28</sup> Sistemas computadorizados que aglutinam informação geográfica com outros tipos de informação (numérica, imagem, áudio, textual ...) utilizando diversas fontes. É uma ferramenta de trabalho bastante importante para trabalhos de ordenamento e de planeamento do território.

<sup>29</sup> TORRES, João Manuel Agria; *Evolução do espaço físico de Coimbra*, p. 128

<sup>30</sup> DIAS, Maria Helena; *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*, p.155

## 1.2. A importância da Cartografia na atualidade

O desenvolvimento tecnológico e a generalização do uso dos computadores (com programas de fácil manuseamento, capazes de armazenar e de tratar um elevado número de dados) têm vindo a facilitar, cada vez mais, a utilização e a produção (mesmo por não especialistas) de materiais (como mapas, dos quais é exemplo o *arcGIS*) e a busca das várias formas de representação da superfície terrestre, em formato digital.

O acima exposto torna a Cartografia quase omnipresente no nosso quotidiano, durante o qual facilmente recorreremos aos mapas, ao *GPS*, ao *Google Earth* (entre outros instrumentos) para resolvermos questões práticas (escolher um percurso; procurar monumentos e/ou serviços; consultar a meteorologia, ...). Além disso, existem atualmente aplicativos que fazem uso do Sistema de Posicionamento Global, como, por exemplo, alguns jogos em *Smartphones*<sup>31</sup>. No entanto, muitos de nós recorreremos às cartas (aos mapas) para melhor apreender uma determinada informação, cuja complexidade escapa à nossa compreensão global e imediata.<sup>32</sup>

A Cartografia é, hoje, bastante valorizada pela sociedade (embora nem sempre conscientemente), que se encontra “*dependente das imagens e com menos tempo para ler e analisar a informação escrita*.”<sup>33</sup> Porém, a massificação da informação (a maior utilização de programas e de produção de materiais originais) permite a divulgação de conteúdos desajustados ou imprecisos, pelo mau manuseamento dos instrumentos de produção e/ou por falta de conhecimento científico. Portanto, é fundamental que quem produz, divulga e/ou contacta com os materiais, domine as técnicas de representação e conheça a linguagem intrínseca, a fim de detetar e de evitar a divulgação incorreta da informação.<sup>34</sup> Neste sentido, importa a existência de leitores formados e atentos que saibam detetar e corrigir as informações partilhadas.

Para Maria Helena Dias<sup>35</sup>, alguns dos erros mais frequentes em imagens cartográficas são:

- a) a deficiência de simbolização temática (símbolos de difícil perceção ou não uniformes, má utilização das cores, como a escala de cinzentos de difícil leitura);
- b) a fraca relação do texto com a imagem;
- c) a má qualidade de imagem;

---

<sup>31</sup> O exemplo mais recente é o êxito do jogo de realidade aumentada denominado de *Pokémon G*, que faz uso do GPS e da câmara do dispositivo móvel.

<sup>32</sup> SILVA, Ana Alexandrino da; *Gráficos e Mapas. Representação de informação estatística*, p. IX

<sup>33</sup> *Idem*, p. 1

<sup>34</sup> *Ibidem*, p.4

<sup>35</sup> DIAS, Maria Helena; *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*, p.155

d) a ausência de

- título – facto ultrapassável, em alguns casos (por se tratar de mapas de localização muito simples ou por o texto anexado esclarecer a imagem), noutros, impede a leitura (por falta de identificação);
- legenda - não fornecendo uma leitura clara e rápida do mapa;
- orientação – lembremos que esta é fulcral para a leitura da localização/posição através das coordenadas geográficas de uma determinada área;
- escala – falta grave em casos envolvendo áreas menos conhecidas e quando se propõe a leitura de trajetos entre lugares<sup>36</sup>.

Deste modo se compreende que conhecer e dominar a linguagem cartográfica *“constitui uma atividade mental que conduz ao conhecimento do planeta que habitamos e do qual dependemos para sobreviver, e que teremos de habitar ainda por um longo tempo”*.<sup>37</sup> Logo, é essencial formar cidadãos que saibam reconhecer o mundo no qual vivem e entender que são sujeitos capazes de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço (possibilitando-lhes as estruturas e as ferramentas indispensáveis à identificação do seu lugar nessa sociedade); cidadãos que saibam ler corretamente os instrumentos em causa, para que exerçam, com consciência e dinamismo, um papel ativo e educador.<sup>38</sup>

Neste contexto, considerar-se-á que a melhor forma de sensibilizar para a grande relevância da Cartografia (e de todos os instrumentos de representação da superfície terrestre) é, sem dúvida, a disciplina de Geografia (em meio escolar), cientes de que, *“embora a Geografia faça maior uso de mapas do que qualquer outra ciência, não se deve confundi-la com Cartografia. O mapa é, ao mesmo tempo, uma das suas bases de trabalho e um dos seus recursos de expressão: sem ele, em muitos campos, é impossível caminhar com segurança.”*<sup>39</sup>

Ora, sendo a Geografia a *“ciência social responsável em estudar o espaço (re) construído pelos homens”*<sup>40</sup> e a Cartografia a representação deste, o geógrafo precisa de conhecer, descrever e viver o espaço, para o conseguir representar.<sup>41</sup>

Referidos o significado, a história e a importância da Cartografia, complementada com a Geografia, importa agora recorrermos à História, para entendermos o espaço vivido pelo ser humano ao longo dos tempos, a sua herança, os seus vestígios, enfim,

---

<sup>36</sup> Idem, pp.249-250

<sup>37</sup> COSTA, Franklin Roberto da; *A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões*, p.109

<sup>38</sup> Idem, p.249

<sup>39</sup>RIBEIRO, Orlando; *Introdução ao estudo da geografia regional*, p. 39.

<sup>40</sup> COSTA, Franklin Roberto da; *A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões*, p.107

<sup>41</sup> Segundo Mafalda Nesi Francischett, reconheceu-se a importância de estudar Geografia e os mapas, em 1870, quando os franceses, após serem derrotados pelos alemães, sentiram falta do conhecimento geográfico e promoveram reformas no ensino, obrigando a realizarem excursões geográficas, estudando-se previamente os mapas e realizando croquis.

compreendermos melhor quem somos e para onde caminhamos, por outras palavras, importa realizar a análise histórica do espaço com o suporte da Cartografia, que funciona como um elemento de ligação entre a História e a Geografia e sem a qual a percepção da transformação provocada pelo sujeito histórico fica por conhecer.

Assim, nas próximas páginas, analisar-se-á a evolução urbana da Alta de Coimbra recorrendo, também, a alguns mapas e lembrando que a Cartografia sempre acompanhou o desenvolvimento científico, e que, até aos séculos XVIII/XIX, a Cartografia da cidade de Coimbra (neste caso, da Alta) é quase inexistente sendo, aqui, colmatada por reconstituições do espaço possibilitadas pelos vários autores cujos esforço e dedicação recriaram o espaço vivido.

## 2. A evolução urbana da Alta de Coimbra

### 2.1. A delimitação da área de estudo

A cidade de Coimbra circunscreve-se, tradicionalmente, em torno da colina que inclui o centro histórico com a “Alta”, universitária, e a “Baixa”, comercial.

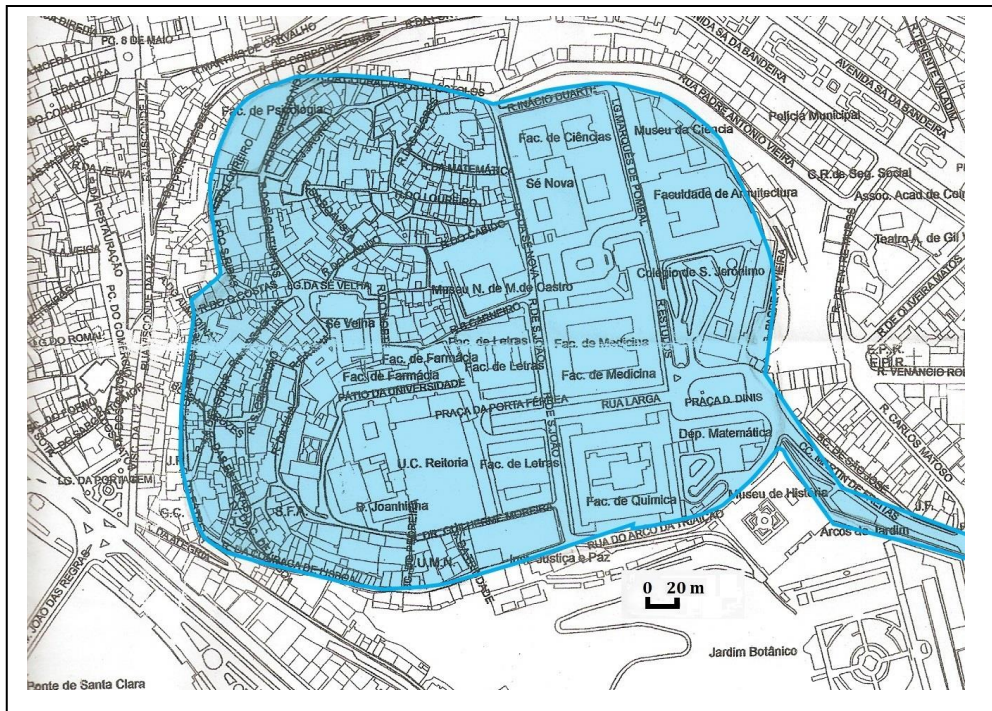
No presente trabalho, a área de estudo é o centro histórico (a denominada “Alta”), apesar de haver referências a edifícios, a ruas e a locais exteriores a este núcleo, a área principal será a área alcandorada, mais precisamente, a área que outrora se encontrava demarcada pelas muralhas. Segundo Rosmaninho, a “Alta” tem *“sido geralmente delimitada a partir das antigas muralhas que defendiam a zona alta da cidade e das quais restam hoje escassíssimos vestígios.”*<sup>42</sup>



Figura 2. Delimitação da Alta Coimbra

<sup>42</sup> ROSMANINHO, Nuno; *O princípio de uma revolução urbanística no Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra. (1934-1940)*, p. 11.

Para delimitar a área de estudo, utilizei uma planta da atual Alta de Coimbra (figs. 2 e 3), gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Coimbra, e baseei-me, sobretudo, na descrição de Ana Margarido<sup>43</sup> "A muralha partia do Castelo na direção Norte, contornava o monte coroado a escarpa, seguia depois para Oeste em direção ao que mais tarde se designaria por Couraça dos Apóstolos. No local onde a Couraça dos Apóstolos termina e começa a Rua do Colégio Novo abria-se a Porta Nova. O pano de muralha junto à rua Sub-Ripas, pela parte exterior e descia a festo até à Porta de Almedina (...) A muralha continuava na direção sul, nas traseiras da atual Rua Fernandes Tomás, e passava pela rua Estrela até à porta Belcouce, fletia então para este acompanhando o atual percurso da Couraça de Lisboa até à Porta do Sol ou Castelo."<sup>44e45</sup> Do mesmo modo, pareceu-me importante incluir, neste estudo, o aqueduto, pois considero-o um elemento fulcral na história da evolução espacial da Alta. "Alta" que "guarda ainda a lembrança do passado. A união entre o passado e o presente está neste mesmo espaço."<sup>46</sup>



**Figura 3.** Delimitação da área de estudo – área intramuros com inclusão do aqueduto. Elaboração própria.

<sup>43</sup> Ver também anexo 1.

<sup>44</sup>Voltarei a este tema em "a muralha medieval". Consultar a delimitação de Alfredo Fernandes Martins em *Esta Coimbra ... Alguns apontamentos para uma palestra*, p. 51. Consultar anexos (panfleto interpretativo do Museu Municipal de Coimbra – Torre de Almedina: núcleo da cidade amuralhada (Câmara Municipal de Coimbra).

<sup>45</sup>MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da "alta" de Coimbra – ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, p. 45

<sup>46</sup>*Idem*, p. 45

## 2.2. A contextualização histórica

### 2.2.1. O sítio e a posição

Ao longo dos tempos, as comunidades foram-se instalando em locais benéficos para o seu bem-estar, portanto, as cidades nascem inseridas numa lógica, respondendo a uma coerência que advém das necessidades e das possibilidades existentes quando desse nascimento. Assim, para melhor compreender a implantação das cidades, no tempo e no espaço, temos que abordar dois conceitos: **sítio** e **posição**.

Segundo Teresa Salgueiro:

- **sítio** “*compreende o conjunto de características do local concreto onde se implantam as construções, principalmente as topográficas geológicas*”<sup>47</sup>, por outras palavras, é o local preciso da implantação de uma cidade;
- **posição** “*refere-se à localização à escala regional, portanto, ao posicionamento face a outros núcleos de povoamento ou às vias de comunicação e está intimamente relacionada com a função original da cidade, a sua razão de ser*”, ou seja, a posição de uma cidade face a aspetos externos a esta, envolvendo o conteúdo natural e social das áreas adjacentes.

Para Paula Santana, a cidade é, na sua essência, “*o lugar seguro, onde se intensifica e aprofunda a experiência humana*”.<sup>48</sup> Sendo assim, entende-se que um dos fatores verdadeiramente relevantes para a implantação da cidade seja a função de defesa. De facto, a escolha do **sítio** está relacionada com razões práticas, como a defesa da população, o abastecimento, a disponibilidade de materiais de construção, a melhor exposição ao sol ou proteção de ventos.

Desta forma, e durante muito tempo, os sítios defensivos foram principalmente lugares altos, portanto, as cidades de origem de planície são bastante raras. Segundo Teresa Salgueiro, quase todas as cidades portuguesas “*nascem*” em **sítios** alcandorados, mesmo no caso de áreas relativamente planas – realidade que se pode comprovar no Alentejo, com cidades (Beja e Évora) e vilas (a atual vila de Mértola) que destoam da planície em redor.

Mas as preocupações para a implantação de uma cidade não se ficam apenas pela defesa e pelo seu **sítio** alcandorado, em causa estão também:

- fatores relacionados com a existência de terrenos férteis para cultivo e com a presença de cursos de água que contribuem para a melhoria da qualidade de

---

<sup>47</sup>SALGUEIRO, Teresa Barata; *A cidade em Portugal*, p. 149

<sup>48</sup>SANTANA, Paula; *Coimbra: um novo mapa. Fazer cidade sobre o sítio da cidade*, p. 76

vida do ser humano. No caso do rio, há maior possibilidade de, entre outros, irrigação, alimento e transporte. No caso do mar, destacam-se o fator climático, o transporte e o alimento;

- fatores externos (comércio e vias de comunicação) relacionados com a **posição** da cidade. A existência de vias de comunicação e de melhores vias de comunicação elege uma determinada cidade, contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento, pois é na existência de vias portuárias, ou na encruzilhada de caminhos, que *“cresceram as cidades, por ser o ponto que melhores facilidades oferecia para contacto com outras urbes ou regiões.”*<sup>49</sup>

Porém, a facilidade de acesso, de comunicação e de comércio não excluía a necessidade de defesa e os aspetos a esta subjacentes, dado que *“quanto mais opulenta uma cidade, mais apetecível ela se torna aos estranhos.”*<sup>50</sup>

Abordados os conceitos **sítio e posição**, importa agora debruçarmo-nos sobre o caso de Coimbra, cidade que não destoa do anteriormente dito.

Segundo Alarcão, a Alta da cidade assentou num morro calcário, **sítio** escolhido pelas suas características naturais de defesa (uma encosta íngreme que sobe cerca de 80 metros desde a antiga calçada romana [atual Rua Ferreira Borges] até ao local onde se situa o largo de D. Dinis)<sup>51</sup> e pela existência do rio Mondego, um fator crucial para o desenvolvimento da cidade. Contudo, importa também referir que, a sudeste, o morro era menos vincado (portanto, de mais fácil acesso), e que, a norte e a sul da encosta do morro, existiam algumas linhas de água que hoje não podemos observar, por exemplo:

- o ribeiro dos Banhos Régios, que corria num vale de falha (onde se localizam, atualmente, a avenida Sá da Bandeira e a rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes) e desembocava no rio Mondego (caminho denominado de *runa*);
- a linha de água de Coselhas e a cutilada, que descia pela atual rua do Rego d'Água, correndo pela rua das Covas, largo da Sé e Quebra-Costas.<sup>52</sup>

Desta forma, está retratada a parte alcandorada de Coimbra, cuja configuração foi alterada ao longo de dois milénios. Para Alarcão, este **sítio** tinha vantagens: a já referida característica natural de defesa (o morro) e a boa exposição solar. Todavia, este autor não deixa de enunciar as desvantagens referentes aos consideráveis declives que tornavam difícil a circulação de, entre outros, pessoas e carros de tração animal.

---

<sup>49</sup>SALGUEIRO, Teresa Barata; *A cidade em Portugal*, p. 153

<sup>50</sup>*Idem.*

<sup>51</sup>MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da “alta” de Coimbra – ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, p. 46

<sup>52</sup>ALARCÃO, Jorge; *A evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940*, p. 3

Quanto à **posição**, há que referir a cidade de Coimbra na época romana, época em que foram construídas as primeiras principais vias de comunicação – as estradas romanas. Coimbra possuía uma importante artéria que ligava Olisipo (Lisboa) a Bracara Augusta (Braga). Neste contexto, o rio Mondego não escapou à engenharia romana que o extrapolou com a construção de uma ponte, “*acabava aqui a viagem dos barcos que vinham do mar e outra viagem começava, para a serra*” tornando *Aeminium* “*um lugar privilegiado de encontro e cruzamento*”<sup>53</sup> – um centro urbano.

Ao longo dos tempos, o **sítio** e a **posição** de Coimbra vão camuflar-se conforme as características das épocas, cuja aferição implica a observação do:

- núcleo inicial
  - o núcleo urbano é, frequentemente, abandonado a favor de locais mais acessíveis (encostas pouco declivosas, zonas planas, ...) surgindo um novo aglomerado à sombra da Alta histórica, amiúde, ao lado de ruínas de castelos que permanecem no alto, vestígios da antiga povoação;
  - Coimbra é, conforme afirma Teresa Salgueiro, dos poucos exemplos onde o núcleo alcandorado foi recuperado após um longo período de decadência. A cidade assistia a um despovoamento da Alta a favor da Baixa, até a Universidade ser definitivamente instalada. Este facto manteve, na Alta, o núcleo cultural e intelectual de Coimbra; desta forma, a cidade detinha uma dualidade funcional – na parte alta, a instalação universitária, residencial (maioritariamente de estudantes) e religiosa<sup>54</sup>; na parte baixa, a zona comercial, industrial;
- do posicionamento face a outras urbes
  - ao longo da história, a evolução dos transportes e a competitividade pelo melhor meio de transporte alteraram o sistema dos lugares urbanos e, claro, a cidade em si. Na realidade, a história dos transportes reflete a enorme evolução a que as cidades tiveram que se adaptar (substituição da navegação de cabotagem pelo caminho-de-ferro, substituição deste pelos transportes rodoviários, ...) alterando estruturalmente a sua rede urbana;
  - Coimbra também passou por estas modificações e, na adaptação às necessidades, foi deparando com os problemas associados à construção da cidade, nos tempos anteriores, carecendo, sobretudo, de espaço para os novos espaços.

---

<sup>53</sup>ALARCÃO, Jorge; *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, p.25

<sup>54</sup> Para compreender quais as funcionalidades da Alta de Coimbra, hoje, consultar o último subcapítulo “*A Alta na atualidade*”.



Todos os aspetos suprarreferidos acompanham as cidades, desde o seu nascimento, numa adaptação contínua ao habitante, construindo “*no construído*”, fazendo “*cidade sobre a cidade*”<sup>55</sup>E é sobre estes aspetos que o presente trabalho se debruçará – a construção da cidade moldada pelas necessidades do ser humano.

Para ilustrar (e compreender) este processo será analisado o caso da Alta de Coimbra, passando pelos primórdios do seu núcleo a fim de se perceber a sua evolução espacial, evolução que será objeto das próximas páginas.

### **2.2.2. As origens da cidade de Coimbra: o caso da Alta**

Em Coimbra, encontramos um passado intimamente ligado à Alta porque, como dito, a cidade instala-se neste local devido às vantagens do **sítio** e da **posição**. A Alta guardou várias heranças: a romana, a muçulmana, a moçárabe e a cristã (todas as épocas históricas da Antiguidade até ao nosso século).

Neste contexto, importa referir as origens da cidade, embora bastante sucintamente, pois pouco se sabe sobre a sua verdadeira origem.

Segundo Manuel Costa, o primeiro núcleo urbano conhecido localizou-se no topo da atual Alta e remonta ao período de ocupação romana na Península.<sup>56</sup>

Todavia, Alarcão, embora sublinhando que não se sabe ao certo a origem do povoado, afirma que este local já era um povoado importante quando as tropas do cônsul Décimo Júnio Bruto avançaram até esta zona. Apesar disso, e ainda segundo Alarcão, não se encontraram, até agora, traços dessa povoação, mesmo o topónimo *Aeminium* (nome que se pensa ser do anterior povoado pré-romano) talvez apenas signifique “elevação” ou “altura”.<sup>57</sup>

### **2.3. A Alta romana**

Com a entrada dos Romanos na Península Ibérica, *Aeminium* tornar-se-ia um povoado importante, dotado das infraestruturas características de uma cidade romana, que, de modo geral, já beneficiava de infraestruturas necessárias e que iriam continuar a ser necessárias para próximos períodos, tais como a muralha, as portas circunscritas e o aqueduto (no local do atual aqueduto D. Sebastião, tem origens na construção que remonta ao período da romanização do território que é hoje Portugal – fig. 3).

---

<sup>55</sup>SANTANA, Paula; *Coimbra: um novo mapa. Fazer cidade sobre o sítio da cidade*, p. 76

<sup>56</sup>COSTA, Manuel Leal da; José Geraldo Simões Júnior; *Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira. O caso de Coimbra*, p. 379.

<sup>57</sup>ALARCÃO, Jorge; *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, p.29

Segundo Alarcão, *Aeminium*, como todas as cidades romanas, beneficiava de importantes vias de comunicação (a estrada romana que ligava *Olisipo* – Lisboa a *Bracara Augusta* – Braga) e da existência do rio Munda ou Monda (rio Mondego), que ganhava já um papel fundamental.

### 2.3.1. Os principais edifícios

A planta<sup>58</sup> abaixo (fig. 4) representa, de forma hipotética<sup>59</sup>, a Alta de Coimbra na época romana, ou seja, a Cidade *Aeminium*. Para tornar mais fácil o reconhecimento dos edifícios e das ruas da época romana e deduzir a sua localização atual, temos os contornos de alguns edifícios atuais (a cinza-escuro) e a identificação de ruas atuais. Os algarismos indicam as principais edificações da cidade romana.

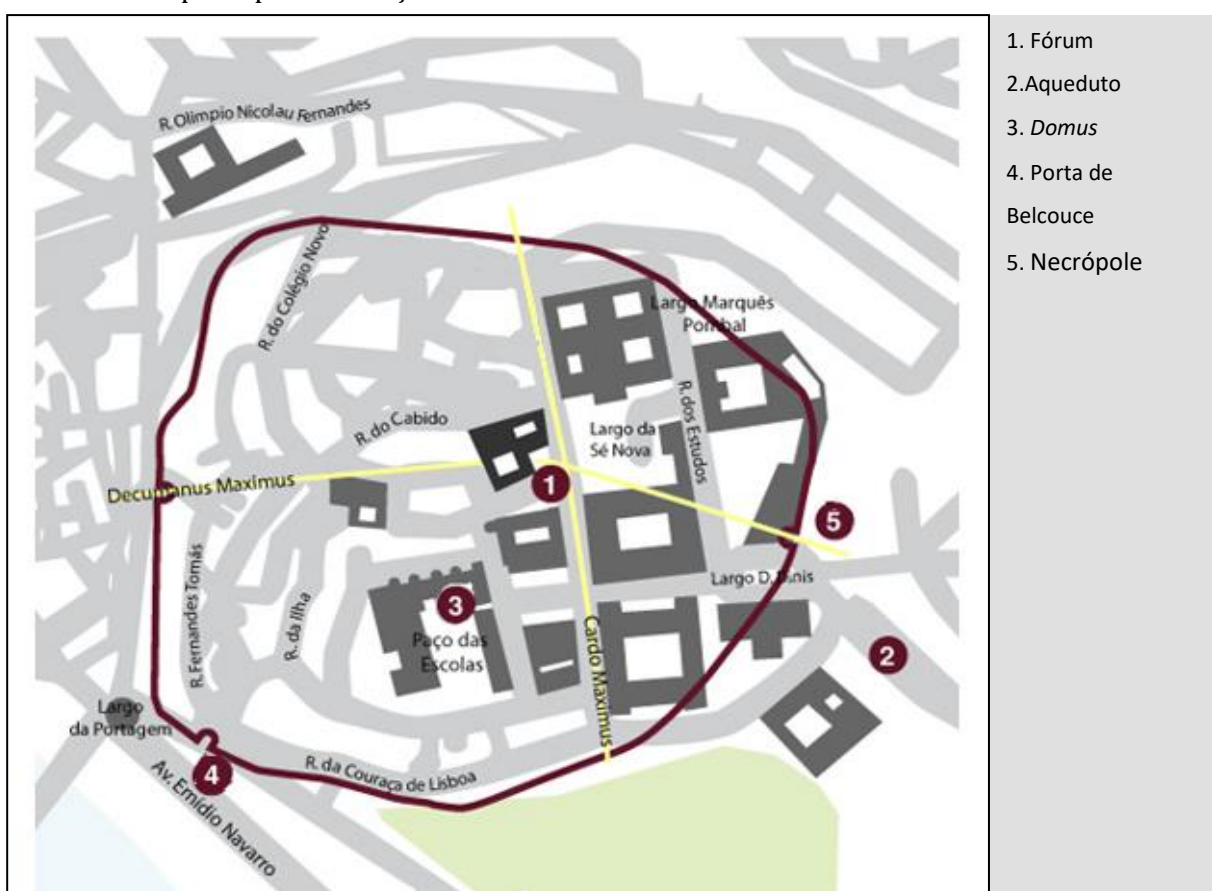


Figura. 4. A cidade de *Aeminium*, segundo Jorge Alarcão

<sup>58</sup> Apesar da figura não ter escala, podemos designá-la de planta. Segundo Luís Miguel Cotrim Mateus, embora se utilize o termo mapa para designar os vários documentos cartográficos, a distinção entre mapa, carta e planta é feita através da representação da escala: o mapa é uma representação de um terreno numa escala menor que 1/50 000; carta é uma representação de um terreno numa escala menor que 1/5000 e maior ou igual a 1/50 000; a planta é uma representação de um terreno numa escala maior ou igual a 1/5000.

<sup>59</sup> Não existe qualquer representação gráfica realizada na época romana, portanto, não se conhece concretamente a cidade romana de Coimbra; além disso, este mapa carece de elementos fundamentais (tais como escala e orientação), todavia, é uma representação gráfica daquilo que terá sido a *Aeminium*.

A exemplo de outras cidades romanas, um dos mais importantes edifícios romanos de Coimbra foi o Fórum (fig. 4 -1), erguido (graças a, nas palavras de Alarcão, uma grande sabedoria técnica – o criptopórtico) no local onde se encontra o museu Machado de Castro e não no local em que se viria a construir a Alcáçova muçulmana (atual Paço das Escolas), implantada num local elevado. Porém, se o Fórum tivesse sido construído neste local, deixaria de estar central relativamente ao povoado existente na cidade da altura.

Na época romana<sup>60</sup>, havia um edifício de certo vulto no local onde se implantou a Alcáçova e, no local da Igreja de S. Salvador (construída na época medieval), existia um templo (sobre o *podium*) consagrado ao culto imperial. Além destes, terá ainda existido um anfiteatro talvez localizado nos eixos entre a rua da Matemática e a Couraça dos Apóstolos, onde os vários alinhamentos das casas convergem para centros múltiplos – permitindo reconstituir uma hipotética elipse que sugere um anfiteatro (mas não há certezas e existem vários problemas, entre eles, o facto de estar numa encosta muito declivosa).

Vasco Mantas defende que a cidade romana de Coimbra teria também um teatro, junto da rua das Flores.

### 2.3.2. Os principais arruamentos

O traçado dos arruamentos de *Aeminium* é, segundo Alarcão, um dos maiores problemas para quem procura imaginar a cidade romana. Por isso, Ana Margarido, para este traçado, recorre a vários autores de reconhecido mérito, embora sublinhando ser um traçado indeterminável, “*pois os edifícios romanos até hoje descobertos são insuficientes para se poder determinar a orientação dos arruamentos.*”<sup>61</sup>

Assim, segundo esta autora, poder-se-á imaginar que a Porta do Sol (ou do Castelo) já existia nessa época, e dela divergiam, possivelmente, duas vias: a rua Larga (conduzia ao local onde hoje se localiza a Faculdade de Direito); uma outra via que, descendo pela Porta do Sol, passaria pelo Largo da Feira, seguiria pela rua Rego de Água e pela rua das Covas (hoje Borges Carneiro) até ao largo da Sé Velha (seria a via *Decumanus Maximus*).

Se este era o eixo principal, podemos deduzir que a Rua S. João ou Sá de Miranda, prolongando-se pela rua de S. Pedro, com a orientação Norte-Sul, e cortando a Rua Larga, seria o *Cardus Maximus*.<sup>62</sup> Podemos observar estas duas vias principais, *Cardus Maximus* e *Decumanus Maximus*, na figura 3; mas, repetindo, não há certezas sobre a sua localização, como explica Alarcão lembrando que Nogueira Gonçalves as considera quinhentistas.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup>ALARCÃO, Jorge; *A evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940*, p.1

<sup>61</sup>MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da “alta” de Coimbra – ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, p. 65

<sup>62</sup>*Idem*, p. 66

<sup>63</sup>ALARCÃO, Jorge; *A evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940*, p.1

## 2.4. A Alta medieval

### 2.4.1. O período indecifrável da cidade muçulmana de Coimbra

Durante o século V, os “cenários urbanos” terão entrado em decadência, porque, com a queda do Império Romano do Ocidente (476), os bárbaros (Suevos, Alanos e Vândalos) invadiram a Hispânia, mas só os Suevos constituíram um reino, logo submetido pelos Visigodos que, em 416, chegaram e foram dominando todo o território.

Não se sabe ao certo o que se passou com *Aeminium*, neste período histórico, dado que são poucos os testemunhos deixados pelo povo visigodo, portanto, e de acordo com Alarcão, “*não há nada a contar, pois a nossa ignorância é total*”.

Alguns autores defendem que a destruição de Conimbriga contribuiu para a importância de *Aeminium*, justificando este facto pela transferência da Sede de Bispado de *Conimbriga* para *Aeminium*. Conclui-se, então, que, pelo facto de ser considerada sede de Bispado, *Aeminium* seria uma cidade de importância para os Visigodos.

No entanto, o século VIII testemunhou a entrada, na Península Ibérica, das tropas islâmicas oriundas do Norte da África. *Aeminium* foi conquistada pelos muçulmanos (povo completamente diferente dos visigodos) de Abd al-Aziz, filho de Muça, em 714 ou 715. Mas, tal como no período anterior, as fontes literárias sobre Coimbra são escassas. Porém, segundo Walter Rossa, a cidade agora reconquistada era, morfologicamente, mais resultante da romanização que das invasões de povos bárbaros e islâmicos que se lhe seguiram.<sup>64</sup>

A esta época (meados do século VIII), atribui-se o alcácer, “*um vasto quadrilátero quase regular, com cerca de 80m de lado, provido de torres circulares cujas bases ainda hoje se observam no edifício antigo da Universidade*”<sup>65</sup>. A cidade, agora *Qulumbriyya*<sup>66</sup>, também terá tido uma mesquita, da qual “*não foram encontrados vestígios*” e “*nem, na toponímia coimbrã, há qualquer indício da sua localização*”, aventando-se, como única possibilidade, o local onde se encontra a Sé Velha.<sup>67</sup>

Entretanto, Coimbra vivencia períodos de avanço e de recuo (tanto das tropas muçulmanas como das tropas cristãs), destacando-se:

- 878, ano da primeira conquista cristã da cidade (por Afonso III de Leão);
- 987, ano de nova reconquista muçulmana (por Al-Mansur);
- 1064, data da reconquista definitiva cristã, sob o comando militar de Fernando Magno<sup>68</sup>, que confiou o governo ao famoso D. Sessando Davides.

---

<sup>64</sup> ROSSA, Walter; *Evolução da paisagem urbana: a sociedade e economia*, p. 128

<sup>65</sup> ALARCÃO, Jorge; *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, p. 72

<sup>66</sup> Qulumbriyya, nome para a cidade de Coimbra na época muçulmana, segundo António Filipe Pimentel.

<sup>67</sup> *Idem*, p. 73

<sup>68</sup> CAMPOS, Maria Amélia; *O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV*, p. 159

Para Ana Margarido, a reconquista e a reorganização da cidade moçárabe de Coimbra, por D. Sesnando, no século XI,<sup>69</sup> é dos períodos fundamentais no crescimento da cidade.<sup>70</sup>

Este período “*de ocupação cristã e muçulmana foi profundamente marcante no que diz respeito ao espaço físico da urbe e à sua personalidade social e cultural*”<sup>71</sup>, impondo mudanças na paisagem – de que, mais uma vez, pouco se sabe.

É a partir da reconquista cristã que se pode traçar, de forma mais nítida, a evolução urbanística. Segundo Walter Rossa, foi D. Afonso Henriques quem “desenhou” a cidade, submetendo-a um “*processo profundo de reforma urbana, em especial a tudo o que dizia respeito ao seu parque arquitetónico monumental.*”<sup>72</sup> Mandou reconstruir uma ponte sobre o rio Mondego<sup>73</sup>, renovar a muralha, e consolidar o castelo, como marca de *capitalidade*, marca esta que iria terminar cedo, com a transferência crescente da centralidade para Lisboa.

Durante este período, o “*núcleo genético foi crescendo*”, “*mas sempre cingido pelas muralhas*”<sup>74</sup> (a área intramuros) que, na opinião de Alarcão, seguiram o percurso do núcleo romano, que passaria já pela atual Couraça dos Apóstolos<sup>75</sup>, pois todo o perímetro e os arruamentos da parte alta da cidade terão sido definidos pelos romanos e mantidos na cidade visigótica e na muçulmana.<sup>76</sup> Diferente é a perspetiva de Ana Margarido, para quem a parte da cidade Alta só foi ocupada na Baixa Idade Média.

#### **2.4.2. A alta medieval cristã no século XII**

Na entrada da segunda metade do século XII, Coimbra surgiu como a maior cidade portuguesa.<sup>77</sup> As invasões haviam terminado e, conseqüentemente, sobreveio um clima de paz, de estabilidade, durante o qual a cidade de Coimbra beneficiou de um período de expansão demográfica (nos séculos XII e XIII).

Do ponto de vista do seu urbanismo, configuravam-se dois espaços distintos: o da cidade amuralhada (a Almedina), inserida na colina, e o arrabalde (o exterior da cidade amuralhada). Contudo, interessa-nos, neste trabalho, apenas o núcleo amuralhado; por isso, primeiramente, falaremos da muralha.

---

<sup>69</sup> MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da “alta de Coimbra – ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, p. 50

<sup>70</sup> Segundo a mesma autora, o segundo período fundamental para o crescimento da cidade é o regresso da Universidade para Coimbra em 1537, como veremos à frente.

<sup>71</sup> CAMPOS, Maria Amélia; *O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV*, p. 159

<sup>72</sup> ROSSA, Walter; *O espaço de Coimbra da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime*, p. 21

<sup>73</sup> No mesmo lugar, terá existido uma ponte romana.

<sup>74</sup> MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da “alta” de Coimbra — ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, p. 50

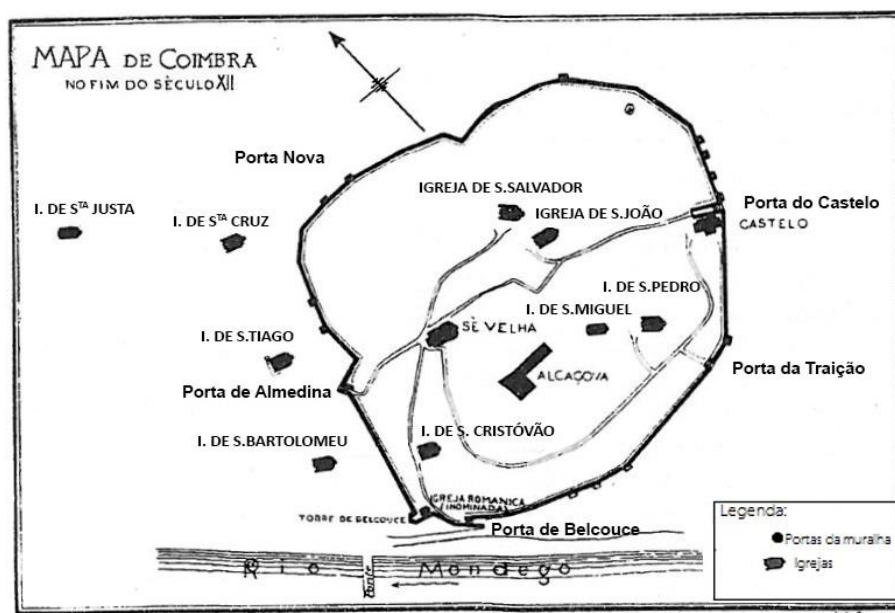
<sup>75</sup> ALARCÃO, Jorge; *Evolução urbanística de Coimbra: Das origens a 1940*, p. 2

<sup>76</sup> *Idem.*

<sup>77</sup> Referido por Saul António Gomes. Contudo, no século XIV, essa distinção cabia a Lisboa.

- **A muralha medieval**

Segundo Walter Rossa, com a entrada do período medieval, os perímetros amuralhados transformam-se em sistemas defensivos com alguma capacidade ativa. Reaproveitando a muralha romana, constrói-se novas torres e barbacãs, melhora-se os muros e os adarves, cria-se “*esplanadas para movimentação de engenhos, couraças atingindo pontos estratégicos, como o rio em Coimbra.*”<sup>78</sup>



**Figura 5.** Em destaque: área intramuros no final do século XII.

Representação da cidade amuralhada de Coimbra, no século XII, o esboço da figura 5 baseia-se em relatos da época (como já foi dito anteriormente, a primeira representação cartográfica da cidade pertence ao século XVI), permitindo, contudo, aferir os edifícios basilares da Alta conimbricense, naquele século.

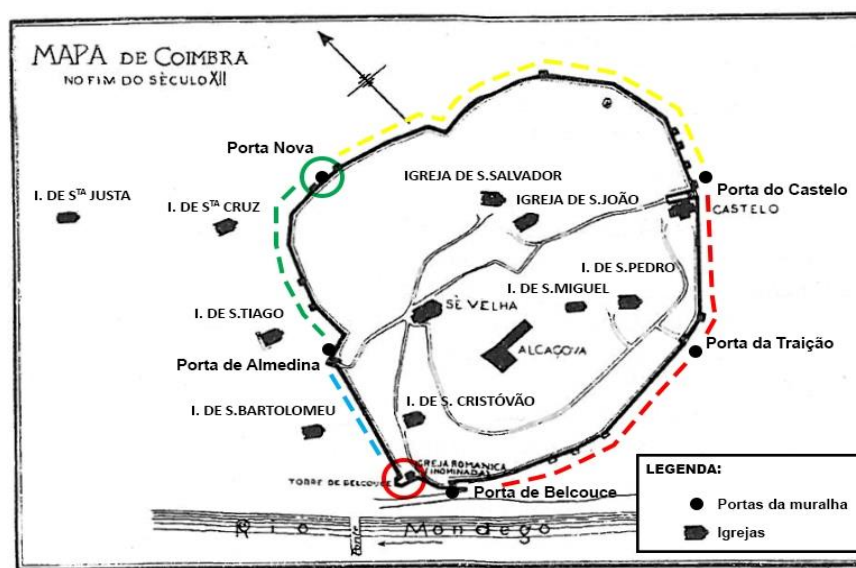
Analisando este “mapa”, verificamos a existência de orientação e título (“*mapa de Coimbra no século XII*”) e a carência de elementos importantes, como escala e legenda (a qual determinámos para facilitar a leitura).

Observa-se, neste esboço, a muralha, que contava com um considerável número de torres (inicialmente, de função apenas defensiva, e, posteriormente, de habitação nobre) e cinco portas principais: a Almedina, a Genicoca ou Traição, a Belcouce, a Sol ou do Castelo, e a Nova. Destaca-se a Almedina, como porta principal da cidade, fazendo a ligação entre a parte baixa e a zona intramuros da cidade.<sup>79</sup>

<sup>78</sup> ROSSA, Walter; Urbanismo e poder na fundação de Portugal: a reforma de Coimbra com instalação de Afonso Henriques, *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*, p. 141

<sup>79</sup> A muralha contava com outras torres (ver mapa do Professor Doutor Jorge Alarcão, publicado em “Reconstituição da área que era propriedade do Mosteiro de Santa Cruz nos meados do séc. XVI”).

Para melhor explicitar o trajeto da muralha medieval, procurei adaptar o mapa abaixo e destacar os elementos principais (com cores identificativas).



**Figura 6.** Em destaque: o trajeto descrito da área intramuros no final do século XII.

A muralha partia do Castelo, dotado da já referida Porta do Sol, na direção sul até à Porta da Traição, dotada com o seu arco de ferradura de inspiração muçulmana, daqui descia, em direção oeste, para a Porta de Belcouce, ao fundo da atual Couraça de Lisboa<sup>80</sup> (fig. 6, a vermelho). Perto da Porta de Belcouce, no edifício do atual Governo Civil, conserva-se a torre pentagonal, mandada erguer por D. Sancho I, em 1209 (fig. 6, círculo vermelho). Deste local, a muralha seguia à Porta da Almedina (fig. 6, a azul), para subir a Sobre-Ripas, à Torre de Anto e ao Colégio de Santo Agostinho ou da Sapiência. Aqui, no segundo terço do século XII, abriu-se a Porta Nova (fig. 6, a verde).

Seguidamente, a muralha subia a Couraça dos Apóstolos, ia ao cunhal nordeste do edifício do Museu de História Natural e seguia para onde, no século XVIII, se construiria o Laboratório Químico.<sup>81</sup>

### • Os principais edifícios

Neste pequeno subcapítulo, são apresentados alguns dos principais edifícios existentes na área intramuros: primeiro, os edifícios relacionados com o poder régio; segundo, os edifícios correlacionados ao poder religioso. No cimo da colina, local dotado de características naturais de defesa, porque de difícil acesso, encontrava-se a alcáçova,

<sup>80</sup> ALARCÃO, Jorge; *Evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940*, p. 2

<sup>81</sup> *Idem*.

estabelecida, como já referido, na época de domínio muçulmano. A alcáçova seria a residência da família real.

No local onde estão a praça de D. Dinis e o departamento de Matemática da Faculdade de Ciências, estaria o Castelo de Coimbra, edifício de que não “*restam hoje senão memórias escritas ou desenhadas*”<sup>82</sup>, pois os seus vestígios desapareceram nas obras da Cidade Universitária, durante o Estado Novo.

Na época medieval, a cidade era, obviamente, dotada de edifícios ligados à religião. No tempo de D. Henrique e D. Teresa, os edifícios seriam muito modestos, a sua monumentalização verificar-se-ia após 1130, no século XII. Destes edifícios, embora alguns anteriores ao século XII, são exemplo: a Sé, a Igreja de S. Pedro (erguida no tempo dos condes D. Henrique e D. Teresa), a de S. João de Almedina, as de S. Salvador e de S. Cristóvão (fig. 6).<sup>83</sup> O mais importante edifício erguido foi a Sé – o centro cívico medieval.

Ana Margarido recorre a António de Vasconcelos para justificar que, no local da Sé Velha, já existia, antes de 1064 (reconquista cristã), a igreja de Santa Maria, que seria cercada pelo adro do cemitério. Só no século XII, depois da destruição da primitiva igreja,<sup>84</sup> seria construída a atual Sé Velha, desde os alicerces. Nos seus tempos iniciais, esta Sé seria um edifício bastante modesto.

- **Os principais arruamentos e a distribuição socioprofissional na Almedina Coimbrã dos séculos XII a XV**

Na época medieval, as principais ruas estariam ligadas à atividade comercial e à habitação. É difícil pormenorizar as habitações e atividades intrínsecas; contudo, e segundo Ana Margarido, na Alta, o tecido urbano desenvolve-se, principalmente na zona Norte.

Nesta época, e na perspetiva da autora, embora haja largos que surgem devido ao entroncamento de várias ruas (como o largo da Matemática), o povoamento fazia-se essencialmente junto às igrejas, logo, era normal haver, junto destas, um largo para reunião (como os largos de S. Salvador e da Sé Velha).

Junto à Sé Velha (localizada no centro da cidade e acedida através de ruas tortuosas), havia um conjunto de casas (que serviriam de residência aos cônegos), adro e praça anexa. Para este espaço convergiam dois pontos comerciais da Alta: a rua das Tendas (rua do Quebra-Costas) e a rua das Fangas. Era neste largo que se reunia o concelho da cidade, simbolizando o poder das instituições religiosas da época.<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> ALARCÃO, Jorge; *Coimbra; A montagem do cenário urbano*, p. 195

<sup>83</sup> ALARCÃO, Jorge; *Evolução urbanística de Coimbra: Das origens a 1940*, p. 2

<sup>84</sup> MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da “alta” de Coimbra- ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, p. 61

<sup>85</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de; *O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV*, p. 164



No caso do complexo arquitetónico de S. João de Almedina até à igreja de S. Salvador, Maria Amélia de Campos refere que, nele, se fixariam as hortas, as cavalariças, o forno de pão, o pombal e as instalações dos criados – tudo isto permitia uma certa autonomia funcional aos aposentos do bispo.<sup>86</sup>

Na área compreendida entre o Castelo e a Alcáçova, situava-se a paróquia de S. Pedro. Em torno da Igreja e do seu adro, havia algumas habitações, nelas residiam, sobretudo, funcionários do concelho, da administração e da justiça régia, tabeliães e escrivães e também eclesiásticos. Ainda nesta paróquia, mas próximo do castelo, existiam habitações com quintais.<sup>87</sup>

Entre a Porta da Traição e a de Belcouce, localizava-se a paróquia de S. Cristóvão (como já mencionado); também esta tinha um núcleo constituído pela igreja paroquial e adro com algumas casas.<sup>88</sup>

Segundo Campos, junto das portas referidas, encontravam-se casas com quintais e de cortinhais,<sup>89</sup> que respondiam às necessidades de abastecimento dos seus habitantes e instituições dentro da muralha, evidenciando que, mesmo na cidade, os habitantes medievais continuavam a ter contacto com a terra e com a agricultura.

Todavia, Alarcão afirma que nos fica *“a dúvida sobre se a Almedina, densamente povoada e movimentada em algumas áreas, tinha, ou não, grandes espaços não ocupados.”* Pois, segundo ele, grande parte das áreas está indocumentada e, portanto, não é possível conhecer todo o espaço da Almedina. Apesar disso, parecem existir, como já referido, áreas que demonstram a sua grande densidade populacional.

A rua do Quebra-Costas, *“um dos principais eixos que ligava a Torre de Almedina à então Catedral,<sup>90</sup> seria, entre os séculos XII e XIII, “ladeada por tendas de artífices e comerciantes.”<sup>91</sup> Era uma rua habitada por artesãos, que seriam também comerciantes, “vendendo diretamente os produtos que fabricavam.”<sup>92</sup> Alarcão descreve as habitações desta rua, dotada de um grande declive: “podemos imaginar as casas com uma cave e piso superior, com acesso superior por uma escada”. A cave destinar-se-ia à atividade comercial ou industrial, o sobrado era o piso da habitação.*

---

<sup>86</sup>*Idem*, p. 165

<sup>87</sup>*Ibidem*, p. 166

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 166

<sup>89</sup>*Ibidem*, p. 166

<sup>90</sup> ARAÚJO, Luís; *Alta de Coimbra: evolução urbana e funcionalidades*, p 24

<sup>91</sup> ALARCÃO, Jorge; *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, p. 84

<sup>92</sup>*Idem*, p 84

Exposta a parte norte da Alta, é necessário abordar sucintamente a parte sul e sudeste da cidade, área onde o vigor da topografia obrigava ao desenho de escadas e de “ruelas estreitas e desalinhadas, que regra geral terminavam em becos.”<sup>93</sup> Traços ainda verificáveis e talvez oriundos do período islâmico.

Segundo Campos, nas centúrias de trezentos e quatrocentos (período tardo-medieval), a Alta vai perder a densidade populacional registada nos séculos XII e XIII, perda que está relacionada com:

- o despovoamento da almedina em favor do arrabalde (os anos de paz fizeram da muralha uma estrutura desnecessária para a população que, em busca de locais mais amplos, se instala na área extra-muros);
- o afastamento da corte e dos serviços anexos;<sup>94</sup>
- a peste negra de 1348 (também contribuiu para a diminuição da população, havendo, na cidade, numerosas casas abandonadas e em ruínas).<sup>95</sup>

Campos refere que esta situação bastante negativa (o povoamento desses núcleos era fulcral para a manutenção das infraestruturas defensivas) fez com que, em vão, os reis adotassem várias medidas, incluindo a oferta de privilégios ao morador da almedina.<sup>96</sup>

Deixamos os arrabaldes da cidade e a sua colossal diversidade cultural (o bairro dos mouros; o bairro dos judeus; o bairro dos franceses; toda uma área ligada ao comércio e organizada em ruelas divididas por profissão), por não fazerem parte do aprofundamento temático deste trabalho.

Observados alguns traços gerais do espaço urbano amuralhado da Alta Coimbrã, na época medieval, visa-se, agora, a Alta na modernidade, mais concretamente, no que é, para Margarido, o segundo momento importante: o regresso da universidade a Coimbra. Para tal, torna-se necessário contextualizar a situação vigente na cidade e na nação.

---

<sup>93</sup> MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da “alta” de Coimbra – ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, p. 56

<sup>94</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro; *O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV*, p. 168

<sup>95</sup> ALARCÃO, Jorge; *A evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940*, p. 3

<sup>96</sup> Segundo Walter Rossa, a Alta só viria a animar nos períodos em que a *nómada* Universidade ali funcionou. *O espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime*, p. 22

## 2.5. A Alta na época moderna

### 2.5.1. A Alta de Coimbra anterior à instalação definitiva da Universidade

A instalação da Universidade obrigou à construção de vários edifícios a ela ligados, o que trouxe uma nova vida à Alta. Assim, parece-me fulcral retratar esta mudança, contextualizando-a no interesse da instalação definitiva da Universidade em Coimbra.

A opção de D. Afonso Henriques por Coimbra, como lugar de permanência da corte, foi, segundo Mattoso, talvez o fator que maior influência teve no destino político do seu Estado.<sup>97</sup> Coimbra destacar-se-ia das cidades do norte, demasiado inseridas no meio rural.

Contudo, com o termo da conquista do Algarve, modificar-se-ia a preferência da corte régia: Coimbra seria “substituída” pela cidade portuária de Lisboa, cuja área de influência económica se tornaria cada vez maior, em detrimento do eixo portugalense Braga-Guimarães-Coimbra. Assim, a corte régia tendia a escolher, “*desde a segunda metade do século XIII, a urbe do estuário do Tejo como sua principal sede.*”<sup>98</sup> Desde os tempos de D. Afonso III, Lisboa representaria “*o papel tendencial capital política do reino, centralizando, portanto, toda uma série de interesses, atividades e competências suscetíveis de virem a fornecer colocação a um cada vez maior número de letrados*”<sup>99</sup>.

Neste contexto, sendo as universidades expressão de urbanidade e de exponencial desenvolvimento económico, social e político, explica-se a escolha de Lisboa para receber o Estudo Geral Português. Funcionando no Campo da Pedreira, bairro de Alfama<sup>100</sup>, a primeira universidade portuguesa é fundada pelo rei D. Dinis, em março de 1290. Contudo, a sua existência dividir-se-á, por longos anos, entre Lisboa e Coimbra, cidade para onde é transferida, em 1308, mas não definitivamente, “*Lisboa e Coimbra alternaram como sedes universitárias, com um saldo final favorável à capital*”<sup>101</sup>.

Esta alternância terminará no reinado de D. João III, com a instalação definitiva da Universidade em Coimbra. Este reinado, “*em termos culturais, ficou marcado pela abertura à cultura humanista do Renascimento*”, assim, “*os diversos níveis de ensino [incluindo a Universidade, marcadamente feudal e pouco recetiva à nova cultura] sofreram grandes alterações, modernizando segundo as novas tendências humanistas*”.<sup>102</sup>

---

<sup>97</sup> CARNEIRO, Roberto. *Memória de Portugal. O milénio Português.*, p. 73

<sup>98</sup> *Idem*, p. 145

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 156

<sup>100</sup> ALMEIDA, Álvaro Duarte. *Portugal Património. Volume III. Aveiro, Coimbra, Leiria.* Mem Martins, Rio de Mouro, p. 78

<sup>101</sup> *Idem*, p. 78

<sup>102</sup> ARAÚJO, Luís; *Alta de Coimbra: evolução urbana e funcionalidades*, p.24

No ano de 1537, a cidade do Mondego acolheria a Universidade, onde perdurou como instituição.<sup>103</sup> e <sup>104</sup> Cidade que, segundo Saul Gomes, já “*possuía infraestruturas culturais diversificadas e uma tradição escolar plural*”. Como principal atrativo, havia a “*particular relevância das bibliotecas, amplas e bem providas ao nível dos institutos religiosos aqui sediados e mesmo relevantes em termos de coleções particulares.*”<sup>105</sup>

Em suma, Coimbra fora eleita por várias razões<sup>106</sup>, entre elas, o seu encanto (contrapondo-se a Lisboa, mais cosmopolita e dispersiva, Coimbra oferecia um ambiente sossegado que facilitaria a regularidade dos estudos<sup>107</sup>) e as suas características ligadas ao saber. Mas a eleição causou significativas mudanças no seu desenvolvimento urbanístico.

### 2.5.2. A Alta e a transferência definitiva da Universidade para Coimbra

Instalada a Universidade na colina mais elevada (hoje, “Alta”), no antigo Paço da Alcáçova, Coimbra, em “*duas décadas, viu duplicar por cerca de sete o número dos seus habitantes*”,<sup>108e109</sup>o que evidencia o grande impacto que esta instalação teve no espaço urbano: a Alta viria a sofrer alterações bastante significativas até à reforma pombalina, tendo que adaptar-se às necessidades de cada período que atravessava.

A rua da Alcáçova (atual rua Larga) tornou-se uma das principais artérias, dela seriam abertas ruas paralelas, numa nova organização especial e urbanística que tinha como finalidade criar condições para o alojamento dos estudantes, professores e funcionários da Universidade<sup>110</sup>, alojamento que, como em outras cidades universitárias, era quase inexistente. Esta situação exigiu “*uma legislação protetora dos escolares, uma vez que à escassez de residências acrescia a manifesta má vontade dos proprietários em alugá-las pela justa renda aos estudantes, porquanto, estes eram, como inquilinos, considerados indesejáveis*”.<sup>111</sup>

---

<sup>103</sup>JACA, Carlos; *Linhas gerais sobre a história da Universidade Conimbricense. Das suas origens à Reforma Universitária Pombalina de 1772. A Universidade Portuguesa. Da sua fundação e funcionamento durante a Idade Média. 1ª Parte*, p. 32.

<sup>104</sup> Segundo João Miguel Figueiredo Silva em *A In-temporalidade da arquitectura. O colégio da Ss. Trindade*, D. João III instalou a Universidade na Baixa, ocupando os anexos do mosteiro de Santa Cruz, mas pretendia transferi-la para o Paço Real da Alcáçova, o que se concretizou, oficialmente, em 1544, com o decreto-lei de 1544 (alvará de 22 de Outubro de 1544, determinando a transferência dos lentes de Teologia, Medicina, Artes e Latinidade dos Colégios de Santa Cruz para a Alta).

<sup>105</sup>GOMES, Saul António; *Escolares e Universidade na Coimbra Medieval*, p. 518

<sup>106</sup> Sobre este assunto, ler Rómulo de Carvalho: *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Capítulo VII A reforma pedagógica de D. João III desde a transferência da universidade para Coimbra (1537) até ao início do reitorado de Frei Diogo de Murça (1543).p. 199-239 (1º parágrafo, p. 200).

<sup>107</sup>JACA, Carlos; *Linhas gerais sobre a história da Universidade Conimbricense. Das suas origens à Reforma Universitária Pombalina de 1772. A Universidade Portuguesa. Da sua fundação e funcionamento durante a Idade Média. 1ª Parte*, p. 32.

<sup>108</sup>ROSSA, Walter; *O espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime*, p. 22.

<sup>109</sup>Segundo Rui Lobo, Coimbra passara, entretanto, de 5200 habitantes, em 1527, para cerca de 10000 em 1570.

<sup>110</sup>ARAÚJO, Luís; *Alta de Coimbra: evolução urbana e funcionalidades*, p. 27.

<sup>111</sup> JACA, Carlos; *Linhas gerais sobre a história da Universidade Conimbricense. Das suas origens à Reforma Universitária Pombalina de 1772. A Universidade Portuguesa. Da sua fundação e funcionamento durante a Idade Média. 1ª Parte*

Esta escassez levou à construção de casas para arrendamento; porém, seria a Rua da Sofia, criada por D. João III, que alojaria os novos estudantes, assumindo uma função urbanística estruturante para o crescimento da cidade.<sup>112</sup>

Em 1537, o rei determina “*uma divisão funcional e espacial que acabará por se manter até ao séc. XX: a Universidade/Estudos ocupam a Alta, as zonas residenciais e comerciais principais ficam na Baixa,*”<sup>113</sup> onde permanecem os colégios de religiosos (associados ao Mosteiro de Santa Cruz), mas só a instalação da Cidade Universitária na Alta é que se obterá uma quase total divisão.

Estava então “*reinstaurada a capitalidade coimbrã no contexto nacional*”,<sup>114</sup> agora enquanto capital cultural.

- **Os principais edifícios**



**Figura 7.** A primeira panorâmica planificada de Coimbra (1566/1567, Georg Hoefnagel/Hogenberg)

Publicada em 1572 por Georg Braun, a figura 6<sup>115</sup> é considerada a primeira panorâmica planificada de Coimbra. Daí merecer destaque neste relatório. <sup>116</sup>

Embora saibamos que os elementos nela representados não correspondem à realidade da época (exemplo da volumetria da Sé Velha [E], cujo destaque reflete a importância do poder da Igreja), a gravura dá-nos a “ver” alguns dos fundamentais aspetos urbanos da época.

A gravura, cujo título é “*Illustri Ciuitatis Conimbriae in Lusitania ad flumen illundam effigies*”, apresenta, no canto inferior esquerdo, uma legenda onde os edifícios ilustrados estão identificados por ordem alfabética, facilitando, ao leitor, o seu reconhecimento.

<sup>112</sup> Antes da instalação da Universidade na Alta, como já foi referido, a Rua da Sofia tinha sido o local para perpetuar a instalação da Universidade, pretendia-se a construção de vários Colégios e Conventos com vista a criar uma espécie de “campus” universitário, idealizado por Frei Brás de Barros.

<sup>113</sup>Coimbra Rio; Área de Reabilitação Urbana Volume B – Estudos de Caracterização , 2012, p. 8

<sup>114</sup>ROSSA. Walter; O espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime, p. 23

<sup>115</sup> Ver anexo 2.

<sup>116</sup>ROSSA. Walter; O espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime, p. 26-27

A cidade de Coimbra estava ainda envolvida na muralha medieval dotada das várias torres e portas principais (a porta e torre do castelo - Porta do Sol [C]; a porta e torre de Almedina [H]; a porta de Belcouce [R]), e o Castelo (B). Mas realce-se a presença da Universidade, que, causando um considerável crescimento populacional, levou a população a instalar-se no arrabalde<sup>117</sup> (bem destacado na gravura).

Porém, a Alta tem o coração da cidade – a universidade. Na gravura, identificamos a Universidade, através do paço régio (A), a torre deverá simbolizar a torre erguida por João de Ruão, em 1561. Ao lado, identifica-se o criptopórtico através dos arcos; a igreja atrás será a de S. João. Vemos ainda os novos colégios da Universidade, na Alta, como o complexo dos Colégios de Jesus e das Artes (L) e o Colégio da Sapiência (I).

- **A instalação de colégios na Alta**

Imediatamente após a transferência da Universidade, e prosseguindo no período da modernidade, vários colégios foram instalados na Alta Coimbra<sup>118</sup>, correspondendo a profundas alterações na malha urbana, uma das quais será a falta de espaço.

A planta da figura 8 é considerada a mais antiga planta conhecida, e, apesar de não corresponder à data de instalação na Alta de alguns dos colégios referidos, apresenta-os todos pois, dos séculos XVI a XVIII, não houve alterações significativas nos edifícios.

A construção destes quinze colégios (o Colégio de S. Bento não integra a área delimitada de estudo) aconteceu em alturas diferentes:

- Colégios do século XVI:
  - de São Jerónimo, das Artes, dos Militares, de São João Evangelista (ou dos Lóios, séc. XVI), dos Jesuítas (atual Sé Nova), de São Paulo Apóstolo, da Santíssima Trindade, de São Pedro, de Santo Agostinho ou da Sapiência (Colégio Novo);
- Colégios do século XVII:
  - de São Boaventura (não confundir com o edificado na Baixa), de Santo António da Pedreira
- Colégios do século XVIII:
  - de Santo António da Estrela, de Santa Rita, de São Paulo Eremita.

---

<sup>117</sup> LOBO, Rui; Coimbra: Evolução do espaço urbano. Em cima do joelho, p.27

<sup>118</sup> Segundo Marília Azambuja Ribeiro e Arthur Feitosa Bulhões, em “Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica: Inácio Monteiro e a recepção das novas teorias da luz em Portugal”, com a oficialização, pelo Papa Paulo III, da Companhia de Jesus, em 1540, chegam a Coimbra, trazidos por D. João III, o navarro Francisco Xavier e o português Simão Rodrigues. Este último criou a primeira residência jesuíta do reino: o Colégio de Jesus junto à Universidade de Coimbra, em 1542. Também esteve sob a direção dos jesuítas o Colégio das Artes, fundado por D. João III, em 1548, a partir do modelo do *Collège de France*. O Colégio das Artes e o preexistente Colégio de Jesus formaram o que os jesuítas chamavam de o “Colégio de Coimbra”.



## Os colégios da Alta

- 1 – Colégio de Santo Agostinho
- 2 – Colégio de Jesus
- 3 – Colégio das Artes II
- 4 – Colégio de São Jerónimo
- 5 – Colégio dos Militares
- 6 – Colégio de São Bento
- 7 – Colégio de São Boaventura
- 8 – Colégio de São João Evangelista
- 9 – Colégio de São Paulo Eremita
- 10 – Colégio de Santo António da Estrela
- 11 – Colégio de Santa Rita
- 12 – Colégio de São Pedro
- 13 – Colégio de São Paulo Apóstolo
- 14 – Colégio de Santo António da Pedreira
- 15 – Colégio da SS Trindade

**Figura 8.** Excerto do levantamento da autoria de Isidoro Emílio Baptista, 1845 (séc. XIX)<sup>119</sup>

Na planta, destaca-se também a volumetria (o enorme espaço ocupado por estes colégios, numa área diminuta), evidenciando a importância das ordens religiosas no ensino. Ao ilustrar Coimbra à luz dos colégios, Rómulo de Carvalho afirma: *“imagine-se a pequena cidade de Coimbra do século XVI na fase em que todos os seus colégios funcionavam, enxameada de estudantes, leigos e clérigos, frades de todas as Ordens, identificados pelos trajes próprios de cada uma, mais a população académica de Santa Cruz, com os seus quatro colégios (...), e ainda mais os estudantes da Universidade instalados nos paços reais (...).”*<sup>120</sup>

Alguns destes colégios desapareceram devido a intervenções realizadas nos anos 40 do século XX. Os que permanecem são exemplos de obras que sofreram profundas transformações ao longo dos tempos, causadas, essencialmente, pela extinção das ordens religiosas em Portugal, no ano de 1834, pelos diferentes usos dos edifícios<sup>121</sup> e, claro, pela construção da Cidade Universitária.

<sup>119</sup> Figura retirada de *A intemporalidade da arquitetura. O colégio de SS Trindade*, de João Miguel Figueiredo Silva, p. 23

<sup>120</sup> CARVALHO, Rómulo; *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Coetano*, p. 229

<sup>121</sup> ARAÚJO, Luís; *Alta de Coimbra: evolução urbana e funcionalidades*, p. 27

- **As transformações no reinado de D. João V**

No reinado de D. João V, foram promovidas reformas que incidiram, sobretudo, no Paço das Escolas. Entre as várias obras, destaca-se a construção:

- das escadas de Minerva, ligando a Universidade e a Baixa;
- da nova Casa da Livraria ( hoje Biblioteca Joanina, cuja primeira pedra foi lançada em 1717, estendendo-se a construção por mais de quarenta anos (1757);<sup>122</sup>
- da torre da Universidade (em 1728/1733, substituindo a torre erguida por João de Ruão, 1561), que se tornaria um símbolo da vida universitária de Coimbra.

Estas modificações e construções, segundo Walter Rossa, tiveram pouco impacto urbanístico<sup>123</sup>, só a Reforma Pombalina possibilitaria uma nova estruturação na Alta de Coimbra, embora mais ligada ao domínio do edificado.

- **A Alta na reforma Pombalina de 1772**

A filosofia iluminista era racional, humanista, e defendia o progresso com base no desenvolvimento da ciência e da técnica. Em Coimbra, a Reforma Pombalina da Universidade, iniciada em 1772, teve também esse papel.<sup>124</sup>

A reorganização que o Marquês de Pombal levou a cabo deve-se, em parte, à expulsão, de Portugal, dos jesuítas, que dominavam o panorama educacional português e cuja importância se fazia também sentir em Coimbra. Culpando a Companhia de Jesus da decadência da Universidade, Pombal tinha como finalidade criar um ensino de carácter mais prático e experimental, reestruturando, para tal, o ensino e as diferentes escolas.<sup>125</sup>

Mas, como já referido, além das mudanças internas no ensino, o Marquês, escolheu o inglês Guilherme Elsdon para firmar as obras que iria modificar, em especial, o edificado da Alta: surgimento de “*duas praças com base em logradouro preexistentes: o dos jesuítas – concretizado na atual Largo Marques de Pombal – e o do paço das Escolas – que no todo se não chegou a concretizar*”;<sup>126</sup> atribuição de novos espaços para as faculdades então criadas; reforma das Faculdades existentes (Medicina, Cânones, Leis e Teologia); criação das

---

<sup>122</sup> *Idem*, p. 35

<sup>123</sup> ROSSA, Walter. *O espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime*, p.23

<sup>124</sup> LOBO, Rui. *Evolução do espaço urbano*, p. 30

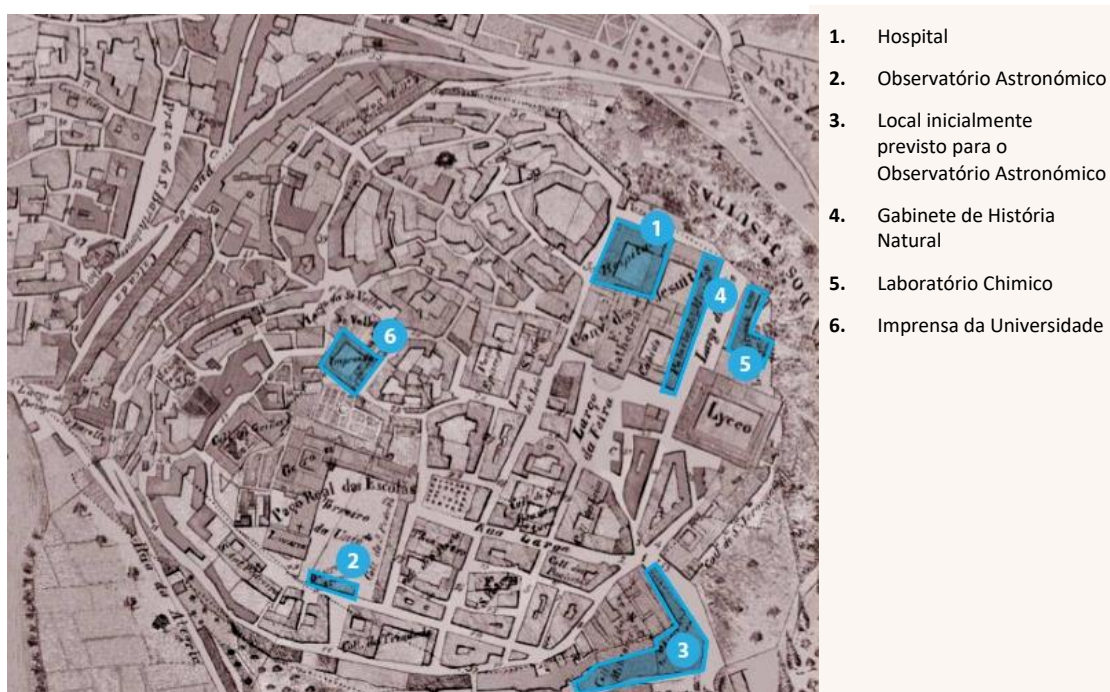
<sup>125</sup> ARAÚJO, Luís. *Alta de Coimbra: evolução urbana e funcionalidades*, p. 37

<sup>126</sup> ROSSA, Walter; *O espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime*, p.24



Faculdades de Filosofia Natural e de Matemática; construção de edifícios complementares utilizando os edifícios anteriormente pertencentes à companhia de Jesus:

- para a Faculdade de Medicina, ergue-se o Hospital (1772)<sup>127</sup>, o Teatro Anatómico e o Dispensário Farmacêutico;
- para a Faculdade da Matemática, há o grande Observatório Astronómico (inicialmente projetado para ser construído no local onde se encontrava o castelo, destruindo a maior parte deste, contudo acabaria por ser instalado no Paço das Escolas);<sup>128</sup>
- para a Filosofia, temos o gabinete da História Natural, o Laboratório Chymico e o Jardim Botânico (este último, fora do Paço das Escolas);
- criação da Imprensa da Universidade, herdeira da real oficina da Universidade.



**Figura 9.** Edifícios da Reforma Pombalina

Para além destes aspetos, segundo Walter Rossa, neste período, foi também demolida parte da muralha. Segundo o mesmo autor, todas estas modificações foram realizadas sobretudo devido à confiscação de bens da Companhia de Jesus.<sup>129</sup>

<sup>127</sup>Segundo Maria Antónia Lopes, em meados do século XVIII, a cidade de Coimbra encontrava-se dotada com três instituições hospitalares: o Hospital Real e o Hospital da Convalescença (instalados na praça de S. Bartolomeu) e o Hospital de Lázaro (instalado na freguesia de Santa Justa). Os Estatutos da Universidade, de 1772, tinham ordenado a criação de um hospital escolar onde os estudantes de Medicina pudessem aprender e praticar. Desta forma, foi o Hospital Real definitivamente entregue à Universidade, passando o estabelecimento a ser conhecido por Hospital da Conceição. Sobre este assunto, ler Maria Antónia Lopes, *Os hospitais de Coimbra e a alimentação dos seus enfermos e funcionários (meados do séc. XVIII – meados do séc. XIX)*.

<sup>128</sup> Foram realizados levantamentos pertencentes ao castelo, pelo autor Guilherme Elsdén, para que o Marquês de Pombal pudesse estudar o terreno para construir o Observatório Astronómico e o Departamento dos Instrumentos Óticos. Planta do Castelo disponível em: *A evolução do espaço físico*, p. 42.

<sup>129</sup>*idem*, p.25

De um modo geral, verificou-se a construção de edifícios novos, remodelação de outros, alargou-se a área intramuros e destruiu-se a muralha e o castelo medieval.

Houve mais cuidado no alinhamento das ruas, e nas suas dimensões de largura e comprimento, preocupando-se com a estética, pavimentando as ruas e plantando árvores. Houve também preocupação em agrupar funções predominantes na Alta, como ensino.

- **Os principais arruamentos e a distribuição socioprofissional na Almedina Coimbrã dos séculos XVI a XIX**

Segundo Ana Isabel Ribeiro, nos finais do século XVIII, a cidade de Coimbra, “mantinha, ainda, muitos dos traços medievais tanto na malha densa e irregular da sua organização do espaço como na muralha circundante que registava sinais de degradação e se ia desvanecendo devido ao crescimento da própria cidade.”<sup>130</sup>

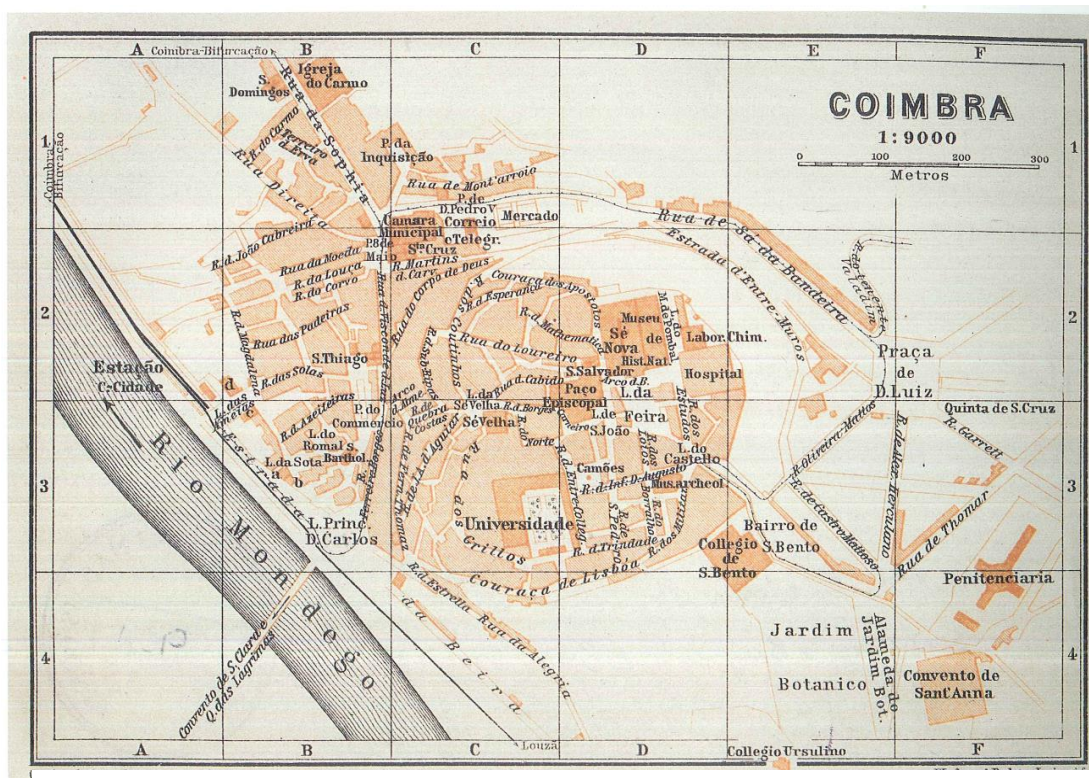


Figura 10. Planta Topográfica de Coimbra, 1901

Contudo, algumas ruas iam perdendo o sentido inicial, é o exemplo da Rua Fernandes Tomás (conhecida por Rua das Fangas) que, desde o século XV, tinha cariz essencialmente comercial; contudo, nos séculos XVII e XVIII foi implementado o comércio de livros associado à existência de oficinas de imprensa na área, devido à forte ligação com a Universidade. Também temos o exemplo da alteração da denominação de ruas por

<sup>130</sup>RIBEIRO, Ana Isabel Sacramento Sampaio; *Nobrezas e Governança Identidades e perfis sociais (Coimbra, 1777-1820)*, p. 61

homenagem (o Largo do Museu [fig. 8] que passou a Largo Marquês de Pombal [fig. 10]) e por atividade (o Largo da Feira dos Estudantes assim conhecido porque D. João III ordenou que aí se fizesse todas as terças-feiras um mercado privativo dos escolares).<sup>131</sup>

A Alta Coimbrã, registava, ainda, na toponímia nomes das instituições ou disciplinas escolares ladeares às ruas: rua dos Militares (por se localizar junto ao Colégio da Ordem dos Militares); rua dos Lóios (por se localizar junto ao Colégio dos Lóios); rua Entre - Colégios (como podemos ver na figura 10, por se localizar entre o Colégio de Santa Rita e o Colégio de São Pedro.)

A cidade, porém, preservava ainda o seu carácter dual, desde a implantação da Universidade, onde a Alta era “*dominada pela Universidade e pelo estudo, onde habitam professores, estudantes e pessoas de estatuto social elevado; e a baixa que é o mundo do trabalho onde se concentram os homens de negócio, os mercadores, a gente de ofícios e de serviços*”. Contudo, na Alta havia de tudo um pouco, de certa forma, podemos compreender que na Alta residia o escol social coimbrão, mas coabitando com os mais pobres.

Ou seja, a dualidade da Alta e da Baixa não é uniforme, ou seja, o que foi referido “*não exclui que na Alta existam comerciantes e muitos artesãos, entre os quais, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, barbeiros, necessários para responder às necessidades dos universitários*”<sup>132</sup> Neste sentido, podemos verificar, na Alta, comerciantes a exercer profissões que asseguravam serviços essenciais para o dia-a-dia dos residentes. Desta forma, apesar de, na Baixa, serem predominantes as atividades ligadas aos artesãos, aos comerciantes de loja aberta, também haverá exemplos destes na Alta.

Segundo Ana Isabel Ribeiro, existiam:

- artesãos, na rua do Castelo, exercendo o ofício de sapateiro, de alfaiate, de barbeiro;<sup>133</sup>
- comerciantes, gente de trato e vendedores de rua (regateiras, taberneiros, botequineiros e estalajadeiros), na rua da Matemática, na Couraça de Lisboa e na rua do Castelo.

No que toca às profissões ligadas à universidade (categoria dos letrados e profissões de letras, segundo Ana Ribeiro), temos, na Alta, os lentes, os opositores às cadeiras da Universidade e os magistrados, habitando nas ruas próximas da Universidade (Estudos, Marco da Feira) e da Sé (rua da Ilha, rua do Forno).<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup> MARTINS, Alfredo *Fernandes; Esta Coimbra... alguns apontamentos para uma palestra*, p.67

<sup>132</sup> *Idem*, p. 68 citado de Guilhermina Mota. “*Famílias em Coimbra nos séculos XVIII e XIX*”, Revista de História da Sociedade e da Cultura, vol. 10, Tomo 2, Coimbra, 2010, p. 355.

<sup>133</sup> *Idem*, pp. 69-77

<sup>134</sup> RIBEIRO, Ana Isabel Sacramento Sampaio; *Nobrezas e Governança Identidades e perfis sociais (Coimbra, 1777-1820)*, p.74

Todavia, os advogados, os tabeliães, os escrivães, os agentes de causas/solicitadores, etc., fixar-se-ão, maioritariamente, na Baixa, havendo alguns casos pontuais na Alta.

Ana Isabel Ribeiro também refere os eclesiásticos, pois o seu papel é importantíssimo. Segundo a análise, este “*grupo social distribuía-se de forma quantitativa pela alta e baixa da cidade*”<sup>135</sup> contudo, muitas das residências do clero iriam verificar-se nas ruas circundantes da Sé e da Universidade”.<sup>136</sup>

## 2.6. A Alta nos finais do século XIX e inícios do século XX

Nos séculos XIX e XX, as cidades portuguesas foram obrigadas a adaptar-se aos novos progressos, dado que, conforme refere Camilo Castelo Branco, “*o progresso é barrigudo, não cabe em ruas estreitas*”,<sup>137</sup> mas Coimbra ainda vivia encerrada nos limites estabelecidos trezentos anos antes, recusando os novos progressos que imploravam uma mudança urgente no espaço urbano.

Um exemplo da necessidade de modificações é dado por Nuno Rosmaninho, ao referir que Coimbra era paradoxal, porque, vista de longe, apresentava-se harmoniosa, encimada pelos seus edifícios universitários, porém, no seu interior, havia ruas tortuosas, íngremes, e casas acanhadas.<sup>138</sup>

Margarida Calmeiro descreve a cidade de forma semelhante, afirmando-a marcada por um denso casario, de fraca qualidade, de construções de vários pisos, em ruas estreitas, mal isoladas e mal ventiladas.<sup>139</sup> De facto, e no geral, as ruas eram tortuosas, íngremes e insalubres, características a eliminar.<sup>140</sup> Por conseguinte, tal como afirma Calmeiro, o século XX, pela mão do Estado Novo, traria a Coimbra alterações drásticas (sobretudo na Alta), visando torná-la uma cidade moderna e salubre<sup>141</sup>.

---

<sup>135</sup> *Idem*, p. 76

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 76

<sup>137</sup> ROSMANINHO, Nuno; Coimbra no Estado Novo, *Evolução do espaço físico de Coimbra*, p. 66

<sup>138</sup> *Idem*.

<sup>139</sup> CALMEIRO, Margarida Isabel Barreto Relvã; *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934*. Vol. I. Tese de Doutoramento em Arquitetura na especialidade de Teoria e História de Arquitetura, pp. 166-167

<sup>140</sup> GARCIA, Tiago Simão; *Caminhos de uma colina: Uma resposta no Século XXI para um problema milenar*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. S/p.

<sup>141</sup> *Idem*, p. 401



**Figura 11.** Vista a partir da margem esquerda, Coimbra nos finais do século XIX.<sup>142</sup>

## 2.7. A Alta Universitária no século XX

### 2.7.1 A Alta antes da Cidade Universitária

As obras pombalinas começaram a revelar-se insuficientes a partir do último quartel do século XIX.<sup>143</sup> O aumento do número de alunos e as novas exigências do ensino obrigaram a um crescimento *“insuficiente, desequilibrado, irracional da universidade, nomeadamente quanto às instalações”*.<sup>144</sup> Segundo Rosmaninho, havia, inclusive, desordem na distribuição dos estabelecimentos de ensino, por exemplo, na Universidade de Direito, existia uma sala da Faculdade de Matemática.

Assim, e segundo Margarida Calmeiro, nos anos trinta do século XX, o Governo, depois de criar a cidade Universitária em Lisboa, reformou a velha acrópole universitária de Coimbra, evocando a *“necessidade de alargamento das instalações universitárias, e da criação de residências de estudantes e de outras instalações universitárias”*.<sup>145</sup> Porém, inicialmente, não se planeava modificar a Alta (a zona universitária). Citando Rosmaninho, grande parte da remodelação urbana centrava-se na Baixa.<sup>146</sup>

<sup>142</sup> Autor Arsène Hayes, retirado de *Evolução do espaço urbano, capítulo: Coimbra na segunda metade do século XIX*, p. 56.

<sup>143</sup> ROSMANINHO, Nuno; *O princípio de uma revolução urbanística do Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra (1934- 1940)*, p. 46

<sup>144</sup> *Idem*, p. 46

<sup>145</sup> *Idem*, p.33

<sup>146</sup> ROSMANINHO, Nuno; *Coimbra no Estado Novo. Evolução do espaço físico de Coimbra*, p.75

De facto, quando o Estado Novo começou a perspetivar uma nova mudança para a Universidade de Coimbra, hesitou na escolha do local, pensando num mais amplo<sup>147</sup> (capaz de responder às necessidades futuras da expansão), mas, dado que a Alta já possuía instalações universitárias e não havia possibilidade de um local mais perto, optou-se pela Alta. Criou-se a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC)<sup>148</sup> cuja intervenção, sob o arquiteto Cottinelli Telmo<sup>149</sup>, se realizou entre 1943 e 1975, implicando a demolição de parte significativa da Alta Coimbrã.

Para Diogo Pacheco de Amorim, a Universidade “*tem de formar [...] um escol destinado aos comandos da vida política, social e económica da nação. (...) é preciso que a formação dos universitários faça deles um todo suficientemente homogéneo para poderem dirigir a nação,*”<sup>150</sup> logo, o meio é fator dominante na formação da «cultura geral» do universitário. Assim se compreende a vontade de remodelar a Alta: as demolições e a despesa acrescida foram uma “*estratégia de afirmação do poder: o urbanismo e a arte ao serviço de um Estado autoritário*”, que era necessário fazer-se sentir no espaço percorrido pelos habitantes e, em especial, pelos estudantes de Coimbra.<sup>151</sup>

Segundo Rosmaninho, a construção da Cidade Universitária de Coimbra “*supôs uma intervenção tão profunda, demorou tanto tempo a ser realizada e afirmou-se tão claramente como uma obra de regime que se torna difícil de exagerar o seu significado.*” Afirma ainda que “*nenhuma obra revela tão bem o usa da propagandista do património*”.<sup>152</sup>

Em consequência, o Estado Novo realizou a maior modificação da paisagem urbana da Alta dos últimos tempos.

Ainda segundo Rosmaninho, o primeiro plano de obras abrangia uma extensa área: do Bairro de Sousa Pinto aos quarteirões a norte e nascente da Sé Velha, incluindo o Colégio dos Grilos, a Sé Velha, o Museu Machado de Castro, Aqueduto e o Colégio de S. Bento. Já a segundo plano, evidenciando maior preocupação com os custos, abrangia uma área menor, restringindo-se às redondezas da Rua Larga, do Largo do Castelo, do Largo da Feira e da Rua dos Estudos.

Contudo, as obras executadas eram semelhantes ao primeiro plano (retirados os quarteirões a norte e nascente da Sé Velha e o Bairro de Sousa Pinto.)<sup>153</sup>

---

<sup>147</sup> Segundo Rosmaninho, os locais opcionais para a Cidade Universitária seriam, por exemplo, o planalto de Montes Claros, os Olivais e a zona da vertente para o rio, na margem esquerda.

<sup>148</sup> LOBO, Rui; *Coimbra: evolução do espaço urbano*, p.31

<sup>149</sup> Segundo Rui Lobo, Cottinelli Telmo após a sua morte, em 1948, foi substituído por Cristino da Silva.

<sup>150</sup> ROSMANINHO, Nuno. *O princípio de uma revolução urbanística do Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra (1934- 1940)*, p. 34

<sup>151</sup> *Idem*, p.36

<sup>152</sup> ROSMANINHO, Nuno; *A cidade universitária de Coimbra e a expressão totalitária da arte*, p.10

<sup>153</sup> ROSMANINHO, Nuno; *O princípio de uma revolução urbanística do Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra (1934- 1940)*, p. 82

### 2.7.1.1. A área de intervenção

No planta abaixo (autoria de Nuno Rosmaninho), destaca-se a Alta de Coimbra. Embora não tendo legenda, podemos verificar, através do título (“*A área de intervenção para a construção da Cidade Universitária*”), que o identificado pela cor azul representa a área intervencionada para a construção da nova Cidade Universitária.

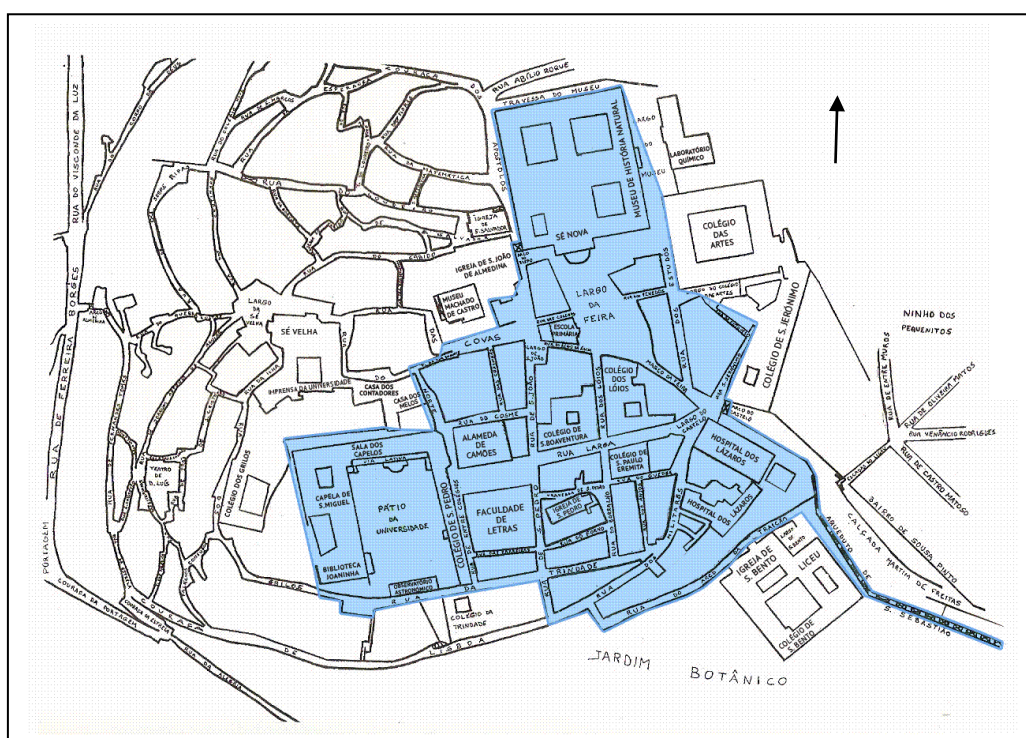


Figura 12. Área de intervenção para a construção da cidade universitária

Apesar de estar incluída, a azul, a área do Pátio da Universidade, os edifícios não foram modificados, pois o Pátio da Universidade (ou Paço das Escolas) seria o alicerce da Universidade, logo, só foi cortado o arvoredo na área ampla do Pátio e foi demolido o Observatório Astronómico, como tratarei mais à frente.

Analisando o mapa (fig. 12), aferimos que, revelando profunda indiferença pelo património arquitetónico,<sup>154</sup> foi afetada grande parte da área da Alta, ocupada por edifícios de enorme importância. Inicialmente, os projetos das obras pareciam preservar alguns dos edifícios de maior valor histórico, arquitetónico ou cultural.<sup>155</sup> Mas tal não aconteceu.

Os edifícios afetados foram, sobretudo, os vários Colégios da Alta que já tinham vindo a perder as suas funções iniciais. Alguns colégios alterados ou demolidos: Colégio de S. Bento, Colégio de S. Paulo de Eremita, Colégio de S. Paulo Apóstolo, Colégio dos Lóios, Colégio de São Boaventura e o Colégio dos Militares.

<sup>154</sup>Jorge Alarcão lamenta que as obras empreendidas pelo Estado Novo não tivessem sido acompanhadas por arqueólogos.

<sup>155</sup> Jornal Diário das Beiras, Edição de 1º Aniversário, *Coimbra ontem e hoje*, p.5

A alteração e demolição de vários edifícios (colégios, igrejas, habitações, lojas, serviços) foram necessárias para alargar o espaço de construção dos novos edifícios universitários. Como se pode comprovar pela análise da planta (fig. 12) um grande espaço estava ocupado principalmente com colégios e igrejas, destacando-se a área compreendida entre o antigo castelo e a antiga Faculdade de Letras e entre esta e o Largo da Feira. Na planta são também visíveis as várias ruas estreitas, confluindo a largos ou a ruas mais amplas.

A Cidade Universitária foi surgindo durante mais de 20 anos. As primeiras demolições foram feitas em abril de 1943 e, como divulgado pelo *Diário das Beiras*, o último edifício construído foi inaugurado em 1969, o Departamento de Matemática; contudo, segundo Rosmaninho, as modificações duraram até 1975, data da conclusão do último edifício construído (que hoje acolhe os Departamentos de Física e Química)<sup>156</sup>.

Este vasto projeto de construção de grandes blocos destinados a faculdades levou à demolição de mais de duzentos prédios.<sup>157</sup> Mas, aqui, não cabe retratar ao pormenor todos os espaços alterados, importa dar conhecer algumas das áreas afetadas, na Alta Universitária, pela construção da Cidade Universitária.

### 2.7.1.2 Os principais edifícios alterados

De forma a mostrar a transformação do espaço ocupado pela Alta Coimbrã *antes* e *depois* da Cidade Universitária, é utilizada uma fotografia aérea (antes) e outra retirada da *Google Earth* (depois), assim vemos melhor os edifícios retratados, a sua dimensão e o espaço ocupado.



**Figura 13.** A Alta Coimbrã: os principais edifícios alterados

<sup>156</sup> BOAS, Rúben Neves da Silva Vilas; *A rua larga de Coimbra das origens à actualidade*, p. 55

<sup>157</sup> BOAS, Rúben Neves da Silva Vilas; *A rua larga de Coimbra das origens à actualidade*, p. 49



### 1. O aqueduto de D. Sebastião

Dado ter estendido a minha área de estudo ao Aqueduto de D. Sebastião, este sofreu algumas modificações com a construção da Cidade Universitária. A destruição dos arcos no Largo D. Dinis e os edifícios que se encontravam junto ao aqueduto (próximo ao Jardim Botânico) foram completamente demolidos. Na figura 4, temos, à esquerda, as casas quase anexas ao aqueduto, e, à direita, a demolição das mesmas.



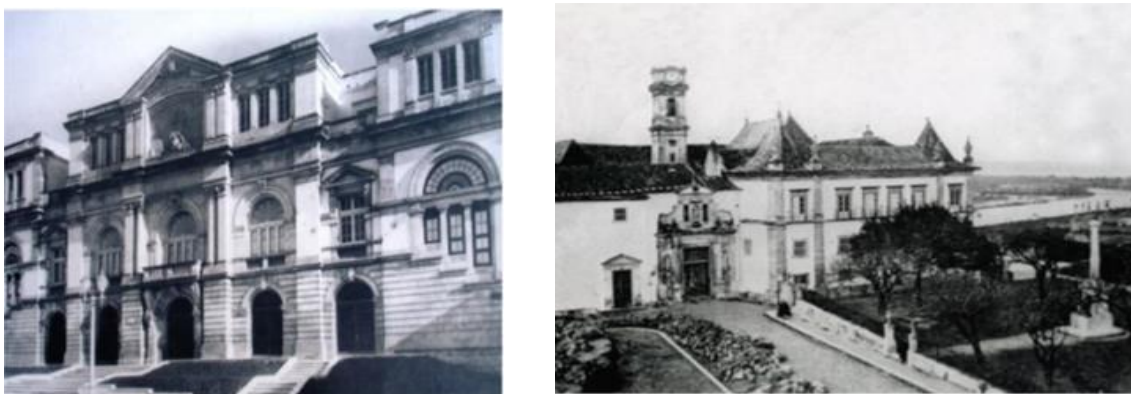
**Figura 14.** O aqueduto de D. Sebastião antes e depois da cidade universitária

### 2. Colégio de S. Paulo Apóstolo/ Teatro Académico/Faculdade de Letras/Biblioteca Geral

O Colégio de S. Paulo Apóstolo foi adaptando as suas funções às necessidades. Em 1912, sobre os seus alicerces, o Teatro Académico levantou-se como Faculdade de Letras e, mais tarde, como Biblioteca Geral, sofrendo profundas alterações na fachada.

### 3. Faculdade de Letras

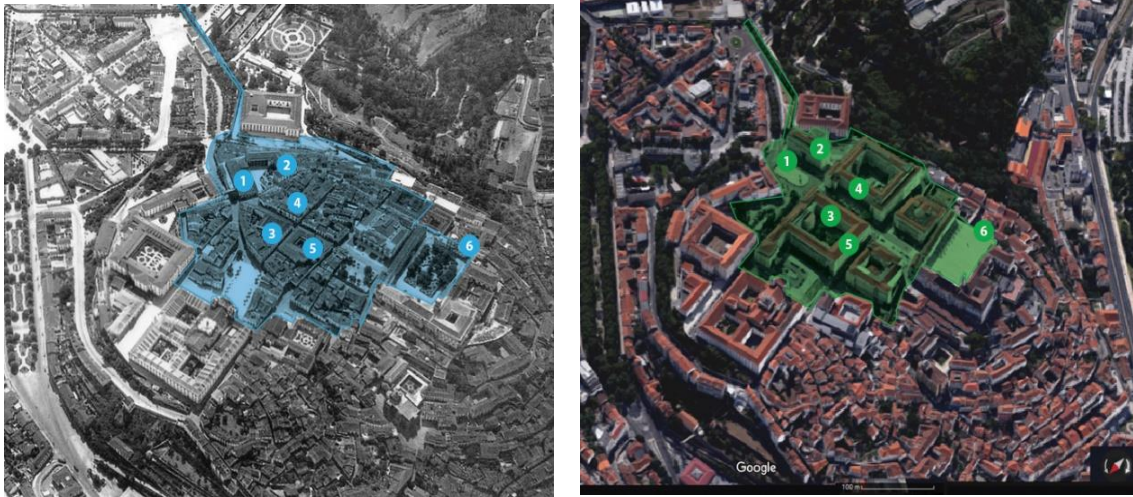
Para a Faculdade de Letras foi escolhido o local onde hoje se encontra a Biblioteca Geral, na Alameda de Camões, onde estava o monumento a Luís de Camões, monumento que, com as obras, foi transferido.



**Figura 15.** A Faculdade de Letras antes da cidade universitária

4. **Casa dos Contadores e Casa dos Melos** foram convertidas em Escola de Farmácia.
5. **Imprensa da Universidade** – extinta em 1933, foi adaptada para arquivo distrital.

### 2.7.1.3. Os principais edifícios demolidos



**Figura 16.** A Alta Coimbrã: os principais edifícios demolidos

#### 1. O castelo

Ao longo dos tempos utilizado para diferentes funções, o castelo, que tivera grande parte do seu edificado destruído na época do Marquês, viu os seus poucos vestígios completamente apagados com a construção da cidade universitária.



**Figura 17.** Anos 30, restos do Castelo de Coimbra; anos 40 do séc. XX – últimos traços do muro do castelo prestes a serem demolidos.

## 2. Colégio dos Militares

Localizado junto do Largo do Castelo, este edifício foi Hospital (conhecido como Hospital do Castelo), desde 1853 até às demolições, no Estado Novo, pelas quais deu lugar ao atual edifício do Departamento de Matemática.

O hospital ficaria restringido ao Colégio das Artes e Colégio de S. Jerónimo, até à inauguração do novo Hospital da Universidade, em 1987.<sup>158</sup>

## 3. Colégio dos Lóios

Este Colégio teve várias funções, até 1940: o Governo Civil, Direção das Finanças, Polícia de Segurança Pública, estação telégrafo-postal, Inspeção Escolar, residência familiar. Sofreu um incêndio em 1943, e os seus restos, demolidos, deram lugar à atual Faculdade de Medicina.

## 4. Colégio de S. Paulo Eremita

Neste edifício funcionava, desde 1921, a sede da Associação Académica; seria demolido para alargamento da rua da Rua Larga.<sup>159</sup>



**Figura 18.** Fotografia tirada em frente da Porta Férrea, talvez do ano de 1888. Pode ver-se a Igreja de S. Pedro.

<sup>158</sup> ROSMANINHO, Nuno; *O princípio de uma «revolução urbanística» no Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra (1934-1940)*, p.174

<sup>159</sup> ANJINHO, Isabel de Moura; *Fortificação de Coimbra*, vol. III, p. 957



**Figura 19.** Fotografia onde se pode ver a Igreja de S. Pedro e o terreiro onde se situava o Colégio de S. Paulo.

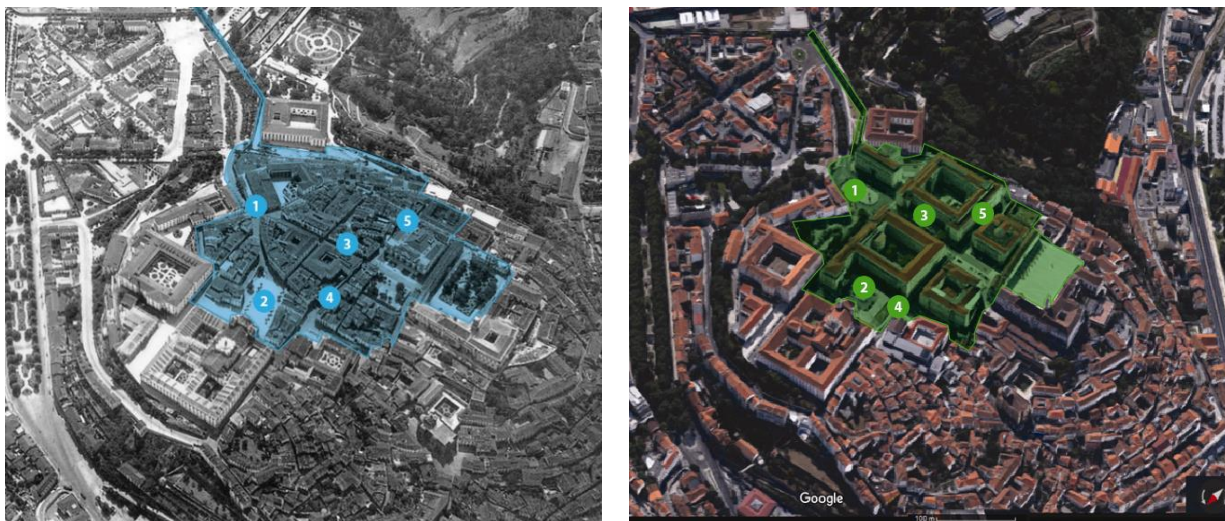
### **5. Colégio de S. Boaventura**

Muito modificado ao longo dos anos (escola primária, prisão académica, instituto de Antropologia), seria demolido para dar lugar ao edifício da Faculdade de Medicina.

### **6. Observatório Astronómico**

Construído em 1790, este edifício foi demolido em 1951. O jardim que acompanhava todo o Pátio da Universidade deu lugar a um espaço amplo.

#### **2.7.1.4. Os principais largos e ruas alterados**



**Figura 20.** Alta Coimbra: principais ruas e principais largos alterados.

### 1. Largo do Castelo

Este espaço pouco se modificou até às obras da Cidade Universitária, quando, foram destruídos o Colégio de S. Paulo Eremita (Associação Académica), o Colégio de S. João Evangelista ou dos Lóios e o Colégio dos Militares para nasceram as Faculdades de Matemática e de Medicina, criando-se o atual o largo de D. Dinis, para onde confluía a principal artéria das várias universidades da alta: a Rua Larga.

### 2. Largo da Feira

Localizado em frente à Sé Nova (e para onde confluíam sete ruas), o Largo beneficiou sempre de grande atratividade comercial e académica. Neste local, existia também uma escola primária, que foi demolida. Este espaço sofre obras de terraplanagem, e, mais amplo, foi pavimentado.

### 3. A Rua Larga

A Rua Larga, que ligava o Largo do Castelo à Porta Férrea, constituía, até às demolições, um centro de atividade estudantil, aqui se encontrava a Associação Académica (que, com a demolição do Colégio de S. Paulo Eremita, passou para o Colégio dos Grilos, até à inauguração das atuais instalações na Praça da República) e estabelecimentos comerciais.

A Rua, já com bastante largura, ampliou-se ainda mais com a demolição de vários edifícios já enunciados. Pretendia-se que acompanhasse os edifícios construídos de *ex novo* (a Biblioteca Geral, das Faculdades de Ciências, de Letras e de Medicina e todos os seus edifícios e serviços afins), tornando-se no principal eixo da Cidade Universitária: desde a Porta Férrea, seguia à Praça D. Dinis para as escadas monumentais. Com a sua construção o conjunto ganha grandeza.<sup>160</sup>



**Figura 21.** Alta Coimbrã: o nascimento da Rua Larga

---

<sup>160</sup>BOAS, Rúben Neves da Silva Vilas; *A rua larga de Coimbra das origens à actualidade*, p. 51

#### 4. As ruas de S. João e de S. Pedro

Estas ruas bastante estreitas, ligadas através da Rua Larga, iam desde o atual Museu de Castro até ao antigo Arco da Traição. O alargamento da Rua de S. João fez desaparecer o Arco do Bispo e alguns anexos da Igreja de S. João de Almedina

Estas ruas são, hoje, bastante utilizadas: a Rua de S. João passa entre as Faculdades de Medicina e de Letras (convergindo para a Rua Larga); a Rua de S. Pedro, passa entre a Biblioteca Geral e o Departamento das Químicas (entroncando na Rua Larga).



**Figura 22.** Rua de S. João: em frente ao Museu Machado de Castro e em frente da Sé Nova

#### 2.7.2. A Alta depois da Cidade Universitária

A alteração do espaço da Alta Coimbrã abrangeu também edifícios destinados à habitação e ao comércio. Ao contrário do pretendido pelo Estado Novo, até então, na Alta, não havia segregação entre as zonas escolares, residenciais e comerciais. Mas, segundo Rosmaninho, o plano de Cottinelli Telmo assumiu a ideia de monofuncionalizar a área universitária, e ninguém exprimiu tão bem esta ideia como Salazar ao dizer “*isolar a colina sagrada, só ativa para o estudo na doce e calma atmosfera coimbrã*”.<sup>161</sup>

Assim, a meio do século XX, a Alta sofreu uma remodelação urbana profunda, e de área dominada por um bairro eminentemente residencial, passou a Cidade Universitária, dotada de edifícios monumentais. Desta forma, os problemas de despovoamento da Alta não foram resolvidos mas antes agravados. Tal como Nuno Rosmaninho refere “*as ruas, as ladeiras, as casas, as pessoas, os estabelecimentos comerciais, a estrutura urbana, tudo desapareceu subitamente*”,<sup>162</sup> perdeu-se toda a área dotada de edifícios destinados à habitação e a um ativo comércio que, instalado no rés-do-chão de vários edifícios, estava vocacionado para satisfação das necessidades diárias da população da Alta.

<sup>161</sup> ROSMANINHO, Nuno; *O princípio de uma revolução urbanística do Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra (1934- 1940)*, p. 59

<sup>162</sup> *Idem*, p. 68

Em 1910, e segundo Rosmaninho, havia, na Alta, sessenta e sete estabelecimentos comerciais e artesanais. Com a criação da Cidade Universitária, a Alta perdia a sua matriz polifuncional (a vida noturna e o seu movimento, os edifícios de habitação e os ligados ao comércio), o que, para muitos dos seus moradores, na época, foi o início da morte desta zona. E toda esta modificação teve uma data: 7 de janeiro de 1942, quando foi dada luz verde à demolição.

Concluímos, então, que o crescimento da função universitária da Alta se fez à custa dos bairros residenciais e trouxe, entre outras, uma séria consequência: a diminuição da população residente.

### **2.7.2.1. Os novos alojamentos**

O processo de demolição criou vários problemas à maior parte dos residentes da Alta: os de baixas possibilidades financeiras foram realojada em bairros sociais (que foram especialmente construídos). Os mais abastados construíram casas noutros bairros.

Até 1954, foram construídos os Bairros de Celas, dos quais destacamos, como exemplo, o Bairro das Setes Fontes, cuja planta circular tem ao centro a estátua de S. João Evangelista, trazida dos escombros do Colégio dos Lóios. Segundo Rosmaninho, para este bairro vieram sobretudo pessoas que viviam na área da atual Faculdade de Medicina,<sup>163</sup>e as suas ruas mantinham os nomes antigos da Alta: Rua dos Estudos, Rua das Cozinhas, Rua do Marco da Feira, Rua do Borrvalho, Rua Larga e Rua do Castelo. Foram também construídos os Bairros da Porcelana, da Fonte do Castanheiro, da Conchada, do Alto de Santa Clara<sup>164</sup>e do Marechal Carmona.<sup>165</sup>

Por um lado, o realojamento dos residentes reforçou a expansão organizada para a periferia da cidade de Coimbra, refletindo valores recordes de construção de habitação. Esta situação é responsável por uma profunda transformação no tecido social e económico da Alta (e de toda a cidade), modificando a sua função, que passa a ser essencialmente ligada ao funcionamento da Universidade, perdendo quase toda a sua função residencial, apesar de o Plano da CAPOCUC para a alta universitária não ter sido levado até ao fim.

---

<sup>163</sup> REBELO, João; *Evolução do espaço físico de Coimbra*. p. 86

<sup>164</sup> ROSMANINHO, Nuno; *O princípio de uma revolução urbanística do Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra (1934- 1940)*, p. 120

<sup>165</sup> Nome atribuído em 1949 para comemorar o 80.º aniversário do Presidente da República.

### 2.7.3. A Alta na atualidade

O desenvolvimento da Cidade de Coimbra, e especificamente da Alta, esteve sempre relacionado com a Universidade, por isso, vivenciou as muitas alterações por esta sofridas desde a sua instalação definitiva, em 1544, até à sua configuração atual.

Contudo, o desenvolvimento da Universidade restringido à Alta, modifica-se no final do século XX, e uma nova era começou para a velha cidade do Mondego, a que a própria vida social se vai também adaptando, sempre em crescente desenvolvimento.<sup>166</sup> Assiste-se à descentralização da Universidade, ou seja, depois do suposto “Pólo 0, na Rua da Sofia, e do Pólo I, na Cidade Alta, surgiram, no final do século, os outros – o Pólo II e III.”<sup>167</sup>

O Pólo II, localizado no Pinhal de Marrocos, junto ao Rio Mondego, possui duas Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação da Universidade: os Departamentos de Engenharia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (e a sede desta Faculdade) e o Instituto de Investigação Interdisciplinar. A Universidade disponibiliza ainda, neste espaço, diversos serviços de alimentação e de alojamento.

No Pólo III, batizado como “zona da Saúde”, localizado em Celas, junto ao Centro Hospitalar Universitário de Coimbra, acolhe duas Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação da Universidade: a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Farmácia.

Para além destes Pólos, temos o Estádio Universitário e Faculdade de Ciências do Desporto, na margem esquerda do Rio Mondego, junto à Ponte de Santa Clara, e a Faculdade de Economia, que se encontra na Av. Dias da Silva.

Estas novas áreas intervencionadas modificaram os espaços envolventes de Coimbra, desenvolvendo o aparecimento de novos espaços habitacionais, de comércio e de novos serviços, aumentando a periferia da cidade.

Assim, atualmente, não é apenas à Alta que se circunscreve a Universidade e não é só à Universidade que hoje se circunscreve a Alta. Apesar da perda de população residente e das atividades ligadas ao comércio, com a Cidade Universitária, Coimbra ganhou uma nova vida: o Turismo.

Cidade detentora de vários edifícios e monumentos de inegável valor patrimonial, representativos das várias épocas históricas (fatores que têm vindo a ser cada vez mais valorizados pelo público em geral), Coimbra está a passar por uma fase de dinamismo que inclui a recuperação e a preservação do património da Alta.

---

<sup>166</sup>ROSMANINHO, Nuno; *Coimbra no Estado Novo, A evolução do espaço físico de Coimbra*, p. 90

<sup>167</sup> FERREIRA, Carolina; *Coimbra aos pedaços. Uma abordagem ao espaço urbano da Cidade*, p.18



Por conseguinte, nos últimos anos, assiste-se a alterações com vista a melhorar as infraestruturas da Alta de Coimbra, falamos de planos de reabilitação urbana, que pretendem satisfazer as novas necessidades do ser humano, mas respeitando o património cultural da cidade, preservando-o e promovendo a sua valorização.<sup>168</sup> Nesta sequência, a Câmara Municipal de Coimbra criou, em 2012, um instrumento visando reabilitar a Alta de Coimbra – Área de Reabilitação Urbana (ARU).

A Alta está a “vivenciar” mudanças substanciais no espaço, como motores de mudança do Pólo Histórico da Universidade estão o Plano de Reconversão da Alta Universitária, do Arquiteto Gonçalo Byrne, e a integração na lista de Património Mundial da UNESCO, da Universidade de Coimbra, a Alta e a Sofia, no ano de 2013<sup>169</sup> e <sup>170</sup>.

Desta forma, pretendendo reabilitar, preservar, inovar e desenvolver, Coimbra tem beneficiado de apoios europeus, como o Portugal 2020, que a apoiam para que continue a merecer a distinção da UNESCO.<sup>171</sup>

No entanto, algumas alterações já se fizeram sentir<sup>172</sup>:

- Projeto de Gonçalo Byrne para ampliação do Museu Nacional de Machado de Castro;<sup>173</sup>
- repavimentação do pátio das escolas;
- intervenções de conservação e restauro das Escadas de Minerva;
- intervenção na torre universitária para preservação do património monumental;
- remodelação do Edifício do Laboratório Chimico para a Prefiguração do Museu das Ciências da Universidade de Coimbra<sup>174</sup>;
- intervenção na fachada e terraços da Via Latina.

Contudo, vários projetos estão ainda por realizar, entre eles:

- a construção de uma nova Praça D. Dinis com um núcleo de estacionamento subterrâneo;

---

<sup>168</sup>Coimbra rio. *Área de Reabilitação Urbana*, p.20

<sup>169</sup> CASALEIRO, Pedro J. Enrech. *Laboratório Chimico: A prefiguração do museu das ciências da Universidade de Coimbra*, p.79

<sup>170</sup>Segundo o *Website* Turismo de Coimbra, disponível em: <http://turismodecoimbra.pt/patrimonio-mundial/>, a classificação referida “(...)diz respeito ao edificado, mas engloba também uma dimensão imaterial justificada pelo papel da Universidade de Coimbra como construtora e difusora, durante séculos, da língua e cultura portuguesas.”

<sup>171</sup>Retirado do *Website* Turismo de Coimbra, disponível em: <http://turismodecoimbra.pt/patrimonio-mundial/>

<sup>172</sup> Para outras modificações consultar o PDF da Universidade de Coimbra, disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/monitoring/reports/attachments.pdf>

<sup>173</sup> Retirado do *Website* Museu Machado de Castro, disponível em:

<http://www.museumachadocastro.pt/ptPT/museu/ContentDetail.aspx?id=629>

<sup>174</sup> Como se pode verificar no *website* do Museu da Ciência de Coimbra, este museu foi premiado várias vezes, incluindo o prémio da Arquitectura ENOR, dado à equipa que requalificou o Laboratório Chimico.

- a criação do CIDUC<sup>175</sup>, funcionando como porta de entrada na Universidade recebendo os turistas, de forma a concentrar todos os serviços de apoio turístico, informação e divulgação da Universidade de Coimbra<sup>176</sup>, ficando localizado entre a Faculdade de Medicina e o Colégio de S. Jerónimo;
- “(...) salas de estudo e lazer noturno no pátio de Físico-Química. A reconversão da Faculdade de Medicina em espaços habitacionais e comerciais, entre outros”;<sup>177</sup>
- a reabilitação do Colégio da Trindade<sup>178</sup> para a execução do projeto de adaptação a Tribunal Universitário Judicial Europeu e outros serviços da Faculdade de Direito;<sup>179</sup>
- a construção da Biblioteca da Faculdade de Direito;
- o novo programa que prevê o desalojamento das diversas estruturas da Universidade que funcionam no Colégio de S. Jerónimo, ficando este edifício livre para a instalação de uma unidade hoteleira;
- o término da ocupação do Colégio de Santo Agostinho como Faculdade de Psicologia para a criação do “Coimbra Group<sup>180</sup> das universidades brasileiras, bem como as perspectivas de criação com sede em Coimbra da Rede dos países com património de origem portuguesa, denominado WHPO”.<sup>181</sup>

Consequentemente, perspectiva-se ainda mudanças substanciais, que se refletem não tanto na modificação do espaço físico da Alta, mas sobretudo em alterações das funções de vários edifícios. Contudo, prevê-se que a Cidade de Coimbra continue na vanguarda e que consiga preservar os edifícios históricos sem descurar a inovação.

---

<sup>175</sup>Centro de Interpretação e Divulgação da Universidade de Coimbra

<sup>176</sup>Retirado do website Universidade de Coimbra [http://www.uc.pt/ruas/property/apres\\_pt.pdf](http://www.uc.pt/ruas/property/apres_pt.pdf)

<sup>177</sup> BOAS, Rúben Neves da Silva Vilas. *A rua larga de Coimbra*, p. 55

<sup>178</sup> Já se encontra em execução.

<sup>179</sup>Retirado do website Universidade de Coimbra [http://www.uc.pt/ruas/property/apres\\_pt.pdf](http://www.uc.pt/ruas/property/apres_pt.pdf)

<sup>180</sup> Associação fundada no ano de 1987 que congrega várias universidades europeias. Mais informação disponível no website oficial <https://www.coimbra-group.eu/>

<sup>181</sup>Retirado do PDF da Universidade de Coimbra [http://www.uc.pt/ruas/property/apres\\_pt.pdf](http://www.uc.pt/ruas/property/apres_pt.pdf)

# CAPÍTULO III

Transposição didática

## 1. Seleção da aplicação didática

Como estratégia para a aplicação didática dos conhecimentos desenvolvidos no seminário de História e Geografia, optei por trabalhar nas duas disciplinas a mesma aplicação didática, de forma a evidenciar a interdisciplinaridade existente; porém, dado que a carga horária é maior a História, serão utilizadas mais horas desta disciplina.

Na concretização da aplicação didática, e tendo em conta as características da turma, optei pela realização (orientada e supervisionada pela docente) de um trabalho de grupo, sobre “A História da Cidade: a evolução da cidade ao longo dos tempos”. Sendo o conhecimento do espaço essencial neste tema, é imprescindível que os discentes façam uso da cartografia.

A ferramenta de trabalho selecionada foi *Google Docs* (como explicado adiante). O produto final, será divulgado numa exposição efetuada pelos alunos.

### 1.1. A contextualização da aplicação didática no conteúdo científico e nas metas curriculares

Uma vez que, até ao momento, lecionei aulas apenas ao 7º ano de escolaridade, orientei-me/guiei-me pelas metas curriculares desse mesmo ano.

#### ...quanto à História

Ligação ente o tema do relatório e as metas curriculares de História, do 7º ano:

Domínio	“Das sociedades recoletoras às primeiras civilizações”	Subdomínio	Contributos das civilizações urbanas	Objetivo geral 1	Domínio	“A formação da cristandade ocidental e a expansão islâmica”	Subdomínio	A Europa do século VI ao XII	Descritor 3
		Subdomínio	Roma e o império	Conhecer e compreender a formação das primeiras civilizações urbanas.					Descritor 5
				Conhecer as marcas do mundo romano para as civilizações que lhe sucederam e para as sociedades atuais.					Descritor 5
									Identificar no espaço português vestígios materiais e imateriais da cultura muçulmana.
									Objetivo geral 4
									Conhecer e compreender a formação do reino de Portugal num contexto de reconquista cristã.
									Descritor 6
									Indicar as estratégias de povoamento e de defesa do território nacional.

## ...quanto à Geografia

A ligação ao tema do relatório encontra-se nas metas curriculares de Geografia:

Domínio	A Terra: Estudos e Representações	Subdomínio	Representação da superfície terrestre	<b>Objetivo geral 1</b>
				Conhecer diferentes formas de representação da superfície terrestre.
				Descritor
				<i>1. Identificar diferentes formas de representação da superfície terrestre (mapas, globos, fotografias aéreas, imagens de satélite, ortofotomapas...), referindo as respetivas vantagens e desvantagens.</i>
				<b>Objetivo geral 2</b>
				Compreender diferentes tipos de projeções cartográficas.
				<b>Descritores</b>
				<i>1. Definir projeção cartográfica.</i>
				<i>2. Identificar os principais tipos de projeção.</i>
				<i>3. Reconhecer as distorções introduzidas por cada uma das projeções.</i>
				<b>Objetivo geral 3</b>
				Aplicar conhecimentos na elaboração de representações cartográficas do território.
				<b>Descritores</b>
				<i>1. Construir esboços cartográficos do lugar onde vive, de Portugal, da Europa e do mundo.</i>
				<i>2. Desenhar mapas mentais.</i>
				<b>Objetivo geral 4</b>
				Compreender a diversidade de representações cartográficas.
				<b>Descritores</b>
				<i>1. Identificar os elementos fundamentais de um mapa - título, legenda, orientação, escala e fonte - descrevendo a informação fornecida por cada um desses elementos.</i>
				<i>2. Definir escala.</i>
<i>3. Distinguir mapas com diferentes escalas com base na observação de diferentes tipos de representações cartográficas (planisférios, mapas corográficos, mapas topográficos, plantas), classificando-os em mapas de pequena e de grande escala</i>				
<i>4. Relacionar as diferentes escalas com o grau de pormenor e a área representada.</i>				
<i>5. Distinguir mapas de base de mapas temáticos (físicos, políticos, demográficos, económicos...).</i>				
<i>6. Selecionar o mapa adequado em função do problema colocado.</i>				
<i>7. Utilizar as tecnologias de informação geográfica na representação da superfície terrestre. (Facultativo)</i>				

A ponte entre o conteúdo científico do presente relatório e o tema da transposição didática (“*A História da Cidade: a evolução da cidade ao longo dos tempos*”) tem como pilares fundamentais:

- a História - as cidades, suas origens e evolução em intrínseca correlação com os seus habitantes (e invasores-habitantes);
- a Geografia - e dado que estamos a falar de cidades terrestres, a Cartografia, ou seja, as múltiplas representações da superfície terrestre (superfície que, como bem reconhece Claude Lévi-Strauss, orienta “*relativamente aos pontos cardeais*”, ou desorienta, se priva os habitantes “*da planta que fornece um*”

*argumento para o seu saber” e “sentido das tradições, como se os seus sistemas social e religioso (...) fossem muito complicados para passarem sem (...) a planta da [cidade], cujos contornos são perpetuamente refrescados pelos gestos quotidianos.”).*

## **1.2. A escolha do tema e a aplicação didática**

Neste subcapítulo, e contextualizando as estratégias selecionadas no processo de ensino-aprendizagem, exporei, em primeiro lugar, estratégias transversais a ambas as disciplinas e, em segundo lugar, especificarei a importância de cada uma das ciências (História e Geografia), consciente de que tanto as primeiras como as segundas estratégias se complementam na construção do todo que é a unidade didática em aplicação.

Ao longo do ano letivo, os alunos estudaram o tema do urbanismo em várias aulas:

- ◆ de História (lecionadas sobretudo por mim, mas, saliente-se, sem qualquer planificação a médio ou a longo prazo, fosse ela do grupo 400, do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, da docente-orientadora ou do Núcleo de Estágio], à exceção da de curto prazo, o que dificultou seriamente a inserção das aulas lecionadas pelos professores estagiários e a respetiva planificação; daí não haver nenhum anexo com planificações a médio/longo prazo de História)
  - domínio “Roma e o império”, objetivo geral 5 “Conhecer as marcas do mundo romano para as civilizações que lhe sucederam e para as sociedades atuais”, descritor 5 “Enumerar aspetos do património imaterial legados pelos romanos no atual território nacional”. Integrando os trabalhos de aula foram mostradas/analizadas diversas fotografias de cidades romanas; como trabalho de casa, foi pedida aos alunos a elaboração de um postal sobre um local em Portugal que revelasse o legado romano;
  - estudo da época medieval, o domínio “A formação da cristandade ocidental e a expansão islâmica”, o descritor “Indicar as estratégias de povoamento e de defesa do território nacional”, a título de curiosidade, foram apresentados aos alunos aspetos da arquitetura militar medieval, salientando-se características das estruturas defensivas dos castelos, novos conceitos e funções (ex. muralha, Porta da Traição, Torre de Menagem; Barbacã, adarve; Mata-cães, porta em cotovelo, seteira, etc.);

- período muçulmano, descritor “Identificar no espaço português vestígios materiais e imateriais da cultura muçulmana”. Integrando os trabalhos de aula, aos alunos foram mostrados vestígios muçulmanos, existentes em Coimbra, através de imagens representativas da antiga alcáçova, uma fotografia atual da porta moçárabe (no edifício onde hoje se encontra o Museu Nacional Machado de Castro) e uma imagem ilustrativa da antiga porta da traição;
- de Geografia (lecionadas sobretudo pela professora-orientadora; a planificação a médio prazo é o anexo3)
  - elementos fundamentais do mapa;
  - subdomínio “a localização dos diferentes elementos da superfície terrestre”, a importância dos processos de orientação na localização relativa (os alunos receberam uma “mini” rosa-dos-ventos para facilitar a elaboração de exercícios);
  - conversão de escalas numéricas em escalas gráficas (e vice-versa) e no cálculo da distância real a partir de distâncias no mapa.

Escolhi a elaboração de um trabalho de grupo<sup>182</sup> para a aplicação didática porque:

- é uma forma de levar os alunos ao conhecimento individual e sem que sejam solicitadas a atenção e a concentração necessárias numa aula;
- cabe ao professor procurar caminhos motivadores para os alunos mais novos, visando ir par além do ensino ainda dito “tradicional”;
- faltava tempo real (aulas/tempos letivos) para concretizar a aplicação (tanto a História como a Geografia),

Neste sentido, uma vez que todos os docentes têm a especial preocupação em direcionar os alunos para o sucesso, podemos fazer de um trabalho de grupo uma estratégia essencial para alcançar esse objetivo, culminando na desejada aprendizagem de todos os alunos. Desta forma, levar os alunos a pesquisar, a sistematizar o conhecimento e a apresentá-lo à turma, conduzi-los-á a uma melhor apreensão/compreensão e ao pretendido desenvolvimento das aprendizagens necessárias.

Contudo, e porque a elaboração de um trabalho de grupo não é tarefa fácil para os alunos, cabe ao docente organizar todo o material necessário.

---

<sup>182</sup> A transposição didática não aconteceu, porém, dada a sua viabilidade futura, é preciso ter em conta a carga horária das duas disciplinas.

Nesta perspectiva, parece-me que a tarefa do professor também não é fácil, cabe-lhe o papel fundamental de orientar toda a elaboração do trabalho dos alunos, desde o início ao fim (desde a escolha do tema, dos elementos do grupo até à exposição final), atendendo a todas as dificuldades inerentes a estes aspetos (supervisionar, direccionar, averiguar a participação de todos os elementos do grupo).

Para elaborar o trabalho de grupo, e facilitando as tarefas, cada aluno recorrerá à ferramenta de trabalho **Google Docs**.

A escolha desta ferramenta deve-se a razões pessoais. No meu primeiro ano de Mestrado, tive a oportunidade de frequentar a cadeira Tecnologias Educativas, lecionada pela Doutora Anabela Fernandes. Nesta cadeira, foi dada a conhecer a ferramenta de trabalho *Google Docs*.

Foi uma experiência bastante enriquecedora pois o *Google Docs* é “*uma ferramenta muito simples de usar, de fácil acesso para todas as pessoas que possuam computador com acesso à Internet e por permitir a utilização imediata do mesmo documento por todas as pessoas que nele estejam envolvidas, a qualquer hora e em qualquer espaço geográfico onde se encontrem*”<sup>183</sup>

No fundo, a utilização do *Google Docs* tem “*caraterísticas e potencialidades que podem ajudar professores e alunos a desempenhar melhor os papéis que o próprio sistema de ensino lhes confere.*”<sup>184</sup> Passo a explicar: com a utilização do *Google Docs*, o professor pode contactar diretamente com o trabalho dos alunos e mostrar o seu *feedback*, dando oportunidade ao aluno de corrigir e de verificar quais os seus habituais erros na elaboração de um trabalho escrito.

Quando frequentei a referida cadeira, ou seja, como aluna, tive a oportunidade de, ao refletir sobre os comentários da docente, compreender quais eram as minhas principais falhas e, por conseguinte, de melhorar o meu trabalho.

Em suma, com esta ferramenta, todos os alunos poderão trabalhar *em conjunto* e *em simultâneo* no mesmo documento, e o professor pode verificar o trabalho que está a ser realizado, aferir quem está mais ativo na elaboração e ainda fazer comentários sobre o desempenho dos alunos. Por outras palavras, o *Google Docs* revela-se, na minha opinião, extremamente adequado para uma turma que apresente dificuldades de aprendizagem e falta de interesse.

---

<sup>183</sup> MIRANDA, Luísa. *Et al. Web 2.0: Google Docs no Processo de Ensino e Aprendizagem*.

<sup>184</sup> *idem*.



## ...quanto à História e à Geografia

Segundo Margarida Lucena, a **História** é uma matéria “*privilegiada para ajudar a constituir de modo formativo, um ser social responsável, autónomo mas solidário, independente mas crítico, interveniente e construtivo, no respeito pelos princípios (...)*”. De facto, “*que melhor meio para ajudar o jovem a conhecer o mundo em que vive do que os sinais (as pistas em linguagem de detetive, os vestígios em linguagem de historiador) que os homens ao longo dos tempos foram deixando no espaço que ele «agora» habita?*”<sup>185</sup>

Na verdade, atualmente e enquanto professores de História, temos um relevante papel a desempenhar, principalmente na formação de jovens pensantes e ativos na sociedade. Neste sentido, levá-los a conhecer a História do local onde vivem revela-se essencial para compreenderem a história do povo do qual fazem parte, sobretudo nos dias de hoje, em que vivemos “assombrados” por um conceito – a globalização.

No nosso quotidiano, entramos em contacto, de forma bastante natural, com a Internet, ouvimos música no carro, frequentamos locais de lazer, vamos às compras, observamos os *outdoors* publicitários nas ruas e sabemos que outra pessoa, num outro país, contacta com todas estas mesmas coisas. E o que nos separa? Apenas umas centenas de quilómetros? Não, muito mais: separam-nos a cultura, o idioma, os costumes, a História.

Neste contexto, segundo afirma Luís Alves, cabe-nos “*realizar diariamente um esforço centrípeta que reforce a nossa identidade e nos permita regressar às raízes*”.<sup>186</sup> Ou seja, é necessário incentivar os mais novos a olhar o passado para melhor compreender a identidade presente.

Luís Alves defende que está reservado à História “*o papel de abrir caminho para o aluno desenvolver o seu processo de construção pessoal que desague numa consciência histórica que exercite a sua cidadania na defesa de um património que também lhe pertence e que espera dele a capacidade de o conhecer-proteger-valorizar-divulgar e difundir.*”

Neste sentido, o papel de um professor de História revela-se fulcral na formação de indivíduos, porque permite que estes conheçam a *memória* das suas origens com o intuito de preservar o que é “nosso”.

Por estas razões, optei por trazer para o presente trabalho um tema que pudesse conjugar com a **História Local**, pois, apesar da minha curta experiência como docente, pude compreender que o que realmente permanece na memória dos alunos, são os exemplos que estão próximos deles, como pequenas curiosidades de outros tempos, principalmente monumentos próximos, vestígios de outras civilizações.

---

<sup>185</sup>LUCENA, Margarida; *Potencialidades didáticas do património e da história local. Um caso para a margem esquerda do Tejo. I Parte. Cadernos pedagógico-didáticos A.P.H.20*, p. 14

<sup>186</sup> ALVES, Luís Alberto Marques; *A História local como estratégia para o ensino da História*, p. 70

Importa agora referir a **importância da Geografia** na aplicação didática. A Geografia, ciência que tem como objetivo localizar, descrever e explicar a distribuição dos fenómenos naturais e humanos, é uma ciência presente no quotidiano, mesmo sem repararmos. Segundo os Professores António Campar de Almeida e António Gama, a Geografia é importante pois permite saber *“pensar no espaço, um conhecer o espaço pelos homens para nele saberem organizar-se e para nele saberem viver e combater por uma vida melhor, do pão aos direitos.”* Este saber pensar espaço aprende-se, como exemplo, através de práticas de saber ler os mapas, desta forma, a Geografia é essencial para promover a *“consciência do espaço para nele sabermos organizar-nos e para nele sabermos viver e lutar por uma vida melhor”*.

Por estas razões, é imperativa uma maior consciência geográfica, não só por parte dos geógrafos, mas também dos cidadãos, consciência que cada um *“deve ter presente, para melhor participar nas disputas do mundo atual.”* E, deste modo, o contacto com a Geografia oferece conhecimento sobre vários aspetos do nosso dia-a-dia, tais como a *“questão dos recursos, a problemática do ambiente e dos riscos naturais, vasto campo das questões demográficas e económicas, da riqueza e da pobreza e das migrações das populações”* assim como *“os problemas económicos e sociais associados à mundialização.”*<sup>187</sup>

Deste modo, parece-me bastante importante trazer para os alunos a consciência dos lugares e espaços, utilizando mapas e outras representações cartográficas.

Como já foi referido no presente relatório (Capítulo II), atualmente, os mapas são essenciais. São meios de análise complexos e poderosos nos mais diversos campos de atividade, quer seja do geógrafo, de outros especialistas e até do cidadão comum. Desta forma, para evitar a iliteracia das representações cartográficas, a disciplina de Geografia é a única disciplina que tem lugar, na escola, para um estudo mais aprofundado, adequado e necessário para os nossos alunos.

Existem várias formas de representação do espaço geográfico: cartas, plantas, croquis, mapas, globos, fotografias, imagens de satélites, gráficos, perfis topográficos, maquetes, textos e outros meios que utilizam a linguagem cartográfica<sup>188</sup> Desta maneira, estas representações constituem um importante exercício mental que permite um melhor conhecimento do planeta que habitamos *“e do qual dependemos para sobreviver, e que teremos que habitar ainda por um longo tempo.”*<sup>189</sup> Seguramente, para o ensino de Geografia, a Cartografia é importante, para que assim o aluno tenha capacidade de analisar o espaço à sua volta, de forma a atender às necessidades do seu dia-a-dia.

---

<sup>187</sup>ALMEIDA, António Campar de; António Gama. *Geografia, conhecimento do espaço e cidadania*. Fragmentos de um retrato inacabado. Geografia de Coimbra e as metamorfoses de um país, p. 89

<sup>188</sup>FRANCISCHETT, Mafalda Nesi; *A cartografia no ensino – aprendizagem da geografia*, p 4

<sup>189</sup>BRITO, Raquel Soeiro de; *Didática da geografia*. Universidade aberta, p. 72

Mas como os alunos podem ter contacto com a Cartografia?

Para que os alunos possam compreender, e para que faça sentido a importância da Cartografia, *“o melhor seria, antes do contacto com o mapa, o aluno conhecer o espaço que lhe corresponde”*, ou seja, parece-me que o método mais eficaz para interessar os alunos pela cartografia é iniciá-los no reconhecimento do espaço que os rodeia, através da realização de croquis e de mapas mentais. Posteriormente, deverá ser apresentado um mapa do mesmo espaço para que os alunos analisem as suas noções do espaço que contactam. Assim, cabe primeiro ao Professor dar a escolher um lugar familiar ao aluno, para que este consiga representá-lo, a fim de confrontar o seu mapa mental com um mapa do local.

Em sequência, introduzir-se-á todos os conceitos necessários para o estudo da cartografia (título, legenda, orientação, escala, fonte).<sup>190</sup>

Contudo, para que os alunos consolidem a aprendizagem, é relevante facultar-lhes exercícios de representações cartográficas de uma região que lhes seja próxima, podendo/devendo introduzir-se o papel da História, pois o tempo no espaço são indissociáveis. Desta forma, os alunos poderão conhecer o espaço ao longo dos tempos, acedendo às suas origens, pois compreender a razão e a maneira como o ser humano é capaz de modificar a paisagem é entender o espaço, mesmo que deste apenas se tenha uma noção mental.

Concluindo, as metodologias e as ferramentas escolhidas foram pensadas de forma a elaborar o produto final: uma exposição onde se pretende divulgar os trabalhos realizados, fomentando a autoestima dos alunos e a interação da escola com a comunidade envolvente.

### **1.3. A organização da transposição didática**

De maneira a compreender a aplicação didática planificada, cabe agora, detalhar cada fase do trabalho.

Como já exposto, a transposição didática em prática será a elaboração de um trabalho de grupo realizado pelos alunos, o tema principal *“A História da Cidade: a evolução da cidade ao longo dos tempos”*, porém, cada grupo terá o seu subtema, e a versão final de cada grupo culminará com a elaboração da exposição do trabalho.

---

<sup>190</sup> COSTA, Franklin Roberto da; *A linguagem cartográfica e o ensino- aprendizagem da Geografia*, pp.106-116

O objetivo será que cada grupo desenvolva um trabalho que retrate a evolução urbanística característica de cada período histórico, intrínseco às metas curriculares (de História) já enunciadas; por outras palavras, cada trabalho de grupo enunciará (fundamentando) as características da cidade em cada período histórico (no contexto internacional e nacional, destacando a importância da História Local – o caso da cidade de Coimbra).

Assim, cada grupo terá um subtema:

- **1º Grupo** (quatro elementos) A História da Cidade: a origem das primeiras cidades (e as primeiras cidades no território que, hoje, é Portugal).
- **2º Grupo** (cinco elementos) A História da Cidade: a cidade romana e os seus vestígios em Portugal (e referências específicas a Coimbra).
- **3º Grupo** (cinco elementos) A História da Cidade: a cidade muçulmana e os seus vestígios em Portugal (e referências específicas a Coimbra).
- **4º Grupo** (cinco elementos) A História da Cidade: a cidade medieval e os seus vestígios em Portugal (e referências específicas a Coimbra).

Antes de partir para as várias tarefas inerentes à elaboração do trabalho de grupo e à sua exposição, importa, antes de tudo, que a exposição seja autorizada pela respetiva Direção da Escola (aqui está subjacente a sugestão do local a realizar e a autorização da respetiva data da exposição). Confirmada a autorização, pode enunciar-se toda a organização para a execução da aplicação didática.

Para informar devidamente os alunos sobre toda a atividade que terão de realizar, haverá:

- Aula 1 – 90 minutos (História) onde serão explicados os temas a trabalhar e prestados esclarecimentos sobre as tarefas a desenvolver (anexo 4)
  - Apresentação do tema e esclarecimento do trabalho a realizar, partindo da atualidade (da Alta de Coimbra após a Cidade Universitária, anexo 5), ou seja, “incentivar os mais novos a olhar o passado para melhor compreender a identidade presente” (cf. p. 64), reconhecendo, através do mapa, as mudanças vividas pelo espaço ao longo dos tempos.
  - Entrega de ficha sobre a estrutura de um trabalho escrito (anexo 6).
  - Entrega de ficha para a utilização correta do *Google Docs*, com o endereço de email da professora para que possam adicionar (anexo 7).
  - Entrega do calendário de prazos (anexo 8).

- Apresentação dos membros de cada grupo escolhidos pelo professor.
  - Sorteio do tema de cada grupo (anexo 9).
  - Entrega de uma ficha para preenchimento dos dados do grupo, para cada elemento (anexo 10).
  - Entrega de ficha sobre a estrutura do tema de trabalho (anexo 11).
  - Entrega e explicação da ficha de T.P.C (anexo 12) – mapa da muralha medieval da Alta de Coimbra. O T.P.C será corrigido (anexo 15-A) na próxima aula de Geografia, para relembrar a leitura de mapas e enfatizar alguns dos seus elementos fundamentais.
- aula 2 - 45 minutos (Geografia), correção do T.P.C. e explicação da importância do exercício para o trabalho de grupo<sup>191</sup>;
  - aula 3- 20 de 45 minutos (História), esta aula será realizada após a conclusão das tarefas apresentadas na aula 1, de forma a esclarecer dúvidas e entregar o guião de elaboração da apresentação oral (anexo 13).
  - aula 4 - 90 minutos (História) dedicados à apresentação dos trabalhos dos alunos (para que estes expliquem à turma o que produziram), à entrega de uma ficha informativa sobre os materiais necessários à montagem da exposição e o respetivo esquema de montagem (anexo 14) e à distribuição da ficha de trabalho “*cria o teu próprio mapa da cidade Medieval*” (anexo 15).
  - aula 5 (última aula do ano letivo - História) – entrega de uma ficha de autoavaliação e heteroavaliação, com expressão da opinião individual acerca do trabalho realizado (anexo 16).

#### Atividades fora da sala de aula:

- Encontro da turma para a montagem da exposição.
- Encontro da turma para a análise dos mapas elaborados pelos colegas a fim de expor o melhor mapa.
- Encontro da turma para a desmontagem da exposição.

---

<sup>191</sup>Para que a exposição final tenha uma componente de interação com o público, na exposição será fornecido o mesmo exercício que os alunos fizeram, de título “*cria o teu próprio mapa da cidade Medieval de Coimbra*”, terá exposto um texto e, através do mesmo, os colegas terão de elaborar sua interpretação no mapa, com a supervisão dos alunos que estarão de vigilância na exposição, os alunos que participarem terão que colocar o seu mapa numa caixa (uma caixa totalmente selada), para que depois os alunos possam analisar e escolher o melhor mapa.

## **1.4. Competências adquiridas através da transposição didática**

Finda a explicação da transposição didática, importa agora indicar as competências que os alunos podem vir a desenvolver com a elaboração do trabalho.

### **...quanto à utilização do *Google Docs***

Com a utilização do *Google Docs* pretende-se que os alunos aprendam a manobrar esta ferramenta de trabalho, de forma a ser utilizada futuramente, tanto na escola como na vida profissional. Quanto às vantagens da sua utilização, já detalhadas anteriormente, é esperado que os alunos aprendam a importância das críticas construtivas, realizadas pelo docente, e que possam vir a melhorar a expressão escrita, benefício da reformulação dos aspetos aferidos. Outro aspeto é que, ao ser utilizada esta ferramenta, o aluno é obrigado a trabalhar o documento escrito, impedindo que entregue trabalhos copiados da internet.

### **...quanto à escolha de trabalho de grupo**

Um trabalho de grupo é um trabalho de partilha e de aprendizagem assim, espera-se que os alunos aprendam a transmitir conhecimentos, interagindo com os colegas de grupo. O trabalho de grupo passa, então, por várias aptidões/capacidades: saber ouvir, saber discutir ideias, desenvolver o espírito de entreajuda, ou seja, “(...) o *individuo desenvolve competências de convivência com o outro, no sentido de estabelecer relações de interdependência, de respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da promoção da paz*”,<sup>192</sup> construindo essencialmente competências sociais e de sensibilidade social.

### **...quanto ao conteúdo científico**

Na elaboração do trabalho, espera-se que os alunos aprendam como fazer um trabalho escrito, desta forma, é necessário que compreenda toda a estrutura interna de um trabalho e que, através do mesmo, desenvolva aptidões para futuros trabalhos. Desta maneira, na concretização do trabalho, desenvolverá também outras competências básicas, como desenvolvimento: de capacidades de leitura e de escrita; de capacidade de pesquisa de informação; de capacidade de síntese de dados; de organização das ideias (...).

Com o tema principal, espera-se que os alunos aprendam a História através da realidade mais próxima, ou seja, contactando com a História local, entendendo a sua

---

<sup>192</sup>CASTRO, Maria Graciosa dos Reis Martins de Castro; *A aprendizagem em contexto- O trabalho de projeto*, p. 14

importância, para que, assim, possam compreender o ser humano como um sujeito histórico responsável pela modificação do espaço. É esperado que os alunos reflitam sobre o que hoje resta no local, ou seja, os vestígios de outras épocas, qual a sua importância, Pretende-se, assim, que os alunos desenvolvam o conhecimento do espaço, treinando a capacidade da localização, através do contacto com as representações do espaço (mapas, plantas, ...) de forma a compreender a sua importância na análise do espaço em que vivemos.

### **...quanto à apresentação oral e exposição**

A exposição oral do trabalho é introduzida para que o aluno:

- a) compreenda que, para concretizar, é necessário realizar/seguir um guião (embora este tenha sido facultado);
- b) apreenda a importância da preparação prévia da apresentação;
- c) aperfeiçoe a comunicação oral, vencendo o medo de falar em público (embora seja um processo gradual e diferente de aluno para aluno).

A exposição do trabalho tem, como objetivo, informar o público da escola mostrando os conhecimentos e as aptidões desenvolvidos em duas áreas disciplinares e partilhá-los com o público.

A exposição pretende também homenagear os alunos evidenciando os seus trabalhos. Desta maneira, quer-se que os alunos compreendam a importância de executar uma exposição que tem de apresentar qualidade científica sem descurar o aspeto visual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um ano letivo onde as palavras “esforço”, “dificuldade”, “aprendizagem” e “paixão” se conjugaram, é altura de refletir e elaborar algumas considerações finais sobre estes meses dedicados à prática pedagógica supervisionada.

O segundo ano de mestrado (estágio pedagógico) permitiu pôr em prática a teoria aprendida nas unidades curriculares do primeiro ano.

Pessoalmente, apercebi-me de que quanto mais cedo um professor tiver a oportunidade de contactar com a prática pedagógica melhor, pois permitir-lhe-á desenvolver as capacidades necessárias nas quais a teoria se torna insuficiente. Além disso, a ingenuidade e credulidade do estagiário obrigam-no a confrontar e enfrentar as inseguranças e obstáculos normais na sua situação, o que confere mais maturidade para assumir a função de docência.

Realço ainda a necessidade de um estágio que permita ao estagiário contactar (ativamente) com os aspetos burocráticos, administrativos e legais que a profissão de professor tanto exige e, a meu ver, bastante necessários para preparar um futuro professor no seu início de carreira. Por último, mas não menos importante, saliento a falta de pagamento de, ao menos, um subsídio de estágio, aliviando os custos de deslocação, alimentação e de materiais necessários, pois é tarefa ingrata e deveras difícil conseguir conciliar um *part-time* com uma profissão que consome todo o nosso tempo.

No que respeita aos temas dos seminários, a sua escolha revelou-se bastante difícil, uma vez que o tema escolhido e trabalhado no primeiro semestre (seminário de Geografia) foi alterado no segundo semestre, por se revelar demasiado abrangente para ser trabalhado no seminário de História.

Desta forma, ter que abordar um novo tema no final do ano letivo foi uma tarefa bastante exigente, sobretudo por representar a reta final do estágio pedagógico, o que significava a última oportunidade para melhorar os resultados obtidos anteriormente. Consequentemente, a investigação científica foi levada a cabo no final do segundo semestre e no período de pausa das atividades letivas. De acrescentar que, nestes meses de Verão, vi-me obrigada a conciliar a elaboração do presente relatório com um emprego de férias que consegui obter a fim de poder pagar os meus estudos. O cansaço físico e mental, oriundo do excesso de tarefas, obrigou a que, mais uma vez, as minhas competências de gerir o tempo e realizar um trabalho de qualidade fossem questionadas, postas à prova, com alguma frustração à mistura. Deste modo, equilibrar a qualidade com a gestão do tempo foi o que mais me fez crescer enquanto professora.



De sublinhar alguns obstáculos que em nada dependeram de mim: a Faculdade de Letras, a Biblioteca Geral e a Biblioteca do Departamento de Arquitetura encerraram aproximadamente uma semana no mês de Agosto, numa altura em que estudantes como eu necessitavam de todo o material disponível para pesquisa.

Por conseguinte, embora tenha elaborado o presente relatório com verdadeira reflexão, dedicação e satisfação, tenho a certeza de que ficou por aprofundar muita informação que, no contexto de uma dissertação de mestrado, merecia atenção.

Por último, e quanto à aplicação do conteúdo científico, a necessária escolha tardia do tema para a investigação impediu a realização do projeto elaborado; contudo, a proposta pedagógica encontra-se explicitada, fundamentada e justificada da melhor forma possível, de maneira a, num futuro próximo, ser posta em prática em contexto escolar.

Em suma, o ano de prática pedagógica foi bastante trabalhoso, porém (ou precisamente por isso), espero e desejo que o meu percurso na prática pedagógica não termine aqui e que, no futuro, possa desenvolver novas capacidades, com vista a tornar-me a professora que sonho ser, pois o que realmente importa é formar professores cientes da sua cidadania e da sua humanidade, para que, mesmo convivendo com as suas fragilidades, sejam seres capazes de ter a sensibilidade de compreender as dificuldades dos alunos e procurar caminhar lado a lado com estes conduzindo-os ao sucesso, sucesso que não se limita às classificações dos testes, mas assenta no conhecimento adquirido, pronto a ser utilizado no dia-a-dia.

## BIBLIOGRAFIA

### ◆ citada

ALARCÃO, Jorge de; A Evolução Urbanística de Coimbra: das origens a 1940, Coimbra, *Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra em 1996*, nº especial de Cadernos de Geografia, 1999

ALARCÃO, Jorge de; *Coimbra: A montagem do cenário Urbano*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008

ALMEIDA, Álvaro Duarte; BELO, Duarte; *Portugal Património. Volume III. Aveiro, Coimbra, Leiria*. Mem Martins, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, 2007.

ARAÚJO, Luís Paulo da Silva; *Alta de Coimbra: evolução urbana e funcionalidades*. Relatório da prática de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Universidade de Coimbra, 2015

BRITO, Raquel Soeiro de; POEIRA, Maria de Lurdes; *Didática da geografia*, Universidade Aberta, 1991

CALMEIRO, Margarida Isabel Barreto Relvã; *Urbanismo antes dos Planos: Coimbra 1834-1934*. Vol. I, Tese de Doutoramento em Arquitetura na especialidade de Teoria e História de Arquitetura, Coimbra, 2014

CARNEIRO, Roberto; *Memória de Portugal. O milénio Português*, Círculo de Leitores, 2001

CARVALHO, Rómulo; *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa, 1996

COSTA, Manuel Leal da; JUNIOR, José Geraldo Simões; VEIGA, Carlos; SANTOS, Lusitana Moreira. *Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira*. O caso de Coimbra. Mackenzie, 2012

DIAS, Maria Helena; *Os Mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da cartografia*. Edições Cosmos. Lisboa, 1995.

FERREIRA, Carolina; *Coimbra aos pedaços. Uma abordagem ao espaço urbano da Cidade*. Departamento de Arquitectura da faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007

GASPAR, Joaquim Alves; *Dicionário de Ciências Cartográficas*. LIDEL. Lisboa, 2004

MARGARIDO, Ana Paula; *A morfologia urbana da "Alta" de Coimbra – Ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*. Cadernos de Geografia, vol. 6, Instituto de Estudos Geográficos, Coimbra, 1987

PATO, Maria Helena; *Trabalho de grupo no Ensino Básico – guia prático para professores*, Texto Editora, Lisboa, 1995.

REBELO, João; *Evolução do espaço físico de Coimbra*, Câmara Municipal de Coimbra, 2006

- RIBEIRO, Ana Isabel Sacramento Sampaio; *Nobrezas e Governança Identidades e perfis sociais (Coimbra, 1777-1820)*, Vol. I, Faculdade de Letras Universidade de Coimbra, 2012
- RIBEIRO, Maria do Carmo; MELO, Arnado Sousa; *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*, CITCEM, Braga, 2012
- RODRIGUES, Manuel Augusto; *A universidade de Coimbra. Marcos da sua História*, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1991
- RIBEIRO, Orlando; *Introdução ao estudo da geografia regional*, Edições João Sá da Costa, 1995
- ROMASNINHO. Nuno; *O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. Os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra (1934-1940)*, Minerva, Coimbra, 1996
- SALGUEIRO, Teresa Barata; *A cidade em Portugal. Uma geografia urbana*, Afrontamento, Porto, 1992
- SILVA, Ana Alexandrino da; *Gráficos e Mapas. Representação de informação estatística*, LIDEL, Lisboa, 2006
- SILVA, João Miguel Figueiredo; *A in-temporalidade da Arquitectura. O colégio de SS. Trindade*. Mestrado Integrado em Arquitetura, Lisboa, 2013
- SILVANO, Filomena; *Antropologia do espaço*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2010
- VIDAL-NAQUET, Pierre; *Atlas Histórico*, Intercultura, Lisboa, 1992
- VILARES, Helena. *Coimbra. Toponímia. Câmara Municipal de Coimbra*, Ik DIAGONAL, 2008.

◆ **Webgrafia citada**

- ALMEIDA, António Campar de; GAMA, António; (2003), *Fragmentos de um retrato inacabado. Geografia, conhecimento do espaço e cidadania*. Geografia de Coimbra e as metamorfoses de um país. Acedido em 8 de junho de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, Estudo Geral, Repositório Digital:  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12977/1/Geografia,%20conhecimento%20do%20espa%C3%A7o%20e%20cidadania.pdf>
- ANJINHO, Isabel de Moura, (2016) *Fortificação de Coimbra: das origens à modernidade*, 3 Vol. Coimbra. Acedido em 22 de julho de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, Estudo Geral, Repositório Digital: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/31013>
- ANTUNES, Carlos Manuel Correia; (2008) *Introdução à Geodesia*, (PDF de uma aula) Acedido em 3 de Agosto de 2016, no Website da Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa:

<http://webpages.fc.ul.pt/~cmantunes/Geodesia/IG01-Apresent.pdf>

ALVES, Luís Alberto Marques; (2014) *A História local como estratégia para o ensino da História*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido em 12 de junho de 2016, no Website da Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Repositório Aberto: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4880.pdf>

BOAS, Rúben Neves da Silva Vilas; (2010) *A Rua Larga de Coimbra. Das origens à atualidade*, Departamento de Arquitetura da FCTUC. Acedido em 2 de dezembro de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, Estudo Geral, Repositório Digital: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/14648>

CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de; (2010) *O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV*, Revista portuguesa de História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Acedido em 8 de junho de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, UC Digitalis: [https://digitalis.uc.pt/artigo/o\\_rural\\_e\\_o\\_urbano\\_nas\\_freguesias\\_de\\_coimbra\\_nos\\_s%C3%A9culos\\_xiii\\_e\\_xiv](https://digitalis.uc.pt/artigo/o_rural_e_o_urbano_nas_freguesias_de_coimbra_nos_s%C3%A9culos_xiii_e_xiv)

Câmara Municipal de Coimbra. Sistema de Informação Geográfica de Coimbra. Emissão de Plantas de Localização. Acedido em 17 de julho de 2016, no Website da Câmara Municipal de Coimbra: <http://www.cm-coimbra.pt/index.php/areas-de-intervencao/urbanismo/item/1574-sistema-de-informacao-geografica>

CASALEIRO, Pedro J. Enrech; *Laboratório Chimico: (S/d) A prefiguração do museu das ciências da Universidade de Coimbra*. Acedido em 6 de julho de 2016, no Website da Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Repositório Aberto: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7646.pdf>

CASTRO, Maria Graciosa dos Reis Martins de Castro; (2013) *A aprendizagem em contexto- O trabalho de projeto*. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Educação. Acedido em 3 de setembro de 2016, no Website do Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal: <http://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/2874>

COSTA, Franklin Roberto da; LIMA, Francisco de Assis Fernandes; (2012) *A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões*. Acedido em 2 de julho de 2016, no Website Geografia Ensino & Pesquisa: <http://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7338>

FERNANDES, Mário Gonçalves; (2008) *Cartografia. Programa, conteúdos e métodos de ensino*. Departamento de Geografia, Faculdade de Letras Universidade do Porto. Acedido em 8 de junho de 2016, no Website da Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Repositório Aberto: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5901.pdf>

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi; (S/d) *A cartografia no ensino – aprendizagem da geografia*. Acedido em 20 de agosto de 2016, no Website da Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>

GARCIA, Tiago Simão Fernandes; (2008) *Caminhos de uma colina: uma resposta no séc. XXI para um problema milenar*. Universidade de Coimbra. Acedido em 20 de agosto de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, Estudo Geral, Repositório Digital:  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/7387>

GOMES, Saul António; (2001) *Escolares e Universidade na Coimbra Medieval. Breves Notas Documentais; Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*. Acedido em 20 de agosto de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, Estudo Geral, Repositório Digital:  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13564>

JACA, Carlos;(S/d) *Linhas gerais sobre a história da Universidade Conimbricense. Das suas origens à Reforma Universitária Pombalina de 1772. A Universidade Portuguesa. Da sua fundação e funcionamento durante a Idade Média. 1ª Parte*, p. 32. Acedido em 5 de maio de 2016, no Website Escolas Alberto Sampaio:  
<http://www.esas.pt/jaca/docs/Historia%20da%20Universidade%20Conimbricense.pdf>

LOBO, Rui; (2000) *Coimbra: evolução do espaço urbano*, Em cima do Joelho nº3, Acedido em 20 de agosto de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, UC Digitalis:  
[https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/coimbra\\_evolu%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_esp%C3%A7o\\_urbano](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/coimbra_evolu%C3%A7%C3%A3o_do_esp%C3%A7o_urbano)

LOPES, Maria Antónia; (2012) *Os hospitais de Coimbra e a alimentação dos seus enfermos e funcionários (meados do séc. XVIII– meados do séc. XIX)*. Acedido em 20 de agosto de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, Estudo Geral, Repositório Digital:  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/25333>

MARTINS, Alfredo Fernandes; (1983), *Cadernos de Geografia. Esta Coimbra...Alguns apontamentos para uma palestra, Coimbra: Instituto de Estudos Geográfico. Vol. I*, Acedido em 20 de agosto de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, *Cadernos de Geografia 1-1983*: [http://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos\\_Geografia/Numeros\\_publicados/CadGeo1](http://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeo1)

MIRANDA, Luísa; MORAIS, Carlos; DIAS, Paulo; (2008) *Web 2.0: Google Docs no Processo de Ensino e Aprendizagem. Simposio Internacional de Informática Educativa*, edições Universidade. Salamanca, Acedido em 10 de junho de 2016, no Website do Instituto Politécnico de Bragança, Biblioteca Digital:  
[https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1077/1/2008P\\_GoogleDocs.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1077/1/2008P_GoogleDocs.pdf)

RIBEIRO, Marília Azambuja; BULHÕES; Arthur Feitosa; (2014) *Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica: Inácio Monteiro e a recepção das novas teorias da luz em Portugal*, Acedido em 24 de agosto de 2016, no Website da Universidade de Coimbra:

<http://www.uc.pt/ruas/links/ribeiro>

ROMÃO, José Manuel Correia; CUNHA, Teresa Ariaga; (2012) *Cartografia geológica: Uma mais valia para o desenvolvimento do território*. Geonovas, p. 3-17. Acedido em 24 de agosto de 2016, no Website do Repositório Científico do LNEG:

<http://repositorio.lneg.pt/handle/10400.9/1770>

ROSSA, Walter; (2012) “Urbanismo e poder na fundação de Portugal: a reforma de Coimbra com instalação de Afonso Henriques”, *A evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*, Braga. Acedido em 20 de julho de 2016, no Website Da Universidade do Minho, RepositóriUM:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19501/1/Evolu%C3%A7%C3%A3o%20paisagem%20urbana.pdf>

SANTANA, Paula; (2001) *Coimbra: um novo mapa. Fazer cidade sobre o sítio da cidade*. Editorial do Departamento de Arquitetura. Acedido em 10 de junho de 2016, no Website da Universidade de Coimbra, UC Digitalis:

[https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/fazer\\_cidade\\_sobre\\_o\\_s%C3%ADtio\\_da\\_cidade](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/fazer_cidade_sobre_o_s%C3%ADtio_da_cidade)

SAMPAIO, Susana Eduarda Pereira; (2012) *A importância dos mapas de Conceitos na aprendizagem da história e da geografia. Um projeto com alunos do 3º ciclo do Ensino Básico. Universidade do Minho*. Acedido em 11 de julho de 2016, no Website Da Universidade do Minho, RepositóriUM:

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24195/1/Susana%20Eduarda%20Pereira%20Sampaio.pdf>

#### ◆ **Artigos de publicações em série**

Jornal Diário as Beiras; *Coimbra ontem e hoje*. Edição especial, 1º Aniversário, 1995.

#### ◆ **Bibliografia consultada**

COELHO, Carlos Dias; *O tempo e a forma*, Cadernos MURB, Morfologia Urbana, Estudos da Cidade Portuguesa, 2014

CORTESÃO, Luísa; TORRES, Maria Arminda; *Avaliação pedagógica II. Perspetivas de sucesso*, Porto Editora, Lisboa, 1989

COSTA, António; GOMES, Fernanda M. da Veiga; FERNANDES, Maria Alice Picão; GAMEIRO, Maria Alzira Roque; *Geografia 12º Ano, Tema B: Introdução à Geografia Humana*, Porto Editora, Lisboa, S/d.

COSTA, Pedro Francisco Mendes Pinheiro da Providência e. *A cor do centro histórico de Coimbra*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

GRAÇA, Marina; NEVES, Eduíno; *Princípios básicos da prática pedagógico-didática*, Módulo de animação à distância para professores do ensino secundário, Estruturas de trabalho, Porto Editora, 1987

## ◆ Proveniência das figuras

- Capa – autoria da *designer* gráfica Ângela Catarina da Silva Monteiro.
- Figura 1 – *website* do Sistema de Informação Geográfica do Município de Coimbra, em <http://sig.cm-coimbra.pt>
- Figura 2 – elaboração própria através de mapa da cidade de Coimbra cedido pela Câmara Municipal de Coimbra.
- Figura 3 – elaboração própria através de mapa da cidade de Coimbra cedido pela Câmara Municipal de Coimbra.
- Figura 4 – *website* do Museu Nacional Machado de Castro (Adaptado); acedido em 17 de julho de 2016, no Website do Museu Machado de Casto. <http://www.museumachadocastro.pt/ptPT/minisitios/ContentDetail.aspx?id=632>
- Figura 5 – *A morfologia urbana da “Alta” de Coimbra – Ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, autoria de Ana Paula Margarido, p. 48 (adaptado).
- Figura 6 – *A morfologia urbana da “Alta” de Coimbra – Ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*, autoria de Ana Paula Margarido, p. 48 (adaptado).
- Figura 7 – *Website Sanderus Antiquariaat- antique maps and books*: acedido em 10 de agosto de 2016, em <https://www.sanderusmaps.com/detail.cfm?c=7494>
- Figura 8 – *A in-temporalidade da Arquitectura, da autoria de João Miguel Figueiredo*, p. 33.
- Figura 9 – *A in-temporalidade da Arquitectura, da autoria de João Miguel Figueiredo*; p.33 (adaptado).
- Figura 10 – *A evolução do espaço físico de Coimbra*, cap. “Coimbra no Estado Novo”, Nuno Rosmaninho, p.68.
- Figura 11 – *A evolução do espaço físico de Coimbra*, cap. “Coimbra na segunda metade do século XIX”, Marta Coelho de Macedo, p.56.
- Figura 12 – *O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. Os primeiros programas da Cidade Universitária de Coimbra (1934-1940)*, da autoria de Nuno Rosmaninho. p. 123 (adaptado).
- Figura 13 – *website Skyscrapercity*, acedida em 4 de abril no Website: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=241858>; retirada através do *Google Earth*.



- Figura 14 – *O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. Os primeiros programas da Cidade Universitária de Coimbra (1934-1940)*, da autoria de Nuno Rosmaninho. p. 125 (adaptado).
- Figura 15 – *website* Fórum Coimbra, acessido a 18 de dezembro 2015: <http://www.forumcoimbra.com/forum/viewtopic.php?f=36&t=2137&start=330>
- Figura 16 – *website* Skyscrapercity, acessido em 4 de abril no Website: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=241858>; retirada através do *Google Earth*.
- Figura 17 – *Fortificação de Coimbra: das origens à modernidade*, Vol. III, de Isabel de Moura Anjinho, pp. 1051 e 1055.
- Figura 18 – *Fortificação de Coimbra: das origens à modernidade*, Vol. III, de Isabel de Moura Anjinho, p. 957.
- Figura 19 – *Fortificação de Coimbra: das origens à modernidade*, Vol. III, de Isabel de Moura Anjinho, p. 962.
- Figura 20 – *website* Skyscrapercity, acessido em 4 de abril no Website: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=241858>; retirada através do *Google Earth*.
- Figura 21 – *website* Skyscrapercity, acessido em 10 de dezembro no Website: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=781794&page=4>
- Figura 22 – *website* <http://dererummundi.blogspot.pt/2011/01/reparacao.html>, acessido em 4 de abril de 2016 e retirada do site Fórum Coimbra, acessido a 27 de janeiro <http://www.forumcoimbra.com/fórum/viewtopic.php?f=36&t=2137&start=330>

# Anexos

## ÍNDICE DOS ANEXOS

### **Anexos do conteúdo científico**

- Anexo 1 – Panfleto cedido pelo Museu Municipal de Coimbra: Torre de Almedina; núcleo da cidade amuralhada.
- Anexo 2 – Gravura da vista de Coimbra de Georg Hoefnagel

### **Anexos da aplicação didática de História e Geografia**

- Anexo 3 – Planificação a médio prazo Geografia
- Anexo 4 – Planificação a curto prazo da aula de 90 minutos de História
- Anexo 5 – Ficha de trabalho: Será possível a transformação de uma cidade?
- Anexo 6 – Ficha Informativa: Estrutura para a elaboração de um trabalho escrito
- Anexo 7 – Instruções para criar um documento no *Google Docs*
- Anexo 8 – Calendarização do trabalho de grupo
- Anexo 9 – Sorteio dos temas de trabalho de cada grupo
- Anexo 10 – Registo dos dados do trabalho de grupo
- Anexo 11 – Ficha Informativa: Estrutura do trabalho de grupo
- Anexo 12 – Ficha de trabalho: A muralha de Coimbra
- Anexo 13 – Ficha Informativa: Guião para apresentação oral
- Anexo 14 – Esquema da exposição de todos os trabalhos de grupo
- Anexo 15 – Exercício complementar para a turma e público da escola
- Anexo 15.A – Correção do exercício complementar
- Anexo 16 – Grelha de avaliação do trabalho de grupo

### **Anexos realizados durante a prática pedagógica:**

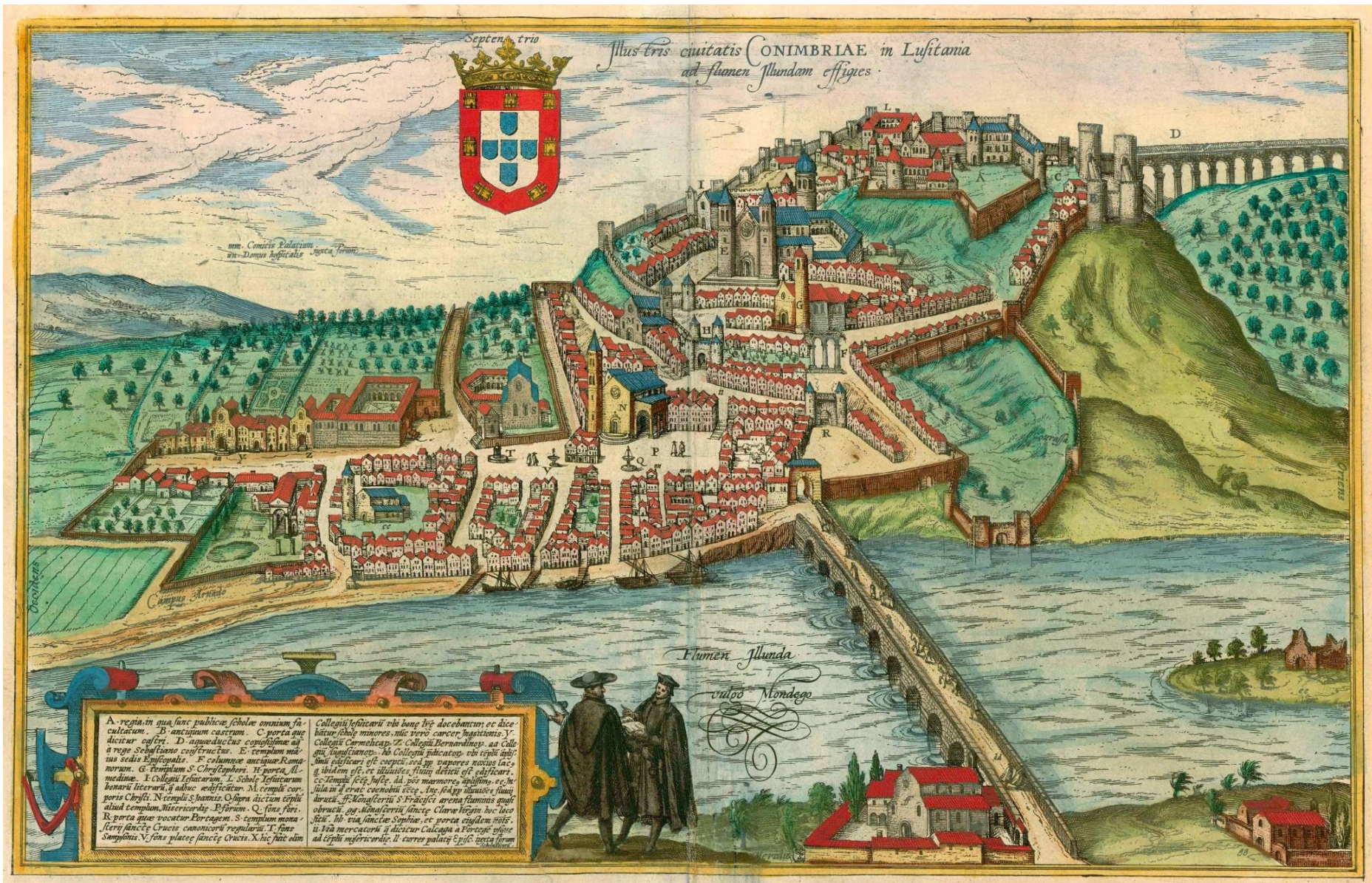
...quanto à História:

- Anexo 17 – Matriz
- Anexo 18 – Teste de avaliação
- Anexo 19 – Critérios de correção
- Anexo 20 – Planificação a curto prazo
- Anexo 21 – Fotograma de vídeo e ficha de trabalho: relacionamento entre cristãos e muçulmanos; ficha formativa “Os vestígios materiais e imateriais no espaço português”
- Anexo 22 – Ficha de trabalho

...quanto à Geografia:

- Anexo 23 – Matriz
- Anexo 24 – Teste de avaliação
- Anexo 25 – Critérios de correção
- Anexo 26 – Planificação a curto prazo
- Anexo 27 – Ficha de informação e de trabalho
- Anexo 28 – *Powerpoint* de uma aula “elementos fundamentais dos mapas”
- Anexo 29 – *Prezi* da aula sobre a localização relativa, “Perdidos no oceano atlântico”.






DOMÍNIO: A TERRA ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES		DURAÇÃO: 23 AULAS			
Subdomínios	Atividades / Estratégias	Conceitos	Recursos	Avaliação	Aulas (45 min.)
<p><b>A Geografia e o território</b></p> <p><i>1. Compreender o método de estudo da Geografia</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Definir Geografia.</li> <li>Identificar o objeto de estudo da Geografia.</li> <li>Definir paisagem.</li> <li>Identificar elementos naturais e humanos das paisagens.</li> <li>Identificar paisagens naturais de paisagens humanizadas.</li> <li>Identificar, no território, paisagens com diferentes graus de humanização.</li> <li>Identificar as principais etapas de uma pesquisa geográfica.</li> <li>Distinguir observação direta de observação indireta.</li> <li>Descrever paisagens recorrendo à observação direta e indireta. Identificar as principais fontes de informação utilizadas pelos geógrafos.</li> <li>Reconhecer a Geografia como a ciência que estuda os territórios resultantes da interação entre a natureza e as sociedades humanas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Exposição oral.</li> <li>Apresentação e exploração de PowerPoints.</li> <li>Exploração do manual adotado.</li> <li>Diálogo vertical.</li> <li>Realização de trabalho de pares/grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Geografia</li> <li>Observação direta</li> <li>Observação indireta</li> <li>Paisagem</li> <li>Elemento natural da paisagem</li> <li>Elemento humano da paisagem</li> <li>Paisagem natural</li> <li>Paisagem humanizada</li> <li>Unidade paisagística</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ficha de avaliação diagnóstica</li> <li>Fichas informativas</li> <li>Powerpoint</li> <li>Projektor</li> <li>Computador</li> <li>Quadro</li> <li>Manual</li> <li>Caderno de atividades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliação diagnóstica: <ul style="list-style-type: none"> <li>teste.</li> </ul> </li> <li>Avaliação formativa: <ul style="list-style-type: none"> <li>Participação oral;</li> <li>fichas de trabalho;</li> <li>trabalho de casa.</li> </ul> </li> <li>Avaliação sumativa: <ul style="list-style-type: none"> <li>teste de avaliação;</li> <li>participação oral.</li> </ul> </li> </ul>	<b>3</b>

DOMÍNIO: A TERRA ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES	DURAÇÃO: 23 AULAS				
Subdomínios	Atividades / Estratégias	Conceitos	Recursos	Avaliação	Aulas (45 min.)
<p><b>A representação da superfície terrestre</b></p> <p>1. <i>Conhecer diferentes formas de representação da superfície terrestre</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as diferentes formas de representar a superfície da terra, referindo as suas vantagens e desvantagens.</li> <li>• Identificar formas de representação adequadas aos diferentes tipos de pesquisa a realizar.</li> <li>• Definir, de forma simplificada, os Sistemas de Informação Geográfica.</li> <li>• Reconhecer a importância dos SIG.</li> </ul> <p>2. <i>Compreender diferentes tipos de projeções cartográficas</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Definir projeção cartográfica.</li> <li>• Identificar os principais tipos de projeção cartográfica.</li> <li>• Reconhecer as distorções introduzidas por cada um dos tipos de projeção cartográfica.</li> </ul> <p>3. <i>Aplicar conhecimentos na elaboração de representações cartográficas do território</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir esboços cartográficos do lugar onde vive, de Portugal, da Europa e do Mundo.</li> <li>• Desenhar mapas mentais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exposição oral.</li> <li>• Apresentação e exploração de <i>PowerPoints</i>.</li> <li>• Exploração do manual adotado.</li> <li>• Diálogo vertical.</li> <li>• Observação e análise comparativa de mapas e outras formas de representar a superfície terrestre.</li> <li>• Elaboração de mapa mental.</li> <li>• Realização de exercícios de escalas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cartografia</li> <li>• Globo terrestre</li> <li>• Mapa</li> <li>• Projeção cilíndrica</li> <li>• Projeção cónica</li> <li>• Projeção plana equatorial</li> <li>• Projeção plana polar</li> <li>• Fotografia aérea</li> <li>• SIG</li> <li>• Título</li> <li>• Orientação</li> <li>• Legenda</li> <li>• Escala</li> <li>• Fonte</li> <li>• Escala</li> <li>• Escala gráfica</li> <li>• Escala numérica</li> <li>• Mapa de grande escala</li> <li>• Mapa de pequena escala</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fichas formativas</li> <li>• Manual</li> <li>• Caderno de atividades</li> <li>• Mapas</li> <li>• Globo</li> <li>• PowerPoint</li> <li>• Projetor</li> <li>• Computador</li> <li>• Quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação formativa: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Participação oral;</li> <li>– fichas de trabalho;</li> <li>– trabalho de casa.</li> </ul> </li> <li>• Avaliação sumativa: <ul style="list-style-type: none"> <li>– teste de avaliação;</li> <li>– participação oral.</li> </ul> </li> </ul>	<b>7</b>

Subdomínios	Atividades / Estratégias	Conceitos	Recursos	Avaliação	Aulas (45 min.)
<p>4. <i>Compreender a diversidade de formas de representação cartográfica</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os Converter escalas numéricas em escalas gráficas e vice-versa.</li> <li>• Calcular distância real a partir de distância no mapa.</li> </ul> <p><b>A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre</b></p> <p>1. Compreender a importância dos processos de orientação na localização relativa</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer os rumos da rosa-dos-ventos.</li> <li>• Basear-se nos rumos da rosa-dos-ventos para a localização relativa de lugares.</li> <li>• Orientar-se através do Sol, com base no Movimento Diurno Aparente do Sol.</li> <li>• Orientar-se através da Estrela Polar.</li> <li>• Orientar-se corretamente através da bússola tendo em consideração a declinação magnética.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exposição oral.</li> <li>• Diálogo horizontal.</li> <li>• Apresentação e exploração de PowerPoints.</li> <li>• Exploração do manual adotado.</li> <li>• Diálogo vertical.</li> <li>• Construção de rosa-dos-ventos.</li> <li>• Observação de animações dos movimentos de rotação da Terra e diurno aparente do Sol.</li> <li>• Realização de exercícios práticos de orientação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Localização relativa</li> <li>• Orientação</li> <li>• Rosa-dos-ventos</li> <li>• Movimento de Rotação da Terra</li> <li>• Movimento Diurno Aparente do Sol</li> <li>• Ursa Menor</li> <li>• Estrela Polar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fichas formativas</li> <li>• Manual</li> <li>• Caderno de atividades</li> <li>• Mapas</li> <li>• Globo</li> <li>• PowerPoint</li> <li>• Projetor</li> <li>• Computador</li> <li>• Quadro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação formativa: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Participação oral;</li> <li>– fichas de trabalho;</li> <li>– trabalho de casa.</li> </ul> </li> <li>• Avaliação sumativa: <ul style="list-style-type: none"> <li>– teste de avaliação;</li> <li>– participação oral.</li> </ul> </li> </ul>	5



 <p>Agrupamento de Escolas E.B. 2/3. D. Inês de Castro</p>	<p><b>Domínio:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Das sociedades recolectoras às primeiras civilizações”;</li> <li>- “Roma e o império”;</li> <li>- “A formação da cristandade ocidental e a expansão islâmica”.</li> </ul>	<p><b>Lição nº 68 e 70</b> <span style="float: right;"><b>12/04/2016</b></span></p> <p><b>Sumário:</b></p> <p>Apresentação do trabalho de grupo. Entrega de materiais e esclarecimento de dúvidas sobre o trabalho de grupo a realizar. Sorteio dos temas de trabalho de grupo.</p>
<p>Professora estagiária Mariana da Silva Monteiro</p>	<p><b>Subdomínio:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Contributos das civilizações urbanas”;</li> <li>- “O mundo muçulmano em expansão”;</li> <li>- “A Europa do século VI ao XII”.</li> </ul>	
<p><b>(Aula de História de 90 minutos)</b></p>	<p><b>Objetivos gerais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Conhecer os principais contributos das primeiras civilizações urbanas para o funcionamento das sociedades até aos nossos dias”</li> <li>- “Conhecer as marcas do mundo romano para as civilizações que lhe sucederam e para as sociedades atuais”</li> <li>- “Conhecer e compreender as interações entre o mundo muçulmano e o mundo cristão”</li> <li>- “Conhecer e compreender a formação do reino de Portugal num contexto de reconquista cristã”</li> </ul>	
<p><b>Turma: 7º X</b></p>	<p><b>Conceitos:</b> Cartografia; centro histórico; urbanismo.</p>	

Descritores	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Relacionar a fertilidade dessas regiões com a acumulação de excedentes, o desenvolvimento comercial e a transformação de aldeias em cidades.</p> <p>Enumerar aspetos do património material e imateriais legados pelos romanos no atual território nacional.</p> <p>Indicar as estratégias de povoamento e de defesa do território nacional.</p> <p>Identificar no espaço português vestígios materiais e imateriais da cultura muçulmana.</p> <p>Compreender o centro histórico como resultado de uma longa evolução histórica.</p> <p>Identificar diferentes períodos históricos no centro histórico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A aula iniciar-se-á com o sumário ditado e, simultaneamente, registado no quadro pela docente [pode ser mais moroso, mas ajuda a consolidar a língua materna e os termos específicos da disciplina), com registo solicitado aos alunos, no seu caderno diário.</li> <li>▪ Será explicado que a aula irá ser diferente porque consistirá na explicação do trabalho de grupo que os alunos irão elaborar de abril a junho.</li> <li>▪ Como motivação e introdução prática ao tema do trabalho de grupo, será distribuída pelos alunos a ficha de trabalho “Será possível a transformação de uma cidade?”. Ou seja, parte-se do espaço e do tempo presentes para reconhecer, no espaço, as marcas do tempo (reconhecíveis através de um mapa).</li> <li>▪ Após a resolução desta ficha de trabalho, haverá uma breve partilha de ideias/experiências sobre a mudança dos espaços e como ela é visível, no quotidiano e nas representações desse espaço.</li> <li>▪ Finda a breve partilha, far-se-á uma síntese oral dos pontos pertinentes e será escrito no quadro branco o tema principal do trabalho – “A História da cidade: a evolução da cidade ao longo dos tempos”.</li> <li>▪ Com recurso ao manual adotado, será explicado o tema, lembrando que já tivemos contacto com ele. Desta forma, os alunos folhearão o manual nas seguintes páginas: <ul style="list-style-type: none"> <li>- 52 - os primórdios da urbanização , “As primeiras civilizações urbanas”</li> <li>- 112 - o período do Império Romano, serão lembrado os aspetos trabalhados sobre “A Presença dos romanos no atual território português”</li> <li>- 154 - “Grande plano sobre as Cidades cristãs e muçulmanas no tempo da reconquista”</li> </ul> </li> </ul>	<p>Quadro</p> <p>Fichas:  . de informação  . de trabalho</p> <p>Manual Adotado</p>	<p>Participação</p> <p>Reflexão e espírito crítico</p> <p>Atitudes e valores</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Elaboração de esquema-resumo de cada ideia-chave através da explicação anterior.</li> <li>▪ Explicado o tema, perguntar-se-á aos alunos qual a estrutura de um trabalho escrito e entregar-se-lhes-á uma ficha informativa sobre o mesmo.</li> <li>▪ Esclarecida a estrutura de um trabalho, informar-se-á que todo o trabalho será escrito no <i>Google Docs</i>.</li> <li>▪ A fim de esclarecer esta ferramenta, será entregue uma ficha informativa com as instruções para a sua utilização e chamar-se-á a atenção para o facto de, na mesma ficha, constar o <i>email</i> da professora.</li> <li>▪ Posteriormente, informar-se-á os alunos: <ul style="list-style-type: none"> <li>- dos prazos da entrega e das várias fases do trabalho,</li> <li>- das etapas principais, das datas e dos materiais a serem entregues nessas mesmas datas;</li> <li>- da distribuição dos elementos do grupo, conforme a pré-seleção da professora.</li> </ul> </li> <li>▪ Em seguida, será: <ul style="list-style-type: none"> <li>- realizado o sorteio dos temas;</li> <li>- entregue uma ficha onde cada elemento registará os dados do seu grupo.</li> </ul> </li> <li>▪ Será explicado que o produto final é uma exposição, a realizar no fim do ano letivo, e que, para tal, nas próximas aulas será fornecido o material necessário.</li> <li>▪ Por fim, entregar-se-á o trabalho para casa e avisar-se-á da sua correção na próxima aula de Geografia</li> </ul>		
Bibliografia:	<p>BARBOSA, Pedro Gomes, <i>et al. Uma Viagem por Portugal Medieval</i>. Lisboa, 2012</p> <p>LANGLEY, Andrew. <i>A Vida na Idade Média</i>, 1999</p> <p>PROENÇA , Maria Cândida; <i>História de Portugal. Da formação a Aljubarrota</i>. Círculo de Leitores, 2010</p> <p>LE DUC, Michel. <i>A cidade passo a passo</i>. Miosótis, 2005</p>		
Webgrafia:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Website Castelos e muralhas do mondego:  <a href="http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/a-rede-em-filme">http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/a-rede-em-filme</a>  (06/05/2016)</li> </ul>		

## Será possível a transformação de uma cidade?

Observa as figuras 2 e 3.

Em 1940, para construir a *Cidade Universitária de Coimbra*, tiveram que destruir muitos edifícios e modificar ruas...

Fig. 1

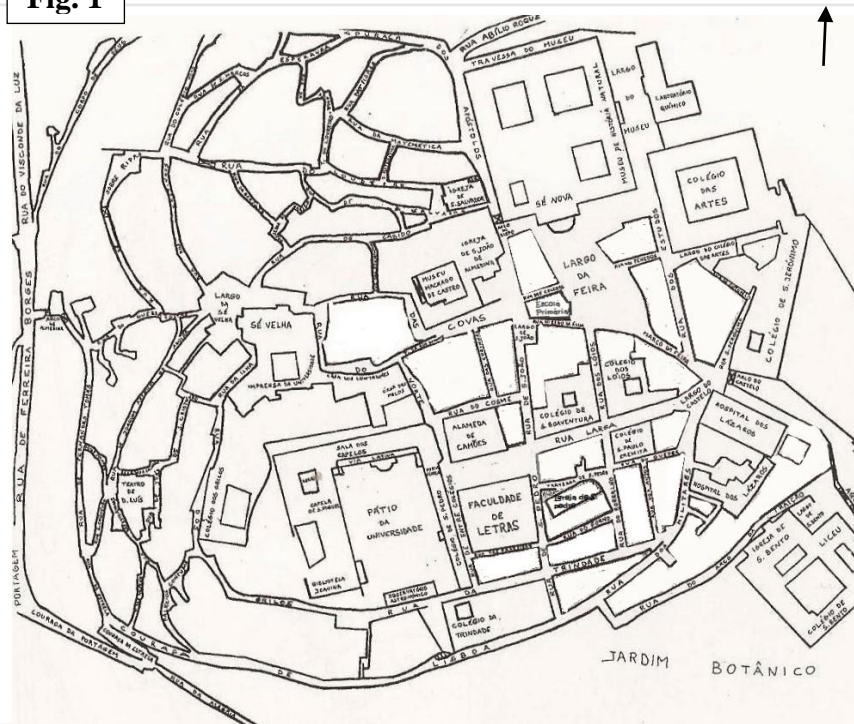
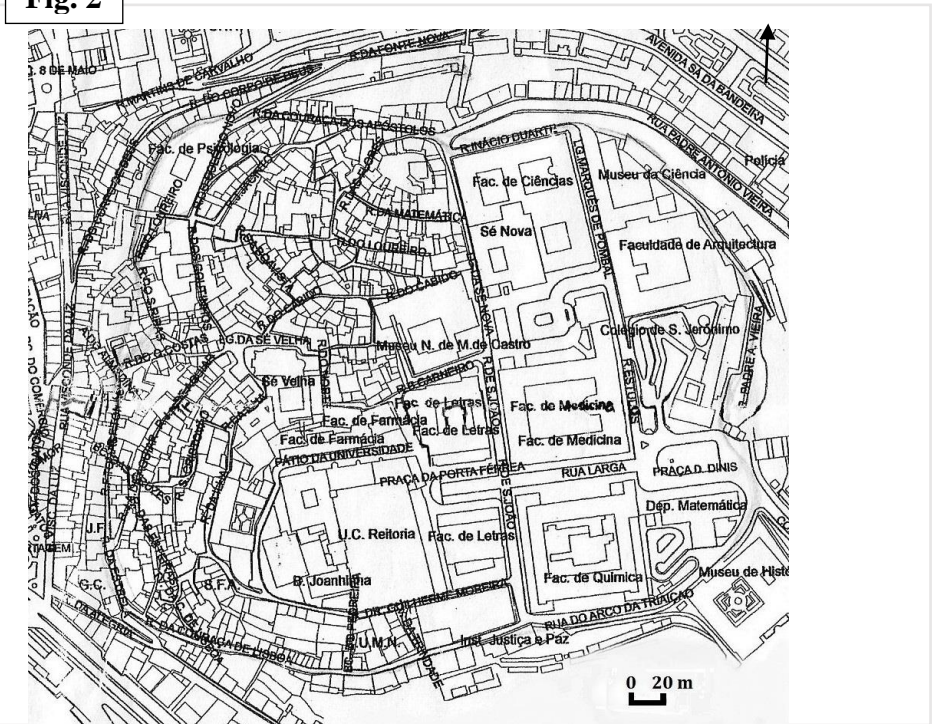


Fig. 2



1. Identifica a figura que representa a Alta de Coimbra na atualidade e a figura que representa a Alta de Coimbra na década de 40.
2. Pinta, ao teu gosto, **na planta da atual Alta de Coimbra**, os edifícios e ruas que foram transformados com a construção da Cidade Universitária.

**Ficha Informativa**

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

## **ROTEIRO DE TRABALHO**

### **Estrutura para elaboração de um trabalho escrito**

Um trabalho escrito deve obedecer a uma determinada estrutura. O trabalho a realizar terá de ter a seguinte estrutura:

#### **→ Capa:**

- símbolo e nome da escola;
- disciplina ou área a que se destina;
- título do trabalho;
- autor(es) número, turma e ano;
- local, mês e ano letivo.

#### **→ Índice**

- Colocar os títulos e subtítulos do trabalho. Deves indicar a página correspondente a cada um.

#### **→ Introdução**

- Deves explicar a importância do tema tratado e deve apresentar os objetivos do trabalho.

#### **→ Desenvolvimento**

- Parte onde apresentas o verdadeiro conteúdo do trabalho.

#### **→ Conclusão**

- Deverá ser breve e será uma síntese do assunto que foi desenvolvido. Deve analisar-se se as expectativas colocadas na sua realização foram ou não cumpridas, refletir sobre as dificuldades surgidas nas etapas do trabalho.

#### **→ Bibliografia (exemplos de citação de livros e sítios da internet)**

##### **• Livros**


AUTOR (SOBRENOME, Nome) - **Título do livro**. Local de edição: Editora.  
Data.

Exemplo:

- LE GOFF, Jacques, A Civilização do Ocidente Medieval, 2 vols., Lisboa, Ed. Estampa, 1995.

##### **• Site de banco de dados**

TÍTULO da página. Disponível em: <[http://www.\\_\\_\\_\\_.\\_\\_\\_\\_.\\_\\_\\_\\_](http://www.____.____.____)>. Acesso em: dia, mês.

	Disciplinas: <b>História e Geografia</b> Ano/Turma: <b>7ºX</b>
	<b>Ficha Informativa</b> Nome: _____ Nº _____

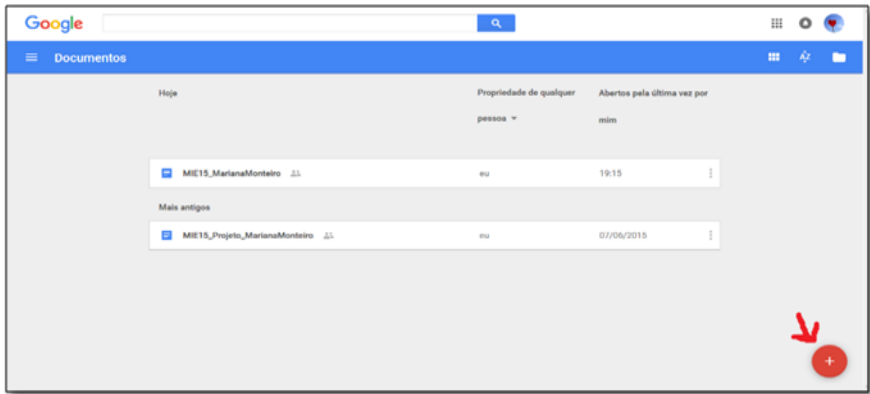
**INSTRUÇÕES PARA CRIAR UM DOCUMENTO NO *GOOGLE DOCS***

**1º Passo** - criar uma conta no *gmail*.

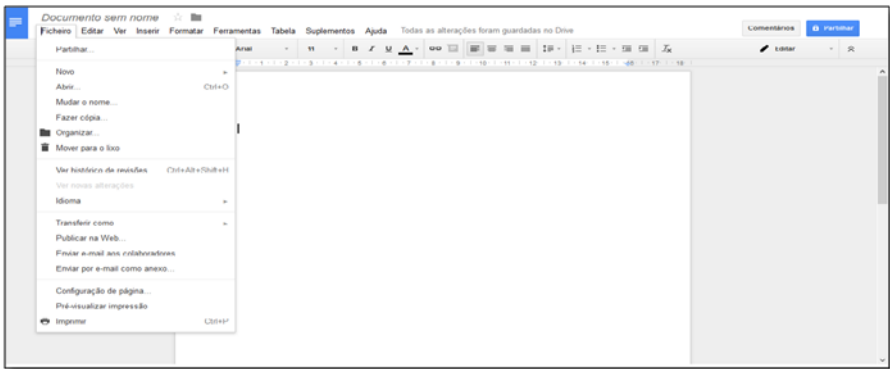
**2º Passo** - pesquisar *Google Docs* e selecionar “ir para o documento do Google”.



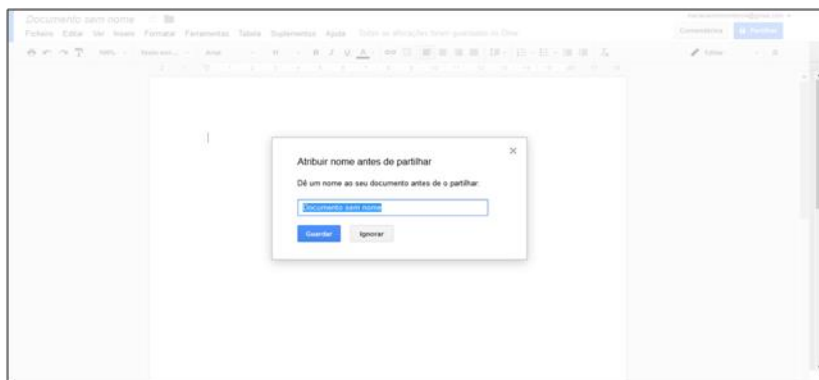
**3º Passo** - Clicar no círculo a vermelho com o símbolo “+” e “criar novo documento”.



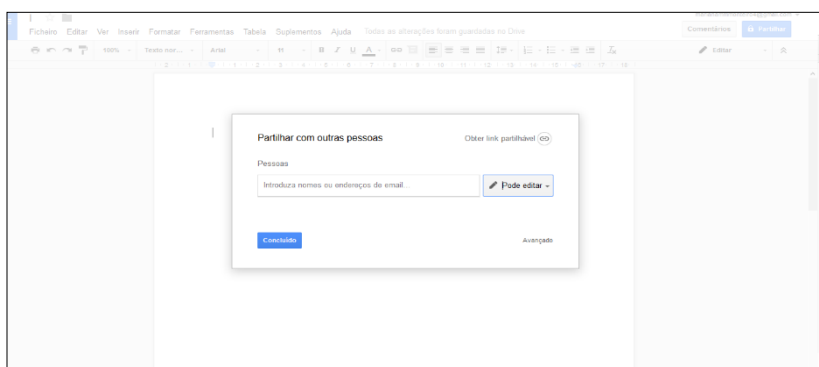
**4º Passo** - Selecionar no canto superior esquerdo “ficheiro” e selecionar “partilhar”.



**5º Passo - atribuir nome do tema do grupo ao documento**

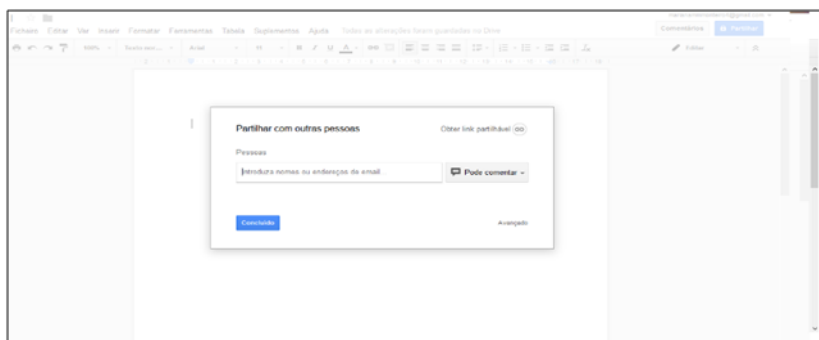



**6º Passo - colocar o *email* dos teus colegas de grupo com a opção “pode editar”**



**7º Passo - colocar o *email* da professora com a opção “pode comentar”**

**→ (email da professora)**



	Disciplinas: <b>História e Geografia</b> Ano/Turma: <b>7ºX</b>
	<b>Ficha Informativa</b> Nome: _____ Nº _____

### CALENDARIZAÇÃO DO TRABALHO DE GRUPO

<b>12 de abril</b>	Aula para iniciar as diligências necessárias à realização do trabalho de grupo (cf. anexos 4 e 5).
<b>10 de maio</b>	Aula para entrega de ficha de orientação para as apresentações dos trabalhos.
<b>18 de Abril</b>	Aula para correção do T.P.C (aula de Geografia).
<b>10 de Maio</b>	Aula para fornecimento de guião para a elaboração da apresentação oral e para esclarecimento de dúvidas.
<b>17 de maio</b>	Aula para apresentação dos trabalhos e entrega de ficha sobre o esquema da exposição.
<b>21 de maio</b>	Entrega do trabalho final (até às 20:00 horas, através do <i>Google Docs</i> ).
<b>25 de maio</b>	Montagem da exposição (às 14:45 horas no local).
<b>1 de junho</b>	Análise dos mapas.
<b>2 de junho</b>	Seleção dos melhores mapas dos alunos.
<b>8 de junho</b>	Desmontagem da exposição (às 14:45 horas no local).

**Abril 2016**

Nº	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
13					1	2	3
14	4	5	6	7	8	9	10
15	11	12	13	14	15	16	17
18	18	19	20	21	22	23	24
19	25	26	27	28	29	30	

**Maió 2016**

Nº	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
17							1
18	2	3	4	5	6	7	8
19	9	10	11	12	13	14	15
20	16	17	18	19	20	21	22
21	23	24	25	26	27	28	29
22	30	31					

**Junho 2016**

Nº	Se	Te	Qu	Qu	Se	Sá	Do
22			1	2	3	4	5
23	6	7	8	9	10	11	12
24	13	14	15	16	17	18	19
25	20	21	22	23	24	25	26
26	27	28	29	30			

#### Legenda do Calendário

- Início e fim do 3º Período
- 1ª/2ª/3ª Aula
- Aula de Geografia
- Montagem da exposição
- Duração da exposição
- Entrega em formato digital do trabalho
- Análise dos mapas elaborados
- Seleção dos melhores mapas



## SORTEIO DOS TEMAS DE TRABALHO DE CADA GRUPO



**1º Grupo (quatro elementos) A História da Cidade: origem das primeiras cidades.**

**2º Grupo (cinco elementos) A História da Cidade: a cidade romana e os seus vestígios em Portugal.**

**3º Grupo (cinco elementos) A História da Cidade: a cidade muçulmana e os seus vestígios em Portugal.**

**4º Grupo (cinco elementos) A História da Cidade: a cidade medieval e os seus vestígios em Portugal.**

### REGISTO DOS DADOS DO TRABALHO DE GRUPO

Grupo nº \_\_\_\_\_

Tema principal do trabalho: *“A História da Cidade: a evolução da cidade ao longo dos tempos”*

Tema do trabalho do grupo: \_\_\_\_\_

**Elemento 1:**

Nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_

**Elemento 2:**

Nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_

**Elemento 3:**

Nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_

**Elemento 4:**

Nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_

**Elemento 5:**

Nome \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_

**Ficha Informativa**

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

## **ESTRUTURA DO TRABALHO DE GRUPO**

**Tema principal:** A História da Cidade: a evolução da cidade ao longo dos tempos

**Subtema:** A cidade medieval e os seus vestígios em Portugal.

**No desenvolvimento terá que ser capaz de:**

### **1. Como apareceram as primeiras cidades medievais?**

- Deves explicar o fim das invasões, o aumento da população e os progressos na produção agrícola com o crescimento das trocas a nível local, regional e internacional e a reanimação das cidades.

### **2. Como eram as cidades medievais?**

#### **→ Os moradores na cidade medieval.**

- Como eram chamadas as cidades medievais? E seus moradores?
- Qual a atividade principal?
- Quem eram os habitantes?

#### **→ O urbanismo da cidade medieval.**

- Onde se localizavam normalmente as cidades?
- Quais eram os edifícios principais nas cidades?
- Como eram as ruas e os caminhos na cidade medieval?
- Deverás recorrer a imagens para ilustrar o que referes.

### **3. Alguns exemplos de cidades medievais em Portugal**

- Podes pesquisar o exemplo de Lisboa, Óbidos, Évora...
- Mapa da localização nacional de cada cidade.

### **4. Alguns vestígios da cidade medieval em Coimbra.**

- Anexar mapa da cidade medieval (documentos de apoio) e saber identificar cada elemento que o mapa apresenta.
- Podes pesquisar imagens do antigo castelo de Coimbra e suas muralhas, Porta da Barbacã, Torre do Anto na Alta da cidade, o exemplo da casa medieval na baixa da cidade).

**Bibliografia no teu manual de História** (Mendes Moreira, *páginas da História*):

- Ponto 1- página 166 e página 170.
- Ponto 2- página 170 e 171.

**Bibliografia no teu manual de Geografia** (Isabel Ribeiro, *Geo sítios*) :

- Ponto 3- página 22 e 23.

**Bibliografia para consultares na biblioteca:**

- Andrew Langley: “A Vida na Idade Média”
- Pedro Gomes Barbosa, Carlos Marques: “Uma Viagem por Portugal Medieval, Contada aos Jovens”;
- Maria Cândida Proença: “História de Portugal. Da formação a Aljubarrota”.

**Bibliografia para consultares na Internet:**

- Projeto castelos e muralhas do Mondego em:  
<http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/a-rede-em-filme>
- Pesquisar “Núcleo da Cidade Muralhada”.

**Imagens de cidades medievais em Portugal:**

- Representações de Duarte D’armas (exemplo de Évora)

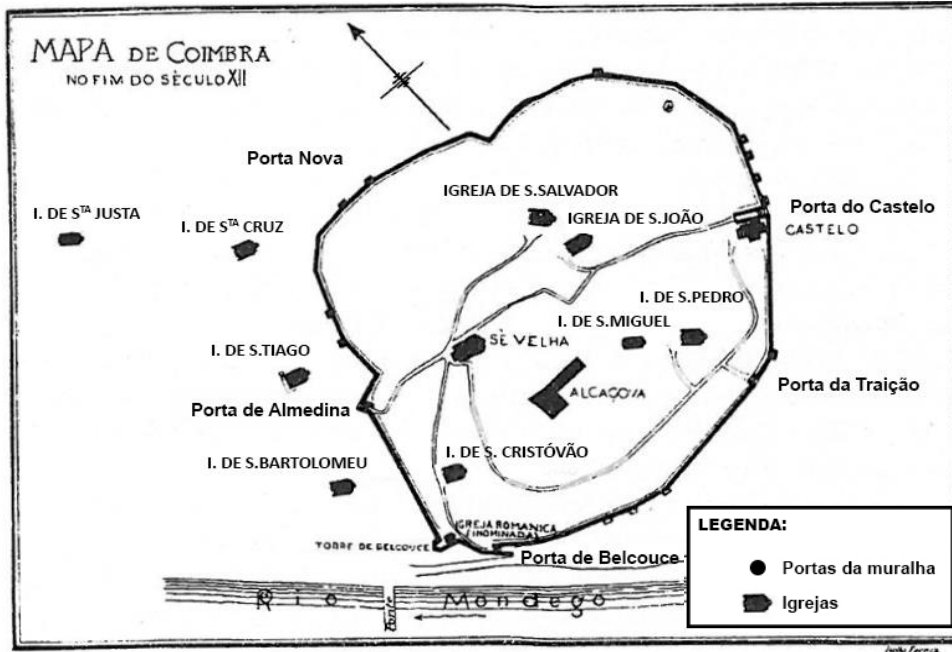
**Ficha de Trabalho**

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

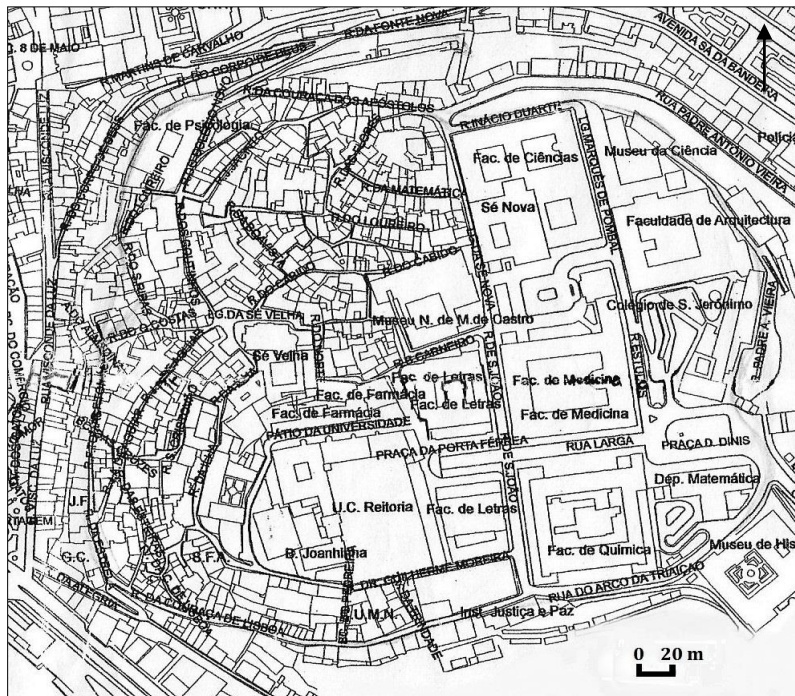
**A MURALHA MEDIEVAL DE COIMBRA**

**1. Observa os seguintes mapas:**

**Fig. 1 - Mapa da Alta de Coimbra Medieval**



**Fig. 2 - Planta da Alta de Coimbra**



## 2. Lê o seguinte texto com ajuda dos mapas (fig, 1 e fig 2)

### **A muralha da Cidade Medieval de Coimbra**

A muralha da cidade Medieval de Coimbra, partia da Porta do Sol do Castelo, (onde atualmente se encontra a praça D. Dinis e o departamento de Matemática) na direção sudoeste (seguindo a **rua da Porta da Traição**) até à porta da traição. Era daqui que a muralha descia, em direção oeste, para a porta de Belcouce, ao fundo da atual rua **Couraça de Lisboa**.

Desde a porta de Belcouce, a muralha seguia, passando onde hoje é atualmente a **rua da Estrela e a rua Fernandes Thomas**, em direção à porta da Almedina (ou seja, o **arco da Almedina**), para subir depois, em linha reta, a rua **Sobre-Ripas**, seguia então pelo **exterior**, onde hoje se encontra a **Faculdade de Psicologia, e ia** em direção à **rua da Couraça dos Apóstolos**, seguia depois, rente ao **exterior** onde hoje é o **Museu da Ciência**, passando por trás onde hoje é a **Faculdade de Arquitetura** e o **colégio S. Jerónimo**, voltando ao Castelo (Praça D. Dinis e o Departamento de Matemática).

#### **As portas da Cidade Medieval de Coimbra**

Como se pode verificar no mapa, a muralha medieval tinha cinco portas: a porta principal da cidade - a Almedina e as restantes: a Porta Genicoca ou Porta da Traição: Belcouce; Porta Sol ou do Castelo, e a Nova.

MARGARIDO, Ana Paula. *A morfologia urbana da Alta de Coimbra- ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*.p.50, (Adaptado)

## 3. Através do mapa da fig. 1 e do texto “A muralha da Cidade Medieval de Coimbra”, terás que criar o teu próprio mapa no mapa da fig. 3!

### **Etapas:**

1. Desenha o traçado da muralha medieval de Coimbra de acordo com a descrição do texto “A muralha da Cidade Medieval de Coimbra”.
2. Identifica alguns edifícios medievais no mapa.
3. Elabora a tua própria legenda para identificares os elementos.
4. Dá um título ao teu mapa.



Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

## GUIÃO PARA APRESENTAÇÃO ORAL

Uma apresentação oral serve para explicares aos teus colegas o que foi trabalhado no teu trabalho de grupo.

Desta forma terás que seguir os seguintes tópicos:

1. Qual o tema trabalhado?
2. Qual os objetivos do trabalho?
3. Qual o contexto do teu tema?
4. Como eram as cidades deste período?
5. Quais eram as cidades deste período em Portugal?
6. Em Coimbra existem vestígios deste período?

Para tornar a tua apresentação mais apelativa podes utilizar:

- Imagens em formato papel ou em formato digital;
- Cartazes;
- PowerPoint;
- (...)

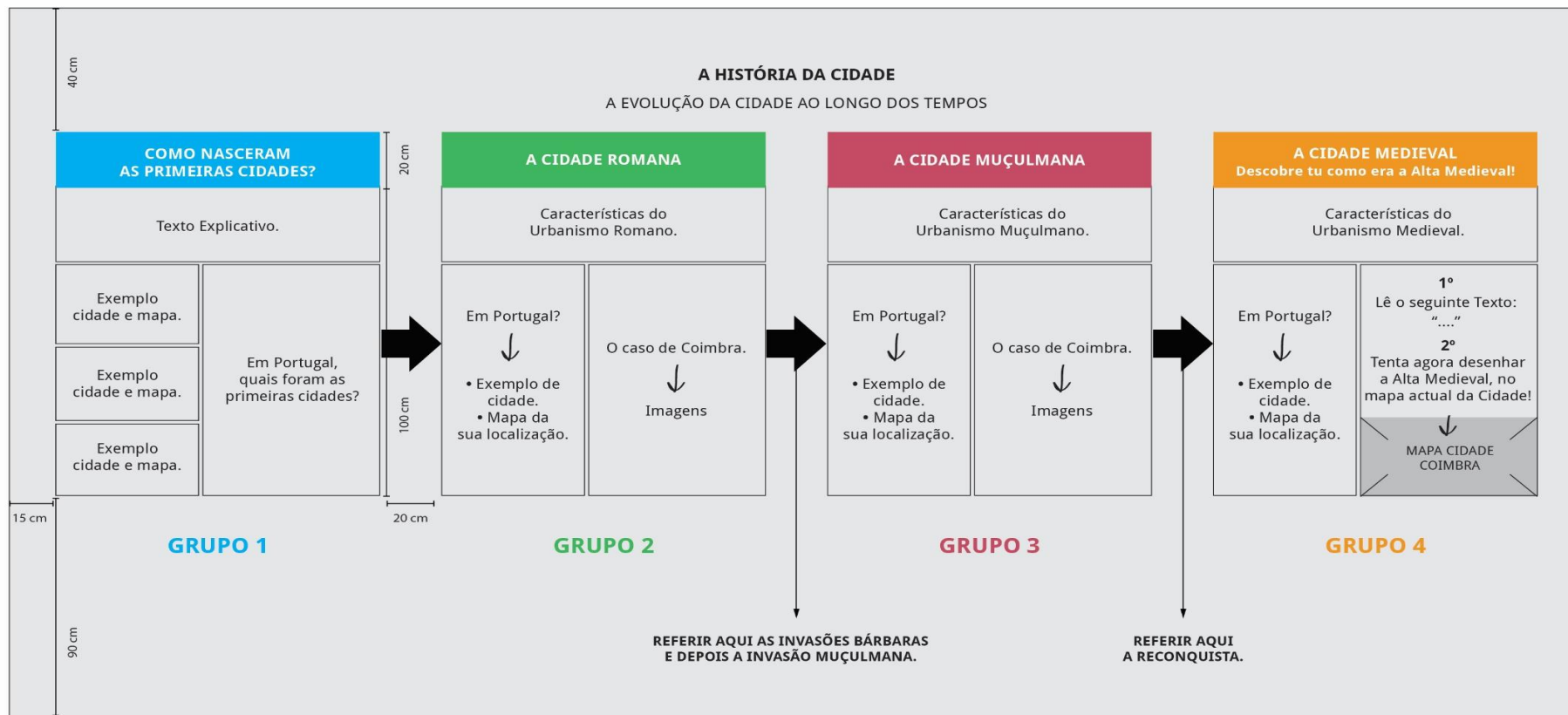
### Dicas:

- Uma boa apresentação oral deve ser treinada por todos os elementos do grupo.
- Podes fazer um esquema para te orientares.
- Não deves falar de improviso.
- Deves ter uma postura correta.
- Deves falar de forma descontraída.
- Deves saber o significado de todas as palavras do trabalho (os teus colegas podem perguntar-te!).



**ESQUEMA DA EXPOSIÇÃO DE TODOS OS TRABALHOS DE GRUPO**

VISTA FRONTAL - PAREDE EXPOSITIVA



**TÍTULO DA EXPOSIÇÃO:** A HISTÓRIA DA CIDADE: A EVOLUÇÃO DA CIDADE AO LONGO DOS TEMPOS

**ÁREA TOTAL DA PAREDE:** 690 cm x 250 cm

**ÁREA DISPONÍVEL PARA CADA GRUPO:** 150 cm x 120 cm

**DISTÂNCIA ENTRE GRUPOS:** 20 cm

**DISTÂNCIA MÍNIMA ENTRE AS FOLHAS DE CONTEÚDO:** 3 cm

## **ANALISA O TEXTO!**

### **A Alta Medieval de Coimbra**

#### **A muralha medieval da Alta de Coimbra**

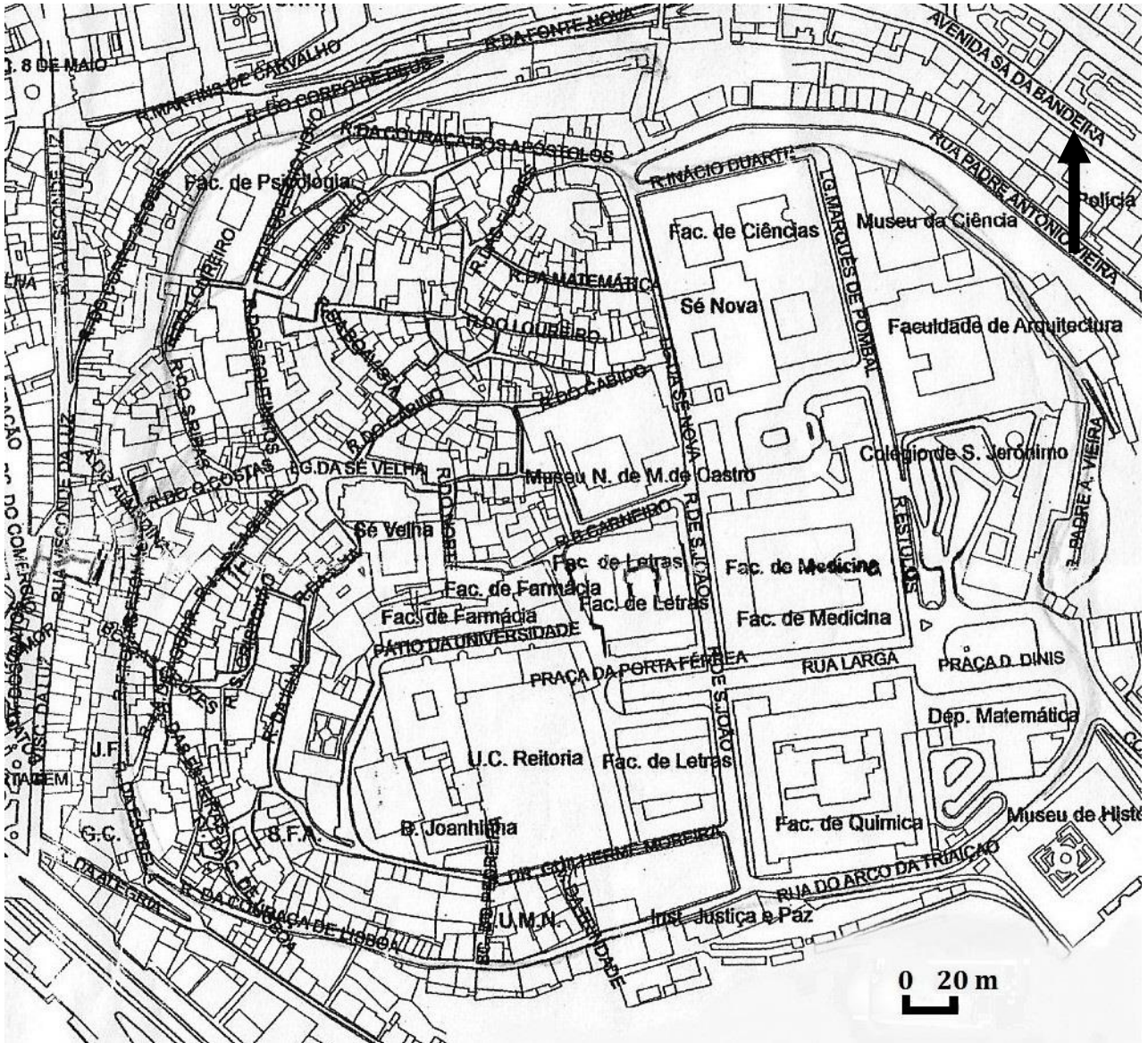
A muralha da cidade Medieval de Coimbra, partia da Porta do Sol do Castelo, (onde atualmente se encontra a praça D. Dinis e o departamento de Matemática) na direção sudoeste (seguindo a **rua da Porta da Traição**) até à porta da traição. Era daqui que a muralha descia, em direção oeste, para a porta de Belcouce, ao fundo da atual rua **Couraça de Lisboa**.

Desde a porta de Belcouce, a muralha seguia, passando onde hoje é atualmente a **rua da Estrela e a rua Fernandes Thomas**, em direção à porta da Almedina (ou seja, o **arco da Almedina**), para subir depois, em linha reta, a rua **Sobre-Ripas**, seguia então pelo **exterior**, onde hoje se encontra a **Faculdade de Psicologia**, e ia em direção à **rua da Couraça dos Apóstolos**, seguia depois, rente ao **exterior** onde hoje é o **Museu da Ciência**, passando por trás onde hoje é a **Faculdade de Arquitetura** e o **colégio S. Jerónimo**, voltando ao Castelo (Praça D. Dinis e o Departamento de Matemática).

MARGARIDO, Ana Paula. *A morfologia urbana da Alta de Coimbra- ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução*.p.50, (Adaptado)

# Elabora o teu próprio mapa!

Título:

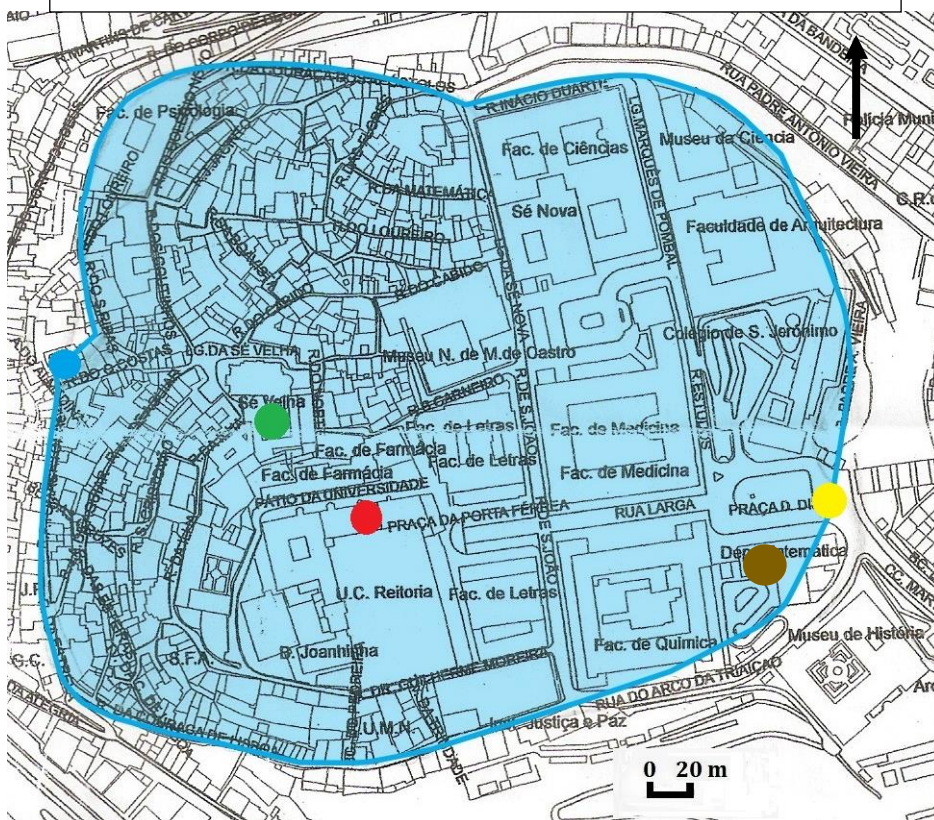


1. Desenha o traçado da muralha medieval de Coimbra de acordo com a descrição do texto *"A muralha da Cidade Medieval de Coimbra"*.
2. Elabora a tua própria legenda da identificação dos elementos.
3. Coloca um título ao teu mapa.

Nome: \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_

**Título: A muralha medieval da Alta de Coimbra**



**Legenda:**

A muralha:



Outros edifícios/estruturas:

Porta de Almedina



Sé Velha



Alcáçova



Castelo



Porta do Castelo/do sol



Grelha de avaliação do trabalho de grupo

Grupo nº _____																
		Elaboração do trabalho					Exposição oral			Atitudes			Elaboração da exposição			
		Qualidade da informação recolhida	Compressão e expressão em	Organização	Motivação	Criatividade	Autonomia	Atitude	Faz uma exposição clara	Utiliza o tempo apropriado	Responsabilidade	Cooperação	Empenho e dedicação	Capacidade de síntese		Singularidade
Pontuação		0/10	0/8	0/7	0/7	0/7	0/7	0/6	0/6	0/6	0/8	0/7	0/7	0/7	0/7	<b>Total</b>
Nº	Elementos do grupo															

Avaliação do grupo:

Elemento nº: _____	+	Elemento nº: _____	+	Elemento nº: _____	+	Elemento nº: _____	+	Elemento nº: _____	=	_____	÷	5*	=	Total _____
Pontuação: _____		Pontuação: _____		Pontuação: _____		Pontuação: _____		Pontuação: _____						



**Disciplinas: História e Geografia**  
**Ano/Turma: 7ºX**

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

**Matriz  
V Teste de História**

<b><u>Conteúdos programáticos</u></b>	<b><u>Manual, documentos e registo no caderno -diário</u></b>
Compreender os fatores que provocaram o fim do Império Romano.	pp. 120 - 121 e caderno diário
Conhecer o novo mapa político da Europa no século VI: os reinos bárbaros.	pp. 120 - 121 e caderno diário
Compreender as alterações na vida da Europa provocadas pela nova vaga de invasões (séculos VIII-XI).	pp. 122 -123 e caderno diário
Compreender o poder senhorial sobre a terra e sobre os homens.	pp. 126 -127 e caderno diário
Identificar as partes distintas e os elementos constituintes de um domínio senhorial.	pp. 126 -127 e caderno diário
Compreender as relações de dependência entre as ordens privilegiadas.	pp. 128 -129 e caderno diário
Compreender a sociedade trinitária medieval. (Clero, nobreza e povo).	pp. 130 -131 e caderno diário
Conhecer as funções de cada grupo social da sociedade medieval. (Clero, nobreza e povo).	pp. 130 -131 e caderno diário
Caracterizar o quotidiano de cada grupo social (Clero, nobreza e povo).	pp. 132 - 133 e caderno diário
Compreender os mosteiros como centros culturais.	pp. 138 -139 e caderno diário
Identificar as principais características da arte românica.	pp. 138 -139 e caderno diário
Localizar no tempo e no espaço o aparecimento da religião islâmica.	pp. 144-147 e caderno diário
Conhecer os fatores que explicam a rápida expansão dos Muçulmanos.	pp. 146,- 147 e caderno diário

**Lê o documento 1.**

**DOC. 1**

*“O termo bárbaro adquiriu uma conotação negativa, porque os Romanos julgavam seus adversários (os bárbaros) como os agentes da decadência, do atraso e da incultura. Para os romanos, os bárbaros seriam mais ou menos como os animais, já que não seriam capazes de desenvolver uma cultura literária e artística.”*

CÉSAR, Júlio. *Relações entre Roma e germanos a partir da Germania de Tácito*. 2007

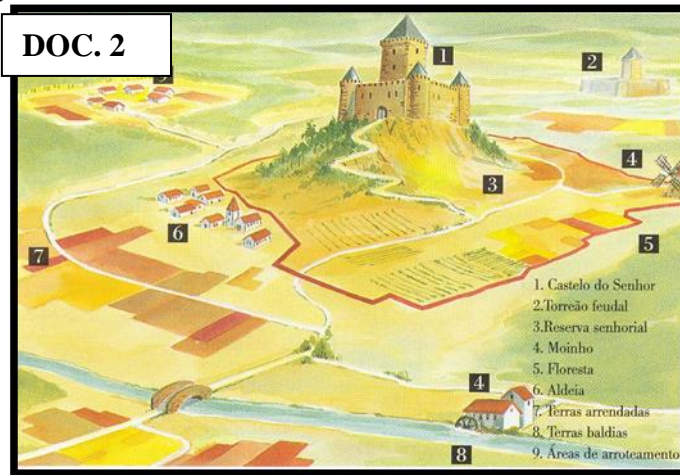
1. **A partir doc. 1, apresenta as razões que levaram os romanos a apelidar os povos invasores de bárbaros.**  
(4 pontos)
2. **Identifica** os dois povos bárbaros que se instalaram na Península Ibérica no século VI.  
(4 pontos)
3. **Menciona** o nome dos **três** povos responsáveis pela segunda vaga de invasões na Europa entre os séculos VIII e X.  
(6 pontos)

**O momento que Odoacro depõe o imperador Rómulo Augústulo, marca o fim do império romano do Ocidente, ou seja, o fim da Antiguidade para os historiadores.**

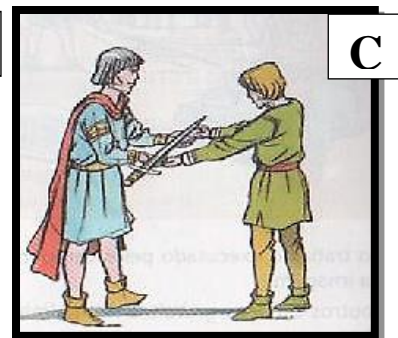
4. **Refere** o nome do período histórico que se inicia com o fim do império romano do Ocidente.  
(4 pontos)
5. **Transcreve** para a folha de teste os números que correspondem às afirmações corretas referentes a esta afirmação:  
**A segunda vaga de invasões que ocorreu na Europa, entre os séculos VIII e X, originou transformações profundas na vida das populações europeias.**
  - a) Diminuição das trocas comerciais.
  - b) A economia e as trocas comerciais cresceram.
  - c) As populações passaram a praticar uma economia ruralizada e de subsistência, isto é, passaram a produzir para consumo próprio.
  - d) Os reis perderam a sua autoridade, ao mesmo tempo que os senhores aumentavam os seus poderes.
  - e) Quebra demográfica devido às guerras.
  - f) Os camponeses procuraram proteção junto dos senhores das terras e sujeitavam-se a duras condições por parte destes.

(10 pontos)

Observa a imagem:



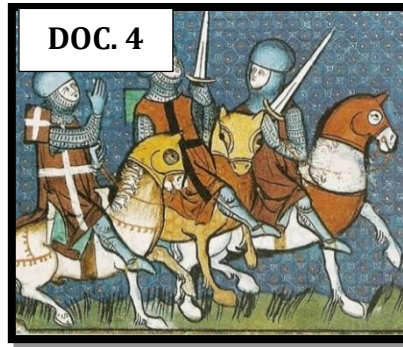
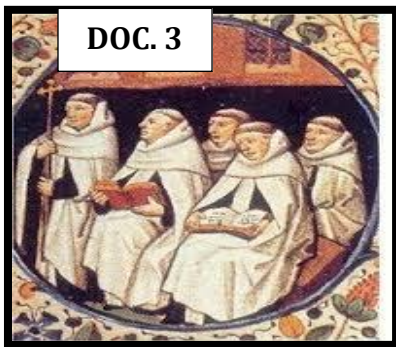
6. **Identifica as duas** partes constituintes de um domínio senhorial. (6 pontos)
7. **Enumera dois** impostos que os camponeses estavam obrigados a pagar ao senhor. (6 pontos)
8. **Observa** as seguintes imagens que ilustra as três principais cerimónias de um contrato especial entre as ordens privilegiadas da Idade Média.



9. **Refere** o nome do contrato representado. (6 pontos)
10. **Identifica** a cerimónia que corresponde a cada uma das figuras (A, B e C). (6 pontos)
11. **Refere** o nome dado:  
a) ao senhor mais poderoso.  
b) ao senhor menos poderoso. (5 pontos)



Observa os documentos 3, 4 e 5.



12. **Identifica** os grupos sociais representados nos documentos (3,4 e 5).

(6 pontos)

13. **Associa** cada uma das imagens anteriores (doc. 3, doc. 4 e doc. 5) as respetivas funções.

- A. Dele faziam parte os bispos, arcebispos, monges e párocos.
- B. Podiam viver em mosteiros ou conventos.
- C. Podiam ser livres (colonos ou vilãos) e não livres (servos).
- D. Prestavam auxílio às populações.
- E. Trabalhavam nas terras dos senhores da nobreza ou do clero.
- F. Dedicavam-se à cópia de livros antigos no scriptorium, ao ensino e à oração.
- G. Caçavam, participavam em justas e torneios para prepararem-se para a guerra.
- H. Pagavam corveias e banalidades.
- I. Viviam junto do rei a quem tinham que ajudar em caso de guerra.

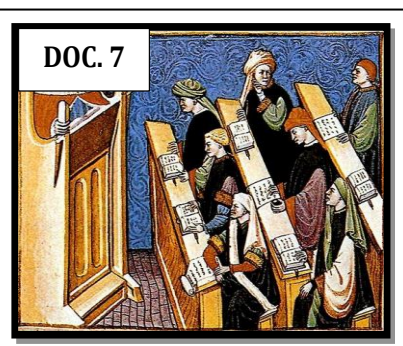
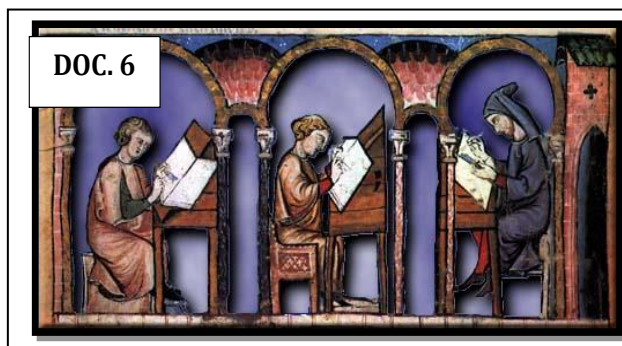
Doc. 3

Doc. 4

Doc. 5

(9 pontos)

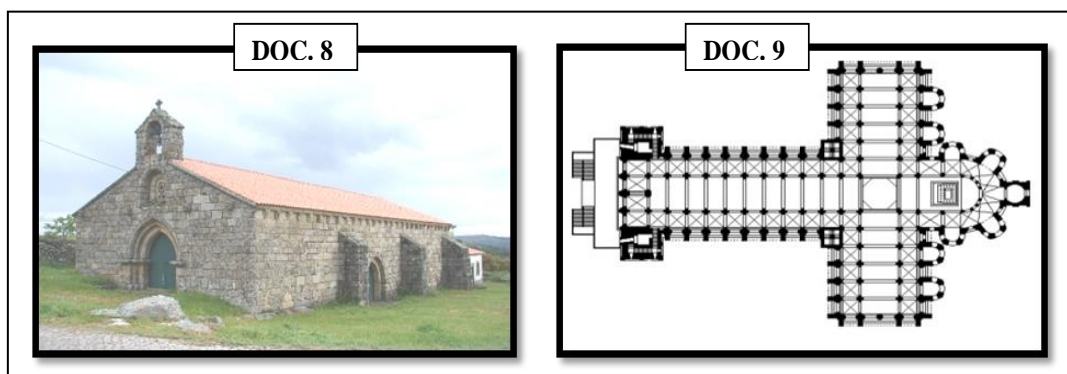
Observa os seguintes documentos.



14. **Menciona**, com ajuda dos documentos (6 e 7), duas ocupações dos monges.

(6 pontos)

Observa o documento 8 e 9.



15. **Identifica o estilo arquitetónico** que se desenvolveu na Europa Ocidental entre os séculos XI e XIII, principalmente em construções religiosas.

(5 pontos)

16. **Indica duas** características deste estilo arquitetónico, com ajuda do doc. 8 e 9.

(5 pontos)

17. **Lê as seguintes frases, e escreve na folha de teste a resposta correta.**

17.1. **Os Árabes eram originários da Península...**

- a) Ibérica.
- b) Árábica.
- c) Itálica.

17.2. **O fundador da religião muçulmana foi...**

- a) Maomé.
- b) Jesus Cristo.
- c) Buda.

17.3. **Maomé foi o profeta, fundador do ...**

- a) Cristianismo.
- b) Politeísmo
- c) Islamismo.

17.4. **Após o nascimento de Maomé, aos Árabes que passaram a ser seguidores do Islamismo deu-se o nome de...**

- a) Cristãos.
- b) Muçulmanos.
- c) Hebreus.

17.5. **Os muçulmanos construíram um vasto império que ia desde...**

- a) o rio Indo, passando pelo Norte de África, até à Península Ibérica.
- b) África à Península Ibérica
- c) Da Índia ao Norte de África.

17.6. **Dois dos motivos da expansão muçulmana são:**


- a) Expansão da religião cristã e desejo de saque.
- b) Expansão da religião muçulmana e interesses económicos.
- c) Dificuldades económicas e o desejo de melhorar os seus exércitos.

(12 pontos)

Nome: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_

1. Os romanos apelidavam os povos invasores de “bárbaros” porque, segundo o texto estes “(...) não seriam capazes de desenvolver uma cultura literária e artística”, pois, segundo os romanos, os bárbaros eram povos que não dominavam a língua latina e nem tinham os mesmos hábitos que os habitantes do Império, sendo considerados de inferiores, tal como é referido “(...) seriam mais ou menos como animais”
2. Suevos e os visigodos.
3. Vikings; Muçulmanos e os Magiares/Húngaros.
4. O período histórico é a Idade Média.
5. A;C; D;E;F.
6. As duas partes constituintes de um domínio senhorial são a reserva e o manso.
7. O contrato de vassalagem.
8. Os (dois) impostos que os camponeses estavam obrigados a pagar seriam:
  - o pagamento de rendas (pagas em gêneros - produtos- e correspondentes a uma parte da colheita);
  - as corveias (trabalho gratuito, durante certos dias por semana, nas terras do senhor);
  - as banalidades (utilização dos fornos, moinho e lagares do senhor, mediante o pagamento de parte do produto obtido).
9. O contrato de vassalagem.
10.
  - A. Homenagem.
  - B. Juramento.
  - C. Investidura.
11.
  - A. Suserano.
  - B. Vassalo.
12.
  4. Clero.
  5. Nobreza.
  6. Povo.
13.

Clero (DOC. 4) - A; B; F.  
Nobreza (DOC. 5) - D; G; I.  
Povo (DOC. 6) - C; E; H.
14. Duas das várias ocupações dos monges eram:
  - a cópia de manuscritos (como se pode verificar no Doc. 7);
  - o ensino, onde os monges ensinavam a leitura, escrita, orações, canto e os princípios doutrinários da Bíblia e dos Padres da Igreja.
15. O estilo arquitetónico é a arte românica.
16. As (duas) características do estilo românico são:
  - de acordo com o documento 9:
    - edifícios de pequena dimensão, dado à sua estrutura pesada de pedra (que suportava mal espaços muito amplos);
    - espessura das paredes que levou à utilização de contrafortes.
  - de acordo com o documento 10:
    - igrejas de cruz latina, com uma ou mais naves, cortadas por um transepto.
- 17.1. B
- 17.2. A
- 17.3. C
- 17.4. B
- 17.5. A
- 17.6. B

<p>E.B. 2/3. D. Inês de Castro</p> 	<p><b>Tema:</b> A formação da cristandade ocidental e a expansão islâmica</p>	<p><b>Lição nº</b> 12/05/2016</p> <p><b>Sumário:</b>  <b>Correção do trabalho de casa.</b>  <b>O relacionamento entre cristãos e muçulmanos.</b>  <b>A civilização muçulmana.</b>  <b>O legado muçulmano: na Península Ibérica e em Portugal.</b></p>
<p><b>Professora estagiária Mariana Monteiro</b></p>	<p><b>Unidade:</b> A Europa do século VI ao XII</p>	
<p><b>(Aula de História de 90 minutos)</b></p>	<p><b>Subunidade:</b></p>	
<p>Turma: 7º</p>	<p>Conhecer e compreender as interações entre o mundo muçulmano e o mundo cristão</p>	

Objetivos específicos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>1. (3) Caracterizar a formas de relacionamento entre cristãos e muçulmanos no território ibérico (conflito e convivência).</p>	<p>A aula iniciar-se-á com o sumário ditado em voz alta, cujo registo será solicitado aos alunos, no seu caderno diário.</p> <p>De modo a servir de retroação será corrigido o trabalho de casa: Ficha de Trabalho sobre a invasão da Península Ibérica pelos povos muçulmanos e sua tentativa de entrada para o resto da Europa.</p> <p>Através da correção da última questão, os alunos serão direcionados para o visionamento de um vídeo sobre o relacionamento entre muçulmanos e cristãos, na Península Ibérica (com a duração de 01:09).</p> <p>Seguidamente, serão colocadas aos alunos questões sobre o vídeo visualizado e, através da leitura da pág. 150 do manual (<i>“O relacionamento entre cristãos e muçulmanos”</i>, segundo parágrafo), serão destacados os conceitos <i>muladis</i> e <i>moçárabes</i>, cuja especificação será feita em apresentação de <i>powerpoint</i>. Aos alunos será solicitado o registo desta especificação nos respetivos cadernos diários.</p>	<p>Quadro Fichas de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho</li> <li>• Informação</li> </ul> <p>Vídeo</p> <p>Manual Adotado</p> <p>Apresentação <i>powerpoint</i></p>	<p>Participação.</p> <p>Reflexão e espírito crítico.</p> <p>Atitudes e valores.</p>

Objetivos específicos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>2. Apontar, no contexto da Península Ibérica, os contrastes entre o mundo cristão e o mundo muçulmano.</p>	<p>Posteriormente será pedida, a um aluno, a leitura da pág. 150 do manual (“<i>O relacionamento entre cristãos e muçulmanos</i>”, primeiro parágrafo), como ponto de partida para a explicação dos dois mundos distintos (cristão-Astúrias; muçulmano-resto da Península) Serão colocadas questões que retomarão a matéria anteriormente estudada, visando uma melhor consolidação dos conhecimentos adquiridos e uma melhor ligação destes ao conteúdo em estudo.</p> <p>Assim, serão apresentados, em <i>powerpoint</i>, um mapa das duas comunidades e uma tabela que caracteriza sumariamente cada uma das comunidades, analisados através de diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Para uma mais correta compreensão do relacionamento entre as duas comunidades, será pedida, a um aluno, a leitura do texto “<i>O relacionamento entre cristãos e muçulmanos</i>” (terceiro parágrafo). Indagar-se-á aos alunos em que altura havia mais tolerância entre as diferentes comunidades.</p> <p>A fim de ilustrar/esclarecer momentos desta convivência serão mostrados dois diapositivos em <i>powerpoint</i>, o segundo dos quais comprovará que não existia apenas tolerância (excerto adaptado do livro <i>História religiosa de Portugal</i>).</p>		

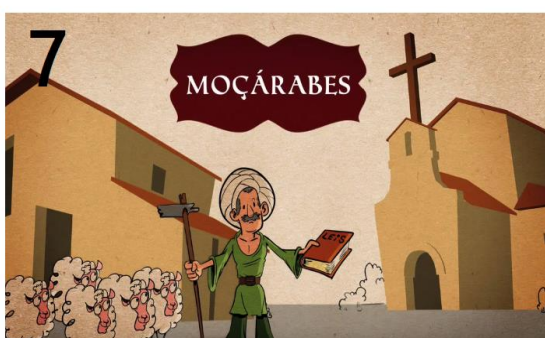
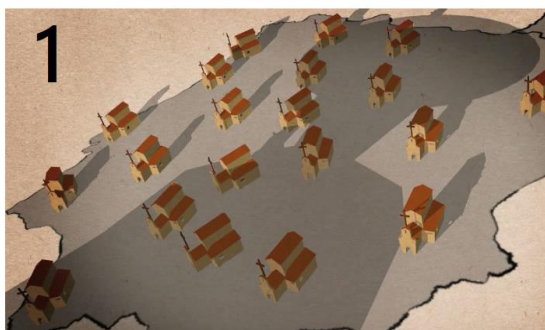
Objetivos específicos	Estratégia	Recursos	Avaliação
<p>3. (1) Identificar as principais características da cultura muçulmana, sublinhando as suas ligações ao mundo clássico, à China, à Pérsia e à Índia.</p> <p>4. Indicar os principais contributos da cultura muçulmana para a cultura ibérica.</p>	<p>Contudo, apesar dos conflitos, e como será realçado para os alunos, os povos que conviveram com os muçulmanos beneficiaram de inúmeras vantagens, cuja compreensão está subordinada ao conhecimento (mesmo que apenas global) da civilização muçulmana. Para isso, será pedido aos alunos que leiam o texto “A civilização Muçulmana”, na pág. 150.</p> <p>Feita a leitura, proceder-se-á a um diálogo vertical e horizontal, de forma a compreender o texto, e, para enfatizar a grandeza da cultura muçulmana.</p> <p>Como complemento, será lido o doc. 3, na pág. 151 e a visualização de análise de um mapa sobre a origem da cultura-síntese muçulmana.</p> <p>Compreendida a civilização muçulmana enquanto cultura-síntese, indagar-se-á à turma se a cultura muçulmana poderá ter contribuído para a cultura ibérica.</p> <p>Recebidas as respostas pertinentes (espontâneas e/ou orientadas), recorrer-se-á ao registo (pela professora estagiária) dos domínios relevantes (agricultura, indústria, administração e comércio, literatura e música, ciências) no quadro branco.</p> <p>Como ilustração-síntese será:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• pedida a leitura do texto “A herança muçulmana” (pág. 152) a vários alunos, alternando conforme os diferentes domínios;</li> <li>• feita a apresentação de imagens-exemplo, com recurso ao <i>powerpoint</i>.</li> </ul>		

Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>5. Identificar no espaço português vestígios materiais e imateriais da cultura muçulmana.</p>	<p>Posteriormente, será:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• mostrado um mapa sobre os vestígios muçulmanos no espaço da Península Ibérica;</li> <li>• indagado aos alunos qual a área que engloba maior número de vestígios da cultura muçulmana;</li> <li>• pedido aos alunos que indiquem a razão de tal presença em tal área.</li> </ul> <p>Desta forma, os alunos poderão verificar que, em Portugal, também existem bastantes vestígios da cultura muçulmana. Para especificar esta realidade, será:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• pedida a leitura da pág. 152, apenas do título, <i>“Vestígios materiais e imateriais no espaço português”</i>;</li> <li>• efetuada a distinção vestígios “materiais” / vestígios “imateriais”;</li> <li>• pedida a leitura do texto integral da pág. 152 do manual, <i>“Vestígios materiais e imateriais no espaço português”</i>;</li> <li>• feita a ilustração-mostra destes vestígios sobre Mértola e Silves, tanto no <i>powerpoint</i>, como com ajuda do manual;</li> <li>• feita a ilustração-mostra destes vestígios na área envolvente do aluno, em apresentação <i>powerpoint</i>, realizada a comparação com a imagem ilustrativa de uma cidade islâmica na pág. 155;</li> <li>• distribuída uma Ficha Informativa sobre vestígios da cultura muçulmana, materiais (em Coimbra) e imateriais (uma lenda da Lousã; um poema de Ibn ‘Ammār, de Silves).</li> </ul> <p>Se possível, será realizado o “agora, resolve...” da pág. 153.</p>			

<p>Bibliografia:</p>	<p>ALVES, Adalberto. <i>O meu coração é árabe..</i> Col. Documenta Poética nº 7. Patrocínio do Instituto Português do Livro e da Leitura. Assírio&amp;Alvim. 1991</p> <p>ANDRADE, Paula. <i>História 7.</i> (manual escolar). Porto Editora. 2006</p> <p>JORGE, Ana Maria C. M. Etall. <i>História religiosa de Portugal.</i> Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Direção de Carlos Moreira Azevedo. Vol. I. Círculo de Leitores. 2000</p> <p>TORRES, Cláudio, Santiago Matias. <i>O legado islâmico em Portugal.</i> Círculo de Leitores. 1998</p>
<p>Web grafia:</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo inicial(D. SESNANDO DAVIDES - O herói improvável) retirado de Castelos e muralhas do mondego: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=sU1NMwaFXBE">https://www.youtube.com/watch?v=sU1NMwaFXBE</a> (05/06/2016)</li> <li>• Castelos e muralhas do mondego: <a href="http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/a-rede-em-filme">http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/a-rede-em-filme</a> (06/05/2016)</li> <li>• Câmara municipal de Mértola: <a href="http://www.cm-mertola.pt/">http://www.cm-mertola.pt/</a> (08/05/2016)</li> </ul>



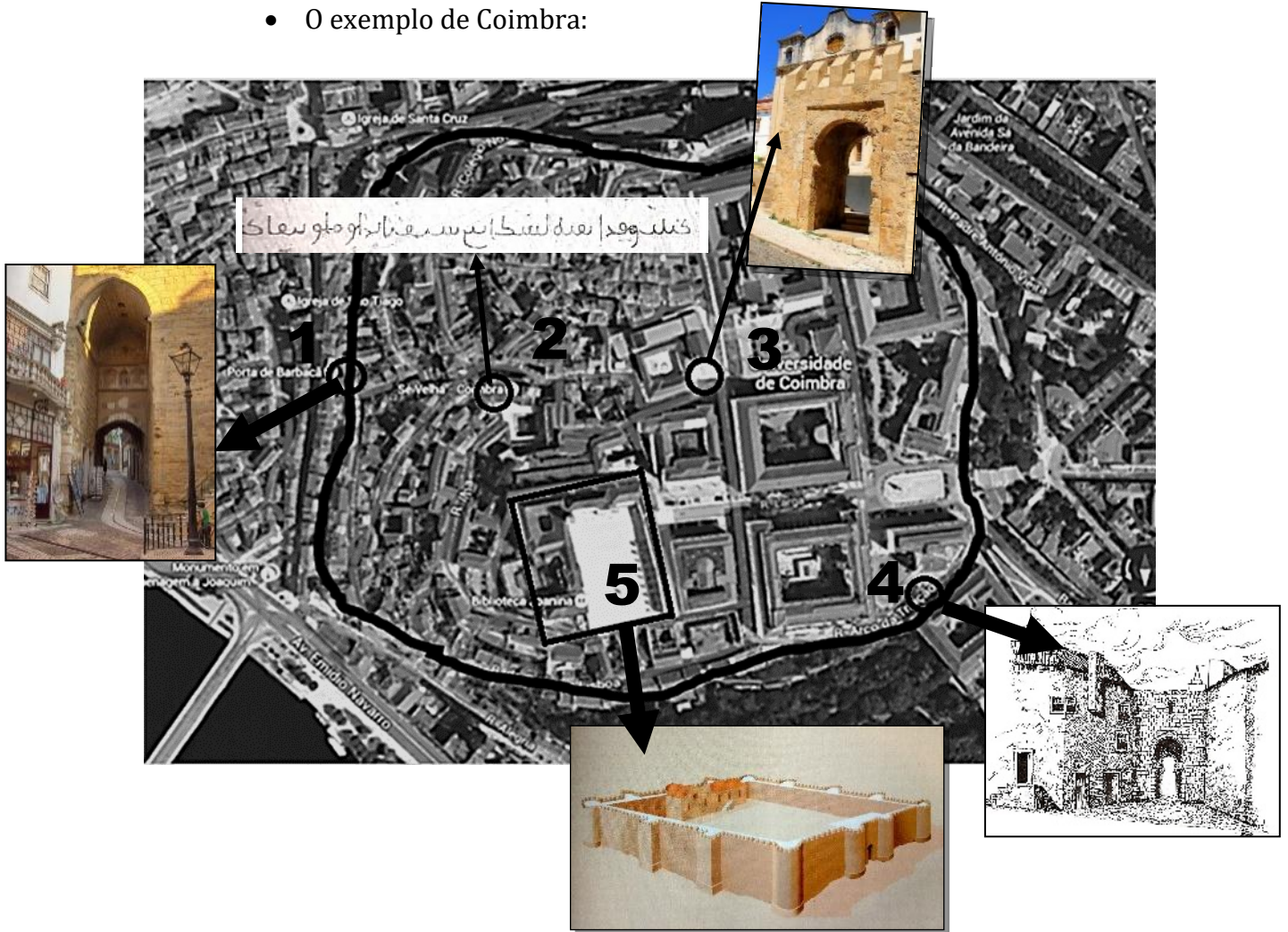
→ Fotograma do vídeo sobre o relacionamento entre cristãos e muçulmanos.



Ficha formativa  
Os vestígios materiais e imateriais no espaço português

I. Vestígios materiais

- O exemplo de Coimbra:



1. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## II. Vestígios imateriais

- Breve explicação de uma lenda:

*“A lenda consiste no relato de factos ou acontecimentos cuja base é tida como verdadeira e é respeitada e transmitida oralmente de geração em geração, pelas populações. É possível localizar geográfica e temporalmente estas narrativas, embora os factos históricos cheguem até nós alterados pelas próprias gentes que os interpretam à sua maneira.”*

Parafita, Alexandre, *O Maravilhoso Popular - Lendas Contos Mitos*, Lisboa, Plátano Editora, 2000

### ***Lenda da princesa Peralta***

*“Reinava em Conímbriga o rei mouro Arunce, rodeado por opulenta corte, na companhia de sua filha a princesa Peralta. O rei mandou construir, como refúgio, na serra da Lousã, um castelo embrenhado na floresta. O príncipe cristão Lausus invade Conímbriga e o Rei Arunce é obrigado a fugir para o castelo da Lousã, levando consigo a sua filha Peralta e todas as suas riquezas. No momento da retirada, a Princesa Peralta e o Príncipe Lausus entreolham-se por breves instantes e enamoram-se. Lausus procura desesperadamente a sua amada, percorrendo as serranias da região. O velho rei Arunce, sabendo das intenções do príncipe Lausus, parte ao seu encontro, deixando a princesa Peralta e as riquezas fechadas no Castelo da Lousã. Travam violento combate e acabam ambos por sucumbir. Não havendo ninguém conhecedor do refúgio da Princesa, esta fica aprisionada no castelo. Ainda hoje se ouve o soluçar apaixonado da jovem Peralta, aguardando pelo seu Príncipe.”*

Retirado de: <http://www.castelosemuralhasdomondego.pt/website/lendas>

T.P.C

**Vem contar a tua aventura através de cartão-postal!**

Como já verificaste, a Romanização fez-se sentir na vida política, económica, social e cultural, deixando um vasto legado que perdura até aos nossos dias.

Como tarefa, terás de procurar (na Internet, em Livros e, ou no manual na pág. 97 ...) outros vestígios da presença de Romanos em Portugal ou em Espanha.

Terás de recolher informação sobre o local, e escolher uma fotografia.

Seguidamente, quero que imagines que foste visitar esse local, para isso terás de escrever um pequeno texto neste postal, a contar a um familiar/amigo (...) como foi a tua experiência.

O teu postal deve conter:

- Nome do local e do monumento;
- Breve comentário da tua experiência;
- Curiosidades do local.

**P.S:** Poderás utilizar papel-cartão ou cartolina para fazer o cartão-postal, podes também plastificar, para parecer mesmo um Postal!

## O teu cartão-Postal:



Recorta pelo picotado!



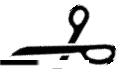
Destinatário:

Escola Básica 2/3 Inês de Castro

Qt. Vinha Moura Póvoa,

S. Martinho Bispo

Cola os dois lados das folhas, com o conteúdo de frente!



Cola aqui a  
fotografia do local que  
“visitaste”.

A ponte da Vila Formosa, no Alentejo, em Portugal. Trata-se de uma antiga ponte romana que integrava a importante estrada romana que ligava Lisboa a Mérida (capital da Lusitânia) passando pela ponte de Sor e Alter do Chão. E nos dias ainda é utilizada para a circulação de automóveis, com um comprimento de cerca de 190 metros. O tabuleiro é apoiado em pilares de pedra que sustentam 6 grandes arcos de abóbada perfeita. É provido de séculos, comumente utilizados por pontes romanas de maiores dimensões para prevenir a estrutura de ruir, em caso de inúndias.

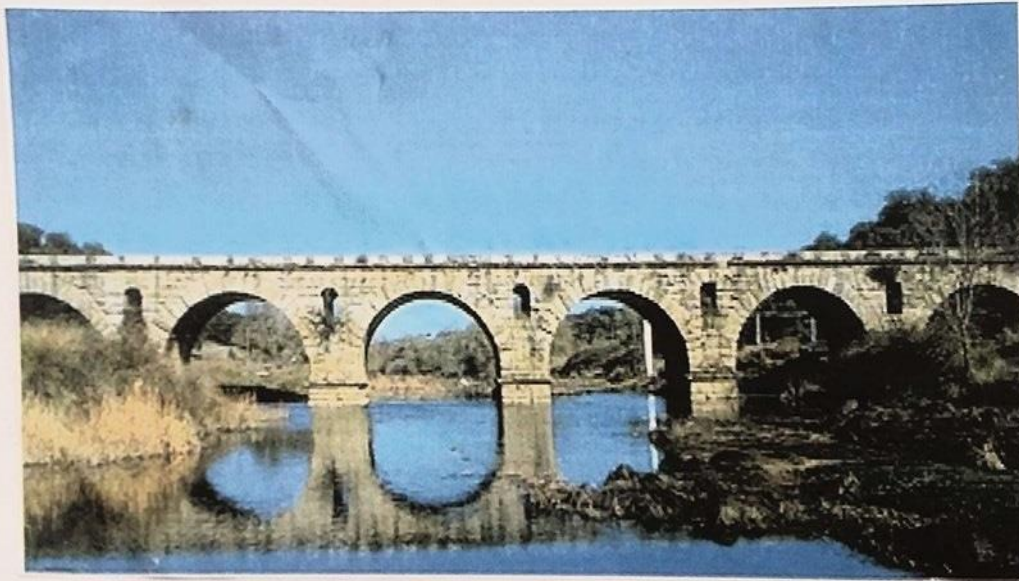


Destinatário:

Escola Básica 2/3 Inês de Castro

Qt. Vinha Moura Póvoa,

S. Martinho Bispo



Matriz de teste de Geografia. Elaboração pelo grupo de estágio e orientadora de estágio Maria José Reis

4º Teste de Geografia – matriz



Escola E.B. 2, 3 Inês de Castro



GEOGRAFIA – 3º CICLO

Conteúdos	Conceitos	Deve ser capaz de...
<p>1. <b>A Terra: estudos e representações</b></p> <p>1.3 Localização dos diferentes elementos da superfície terrestre: - a Europa e a União Europeia. (pág.71; 75 a 78; caderno diário e documentos)</p>	Microestado	<p><b>Conhecer e compreender a inserção de Portugal na Europa e na União Europeia</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Localizar os países europeus e, em particular, os que integram a União Europeia.</li> <li>– Conhecer as etapas da construção Europeia.</li> <li>– Mencionar os principais objetivos da União Europeia.</li> <li>– Referir os sucessivos alargamentos da União Europeia.</li> <li>– Mencionar as instituições da União Europeia.</li> <li>– Mencionar os símbolos da União Europeia.</li> <li>– Definir microestado.</li> </ul>
<p>2. <b>O relevo</b></p> <p>2.1 As diferentes formas de relevo (pág.148 a 153; cadernos diários e documentos)</p> <p>2.2 Os agentes responsáveis pelas diferentes formas de relevo (pág.156 a 157; caderno diário e documentos)</p> <p>2.2 A representação das formas de relevo (pág.152 a 155; caderno diário e documentos)</p>	<p>Relevo</p> <p>Montanha</p> <p>Colina</p> <p>Cume</p> <p>Vertente</p> <p>Sopé</p> <p>Vale</p> <p>Planalto</p> <p>Planície</p> <p>Declive</p> <p>Agente interno</p> <p>Agente externo</p> <p>Movimentos tectónicos</p> <p>Abalos sísmicos</p> <p>Vulcão/ vulcanismo</p> <p>Erosão</p> <p>Desgaste</p> <p>Transporte</p> <p>Sedimentação</p> <p>Mapa hipsométrico</p> <p>Curva de nível</p> <p>Curva de nível mestra</p> <p>Equidistância</p> <p>Ponto cotado</p>	<p><b>Compreender os agentes externos responsáveis pela formação das diferentes formas de relevo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Identificar e descrever as diferentes formas de relevo com base em documentos fotográficos.</li> <li>– Identificar a localização de montanhas, planaltos e planícies a nível: <ul style="list-style-type: none"> <li>- mundial;</li> <li>- europeu (ficha de trabalho distribuída).</li> </ul> </li> <li>– Distinguir agentes internos de agentes externos.</li> <li>– Caracterizar os principais agentes erosivos (água e vento), (relembrar aula: Ilha de Surtsey).</li> <li>– Distinguir as três fases do processo erosivo: desgaste, transporte e acumulação.</li> <li>– Caracterizar grandes formas resultantes da erosão e da acumulação de sedimentos por ação da água e do vento.</li> </ul> <p><b>Compreender diferentes formas de relevo através da análise de mapas e da construção de perfis topográficos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Interpretar mapas topográficos, identificando os principais elementos que os constituem.</li> <li>– Relacionar os mapas topográficos com as formas de relevo.</li> <li>– Interpretar mapas hipsométricos, descrevendo as diferentes formas de relevo.</li> <li>– Definir mapa hipsométrico.</li> <li>– Construir perfis topográficos, a partir de mapas topográficos.</li> <li>– Relacionar os perfis topográficos com as formas de relevo.</li> </ul>

**NOTA: Não esquecer os registos no caderno diário**

	<p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE COIMBRA OESTE ANO LETIVO 2015/2016 EB 2,3 INÊS DECASTRO E EB 2,3 DE TAVEIRO</p>	 <p>GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DGE/STE</p>
<p>Nome do Aluno: _____ N.º: ____ T.º: ____ Ano: ____</p>		
<p>Classificação: _____ (%) Professora: _____ Enc. Educação: _____</p>		
<p>Observações: _____</p>		

**1. (9%) Completa os espaços em branco com ajuda das seguintes palavras:**

**Alemanha; Itália; Bélgica; Países Baixos; Segunda Guerra; França; 1957; tratado de Roma; Luxemburgo**

A União Europeia nasceu no final da \_\_\_\_\_ Mundial com o objetivo de preservar a paz e a prosperidade na Europa. O Primeiro grande passo foi no ano de \_\_\_\_\_, onde seis países: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ assinaram o \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**2. Lê, atentamente, o seguinte texto e observa as respetivas figuras:**

*“Esta é a bandeira da Europa, símbolo não só da União Europeia, mas também da unidade e da identidade da Europa em sentido mais lato. O círculo de estrelas douradas representa a solidariedade e a harmonia entre os povos da Europa.”*

<http://www.europedirect-oeste.pt>



Figura 1

**2.1 (4%) Para além da bandeira referida, indica outros dois símbolos da União Europeia.**

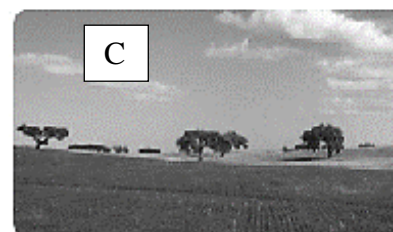
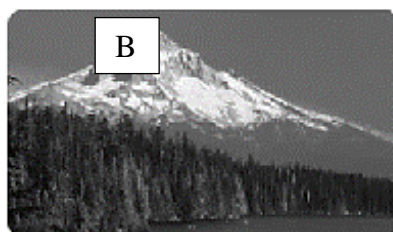
---



---

**3. Observa as seguintes imagens.**

**3.1. (9%) Preenche, os respetivos espaços vazios, de acordo com a forma de relevo correspondente:**




---



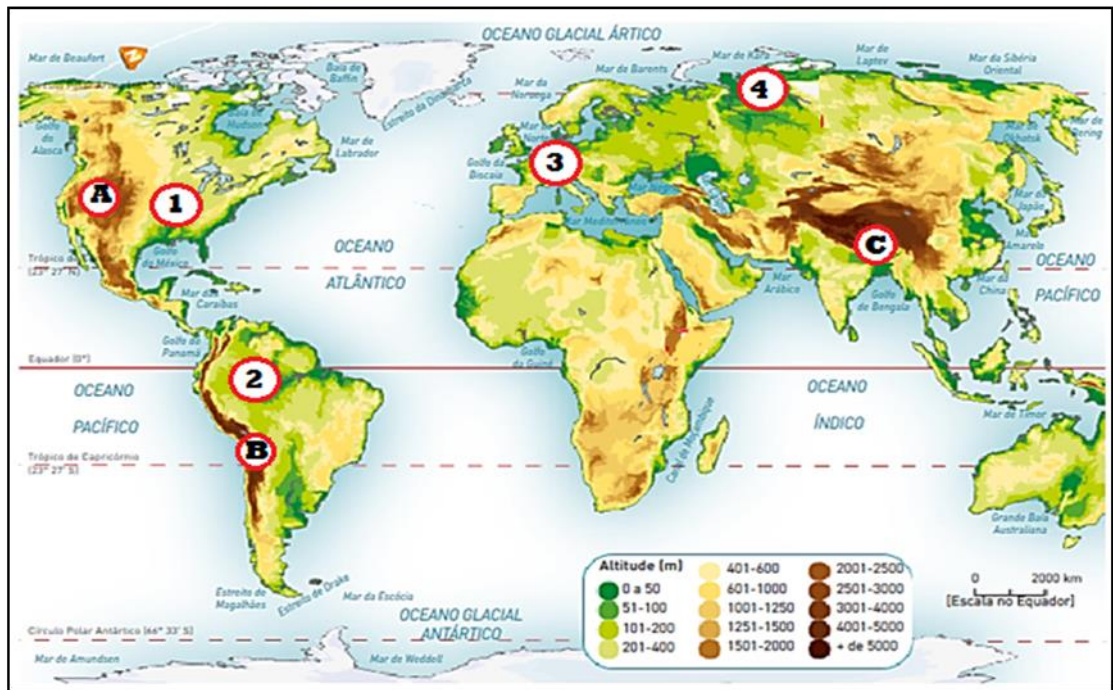
---



---



4. Observa a figura 4:



4.1. (5%) Refere o nome do mapa representado.

5. (4%) Explica para que serve a gradação de cores (as diferentes cores)apresentadas no mapa.

---



---



---



---

6. (6%)Identifica as letras correspondentes às seguintes cadeias montanhosas:

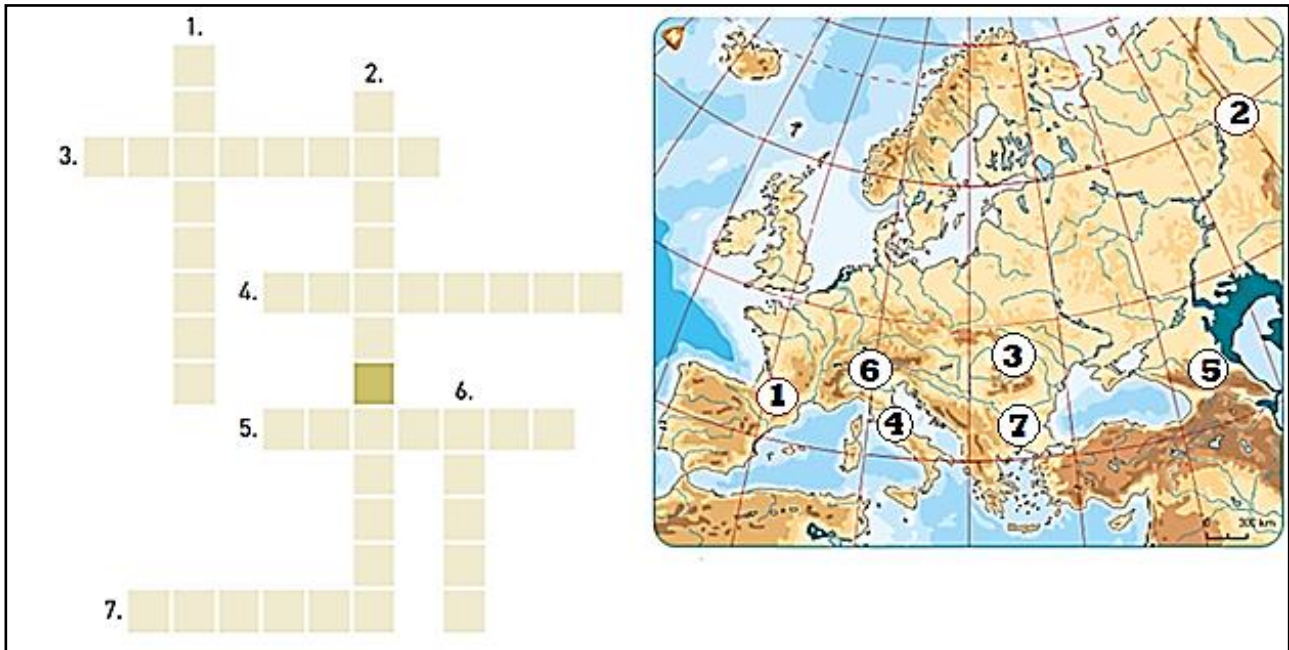
Cordilheira dos Andes-\_\_\_  
 Montanhas Rochosas-\_\_\_  
 Cordilheira dos Himalaias-\_\_\_

7. (8%)Identifica os Algarismos correspondentes às seguintes planícies representadas:

Planície Siberiana-\_\_\_  
 Planície Central Americana-\_\_\_  
 Planície Amazónica-\_\_\_  
 Planície Europeia-\_\_\_

8. (7%) Observa o mapa hipsométrico da Europa e preenche o seguinte crucigrama com ajuda das seguintes palavras-chave:

Balcãs; Alpes; Montes Urais; Pirenéus; Cáucaso; Cárpatos; Apeninos.



9. (6%) Completa os espaços em branco na seguinte frase:

O relevo é resultado de um \_\_\_\_\_ em que \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ são responsáveis pela sua formação.

10. (9%) Com base na frase completada anteriormente, assinala com X a resposta correta:

10.1. Os agentes internos atuam:

- como modeladores do relevo.
- do exterior para o interior, são responsáveis pelo relevo inicial.
- no interior da crosta terrestre.

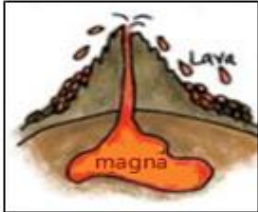


10.2. A forma de relevo, normalmente cónica, é produzida por sucessivas acumulações de materiais que se tornaram muito duros quando arrefeceram, isto acontece devido:

- Ao vulcanismo.
- À libertação rápida de energia que causa vibração.
- Aos movimentos tectónicos e forças submetidas pelas rochas.

**10.3. Em Portugal, no vale do Zêzere:**

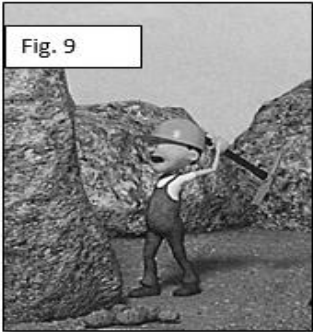


- Podemos observar um vale em V causado por um Glaciar.
- Podemos observar uma dobra sinclinal.
- Podemos observar um vale em U causado por um Glaciar.

**11. (6%) Refere quais são os agentes internos presentes nas seguintes figuras:**

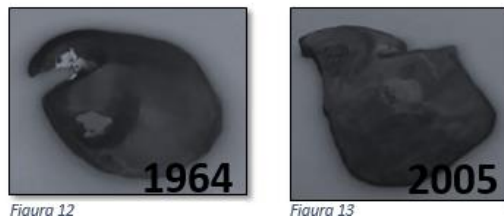
 <i>Figura 6</i>	 <i>Figura 7</i>	 <i>Figura 8</i>
_____	_____	_____
_____	_____	_____

**12. Os agentes externos atuam à superfície terrestre, transformando-a.**

**12.1. (9%) Segundo as figuras 9, 10 e 11, identifica, nos espaços vazios, as três fases da ação dos agentes erosivos:**

1- _____	2- _____	3- _____
 <i>Fig. 9</i>	 <i>Fig. 10</i>	 <i>Fig. 11</i>

**13. Observa a figura 12 e 13:**



A Ilha de Surtsey, no dia 5 de Junho de 1967 (data em que a ilha atingiu a sua máxima extensão) ocupava uma área de 2,7 km<sup>2</sup>. Contudo, devido à forte corrente marítima, e à ação eólica, a Ilha tem vindo a reduzir paulatinamente o tamanho. No ano de 2002 tinha apenas 1,4 km<sup>2</sup> de área.

---



---

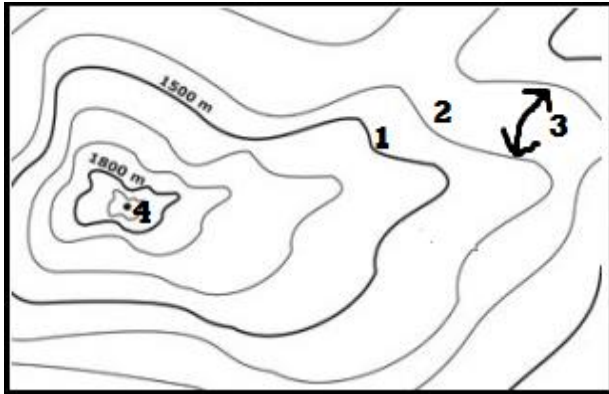


---

**14. Observa a seguinte imagem:**

**14.1. (8%)** Elabora a legenda da figura 14 usando as seguintes palavras-chave:

Ponto Cotado; Curvas de nível intermédias; Equidistância; Curvas de nível mestras.



1- \_\_\_\_\_

2- \_\_\_\_\_

3- \_\_\_\_\_

4- \_\_\_\_\_

Figura 14

**15. Um declive muito acentuado é representado por curvas de nível muito próximas, enquanto que um declive suave apresenta curvas de nível mais afastadas.**

**15.1.(6%)** De acordo com a frase anterior, observa a figura e associa cada uma das imagens, de um mapa topográfico, a uma forma de relevo.

Fig. 15

\_\_\_\_\_

Fig. 16

\_\_\_\_\_

Fig. 17

\_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_ Turma \_\_\_\_

1. Segunda Guerra Mundial; 1957; Alemanha; Itália; Bélgica; Países Baixos; Luxemburgo, Tratado de Roma
- 2.
- 2.1. Hino à Alegria e o euro.
- 3.
- 3.1. A-Vale; B- Montanha; C- Planície.
- 4.
- 4.1. Mapa hipsométrico.
5. A gradação de cores permite-nos visualizar a variação da altitude.
6.
  - Cordilheira dos Andes- B
  - Montanhas Rochosas- A
  - Cordilheira dos Himalaias- C
7.
  - Planície Siberiana- 4
  - Planície Central Americana-1
  - Planície Amazónica-2
  - Planície Europeia-3
8.
  - 1- Pirenéus
  - 2- Montes Urais
  - 3- Cárpatos
  - 4- Apeninos
  - 5- Cáucaso
  - 6- Alpes
  - 7- Balcãs
9. O relevo é resultado de um longo processo em que agentes internos e agentes externos são responsáveis pela sua formação.
10.
  - 10.1. no interior da crosta terrestre.
  - 10.2. ao vulcanismo.
  - 10.3. podemos observar um vale em U causado por um glaciar.
11. Fig. 6 Vulcanismo; Fig. 7. Abalos sísmicos Fig. 8. Placas tectónicas;
12. Fig. 9. Desgaste; Fig. 10. Transporte Fig. 11 Acumulação.
13. Devido a dois agentes externos: à ação marítima e à ação eólica.
- 14.1.
  - 1- Curvas de nível mestras.
  - 2- Curvas de nível intermédias;
  - 3- Equidistância;
  - 4- Ponto Cotado;
- 15.1.  
Fig. 15- Montanha  
Fig. 16- Planície  
Fig. 17- Vale



Escola EB 23 Inês de Castro

## Planificação a Curto Prazo

**Docente: estagiária Mariana Monteiro**  
**Disciplina: Geografia**

**Ano letivo: 2015-2016**  
**Turma: 7º**

<b>Duração</b>	Aula de 45 minutos.
<b>Sumário</b>	A ação do Homem no litoral. As medidas para solucionar ou minimizar o impacto causado pela ação do Homem.
<b>Domínio</b>	<i>O Meio Natural</i>
<b>Subdomínio</b>	<i>A dinâmica do litoral</i>
<b>Objetivo geral</b>	<i>(2) Compreender a evolução da linha de costa em Portugal</i>
<b>Esquema conceptual</b>	*
<b>Questões chave</b>	Onde se localiza a maioria da população? Quais os problemas associados ao litoral? Quais os problemas associados à orla costeira? Quais as soluções possíveis para solucionar/minimizar?
<b>Objetivos específicos</b>	<i>(4) Identificar as principais causas para o recuo atual da linha de costa em Portugal.</i> <i>(5) Discutir a importância da evolução do litoral no ordenamento do território.</i>
<b>Conceitos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esporões</li> <li>• Molhes</li> <li>• Orla costeira</li> <li>• Paredões</li> <li>• POOC</li> </ul>
<b>Pré-requisitos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abrasão marinha</li> <li>• Acumulação</li> <li>• Arriba</li> <li>• Desgaste</li> <li>• Dunas</li> <li>• Erosão</li> <li>• Plataforma de abrasão</li> <li>• Sedimentação</li> </ul>

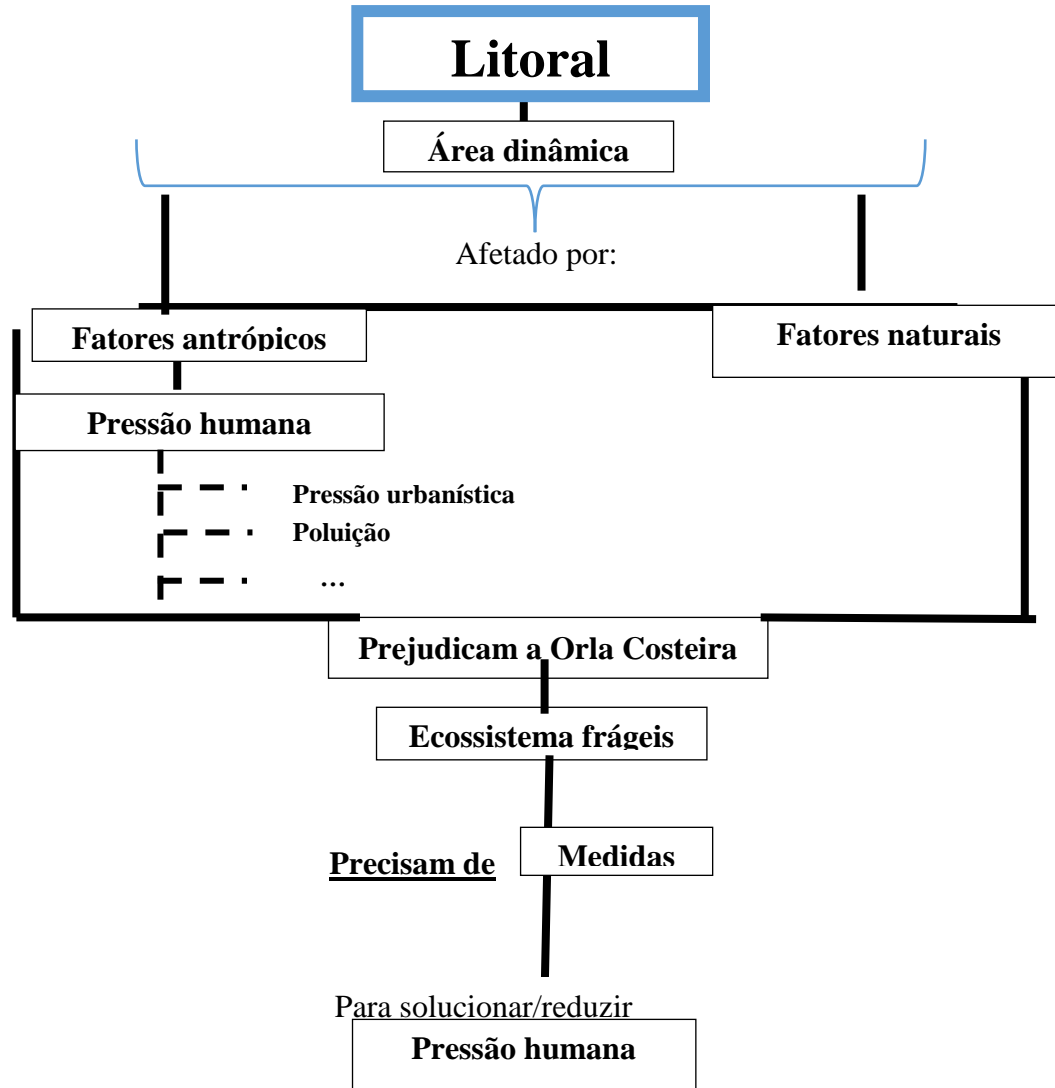
## Estratégias de ensino e/ou aprendizagem

- Breve retroação da aula anterior.
  - Como estratégia de motivação será apresentada uma imagem, com recurso ao *PowerPoint*, de duas placas de destino (litoral e interior). Através do diálogo vertical e horizontal, será analisada a preferência dos alunos. Caso os alunos preferiram o interior, será referido que contrastam com a maioria.
  - Apresentação de uma imagem-satélite da Península Ibérica para evidenciar a preferência da população pelo litoral.
  - Através da análise de várias imagens, serão apresentadas razões da preferência do litoral pela maioria da população (salientando aspetos históricos e atuais).
  - Através da análise realizada, será explicado que o litoral é afetado por:
    - ◆ fatores naturais (serão lembrados alguns exemplos)
    - ◆ e por fatores antrópicos (o enfoque da aula)
      - **pressão humana:** será analisada uma fotografia antiga da praia da Nazaré e, posteriormente, será apresentada uma fotografia atual da Nazaré - se possível, será pedido aos alunos que identifiquem algumas diferenças. O diálogo será orientado de forma a compreender o aumento populacional e quais as mudanças, direcionando o diálogo para a quantidade de infraestruturas (estradas, edifícios ...). Deste modo, serão introduzidas as consequências da pressão humana, tais como:
        - **pressão urbanística:** será apresentada uma fotografia de Espinho, o diálogo será orientado para que refiram a enorme densidade de habitações;
        - **poluição:** serão apresentadas três imagens visando explicar de que modo a indústria, a agricultura afeta o litoral.
  - Será referido que todos estes fatores alteram a dinâmica da ação erosiva do mar, prejudicando essencialmente a **orla costeira**.
  - Será apresentado e explicado o **conceito de orla costeira**.
  - De forma a demonstrar o que fora referido, serão apresentados os problemas associados às dunas e às arribas
    - apresentando imagens da ação do homem nas dunas e alguns problemas associados;
    - apresentando imagens da ação do homem nas arribas e alguns problemas associados.
  - Segue-se a apresentação de soluções para resolver ou minimizar os problemas referidos; para tal, será distribuída, aos alunos, a ficha de informação e de trabalho (com algumas medidas existentes e possibilidades de aplicação).
  - Será solicitada a leitura (de forma alternada) a vários alunos; leitura que, através do diálogo vertical/horizontal e da análise de imagens (com recurso ao *PowerPoint*), será base da explicação: leitura de três casos (Casos **A**, **B** e **C**) para os quais os alunos têm de, com auxílio das soluções explanadas, indicar a solução para cada caso.
  - Correção das respostas dada pelos alunos.
- Caso ainda exista tempo, a docente-estagiária fará a leitura de um pequeno texto "*Erosão costeira, proteger ou retirar?*", de forma a melhorar consciencializar os alunos para a preservação da orla costeira.

<b>Estratégia de consolidação</b>	Leitura de um pequeno texto <i>“Erosão costeira, proteger ou retirar?”</i> , de forma a consciencializar os alunos para o meio ambiente.
<b>Recursos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Computador</li> <li>• Retroprojektor</li> <li>• Quadro branco</li> </ul>
<b>Avaliação</b>	Os alunos serão avaliados através da participação valorizando a reflexão e espírito crítico, atitudes e valores.
<b>Bibliografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• DOMINGOS, Cristina. <i>Etall. O meio natural</i>. Geografia. Tema 2. 7º ano. Plátano Editora. 2006</li> <li>• DORDIO, Pedro. <i>Essencial do ambiente. Poluição</i>. Forum ambiente. 1996</li> <li>• ELEY, António. <i>O ambiente de A a Z</i>. Expo 98. Lisboa. 1996</li> <li>• MEDEIROS, Carlos Alberto. <i>Geografia de Portugal. Sociedade, paisagens e cidades</i>. Circulo de Leitores. 2005</li> <li>• RIBERIO, Evia. <i>Etall. GPS. A terra: estudos e representações meio natural</i>. 7º ano. Porto Editora. 2012</li> <li>• FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de. <i>O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)</i>. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras. 2010</li> </ul>
<b>Webgrafia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="http://www.polislitoralsudoeste.pt/#!vamos-conhecer/cazt">http://www.polislitoralsudoeste.pt/#!vamos-conhecer/cazt</a>(29/05/16)</li> <li>• <a href="http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&amp;id=2295:a-costa-perdida&amp;Itemid=80">http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&amp;id=2295:a-costa-perdida&amp;Itemid=80</a>(29/05/16)</li> <li>• <a href="http://web.letras.up.pt/asaraujo/seminario/Aula10.htm">http://web.letras.up.pt/asaraujo/seminario/Aula10.htm</a>(29/05/16)</li> <li>• Notícia <i>“ambiente recusa megaprojeto”</i> adaptada de: <a href="http://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/ambiente-recusa-megaprojecto-no-litoral-de-sintra-195784">http://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/ambiente-recusa-megaprojecto-no-litoral-de-sintra-195784</a>(29/05/16)</li> <li>• Notícia <i>“Lagostas e santolas numa praia a desaparecer: Arroz de Marisco”</i> adaptada de: <a href="http://lifestyle.publico.pt/artigos/292338_lagostas-e-santolas-numa-praia-a-desaparecer-arroz-de-marisco/2">http://lifestyle.publico.pt/artigos/292338_lagostas-e-santolas-numa-praia-a-desaparecer-arroz-de-marisco/2</a> (Lagostas e santolas numa praia a desaparecer: Arroz de Marisco (29/05/16)</li> <li>• Notícia <i>“Reserva das Dunas de São Jacinto, um santuário natural com 35 anos”</i> adaptada de: <a href="https://www.publico.pt/local/noticia/reserva-das-dunas-de-sao-jacinto-um-santuario-natural-com-35-anos-1627134">https://www.publico.pt/local/noticia/reserva-das-dunas-de-sao-jacinto-um-santuario-natural-com-35-anos-1627134</a> (29/05/16)</li> </ul>
<b>Esquema concetual:</b>	*



\*



## FICHA DE INFORMAÇÃO E DE TRABALHO

### A AÇÃO DO HOMEM NO LITORAL MEDIDAS PARA SOLUCIONAR OU MINIMIZAR O IMPACTO CAUSADO PELO HOMEM

Depois de estudares os problemas associados ao litoral, lê atentamente algumas soluções que procuram resolver ou minimizar os problemas associados ao litoral (e, especificamente, à orla costeira).

#### Solução 1

##### MEDIDAS DE PROTEÇÃO DO AVANÇO DA LINHA DE COSTA

Estas medidas servem para impedir o avanço do mar. Estas soluções são, entre outras: a alimentação de forma artificial do areal das praias; a construção de esporões e de paredões; a “fixação” e arborização das *dunas*.



Alimentação artificial



Fixação e arborização das dunas



Paredões

#### Solução 2

##### criação de áreas protegidas, parques e/ou reservas naturais

Quando os ambientes húmidos marinhos estão ou podem vir a ser ameaçados, as áreas protegidas impõem algumas limitações e regras especiais, evitando a extinção das espécies no local.

#### Solução 3

##### INTERVENÇÃO DO POOC

Os **POOC** (Planos de **O**rdenamento da **O**rla **C**osteira) pretendem gerir o território, orientando o desenvolvimento das atividades que existem ou que poderão vir a existir nessa área. Estes Planos podem proibir a construção em áreas protegidas e aplicar medidas preventivas.

## Estudos de caso – as regiões litorais: áreas ameaçadas.

### 1. Analisa os casos A, B e C.

#### Caso A

##### **Empreendimento pretende criar mil camas em área protegida entre Adraga e Praia Grande.**

Prevista “a construção de um megaprojeto turístico” em “área protegida entre a Adraga e Praia Grande, no litoral de Sintra.(...) Deseja-se construir, em cerca de 50 hectares entre o mar e a estrada do Rodízio, um hotel com 400 camas, um "aparthotel" com 900 camas e um aldeamento de 40 moradias, bem como campos de golfe e de ténis e piscinas.”

Notícia retirada do Jornal Público, 01/12/2004 (Adaptado).

#### Caso B

##### **Dunas de São Jacinto**

As dunas estendem-se entre o braço norte da ria de Aveiro e o mar. É uma área quase intocável pelo ser humano, uma espécie de santuário natural que acolhe uma enorme variedade de espécies animais e vegetais. É considerada muito importante, pois “as formações dunares são zonas muito sensíveis” e deveras importantes na defesa contra a intensidade dos ventos, das areias e dos avanços do mar – salvaguardando a vida das populações.

Notícia retirada do Jornal Público, 06/03/2014 (adaptado)

#### Caso C

##### **Praia da Vieira: areia e turismo a desaparecerem**

A praia da Praia da Vieira de Leiria “está a apostar no arroz de marisco para atrair turistas, mas os donos dos restaurantes preocupam-se por verem o areal a diminuir. Assim, não há arroz de marisco que lhes valha, por mais saboroso que seja, confirma José Barrote, do restaurante *O Cantinho do Mar*, afirmando que «o número de turistas tem estado a diminuir. As pessoas não vêm para estar em casa. Vêm para estender uma toalhinha no areal...»”.

Notícia retirada do Jornal Público, 02.09.2011 (Adaptado)

### 2. Assinala com uma cruz, no quadro abaixo, a solução que consideras mais correta para cada caso.

Caso	Solução 1	Solução 2	Solução 3
Caso A			
Caso B			
Caso C			

Aula sobre os elementos fundamentais dos mapas, Diapositivo PowerPoint da aula:

**1 OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DOS MAPAS**  
Quais são?

**2** Podemos ler e interpretar este mapa?

**3 É bastante difícil... Porquê?**  
Porque falta elementos importantes no mapa...

**4 Título**

**5** El Salvador

**6** Assim já sabemos  
**Onde fica**

**7** El Salvador

**8** Central America

**9** **Orientação**  
Se não existir orientação não conseguimos localizar espacialmente o mapa

**10**

**11 Outros símbolos para indicar o Norte**

**12** **LEGENDA**  
Se o mapa não tiver legenda, não conseguimos compreendê-lo

**13**

**14** **Legenda**  
É o dicionário dos mapas

**15** **ESCALA**  
Se o mapa não tiver escala, não conseguimos saber quantas vezes a realidade está reduzida

**16**

**17 Existem dois tipos de escala**  
ESCALA GRÁFICA    ESCALA NUMÉRICA

**18** **FONTE**  
Se o mapa não tiver fonte, não conseguimos saber a sua origem

**19**

**20** Podemos entender que o mapa tem  
**5 ELEMENTOS fundamentais**

**21**

Aula sobre localização relativa, atividade com os alunos “Perdidos no oceano atlântico”.

Diapositivos selecionados do Prezi. Prezi completo em:

[http://prezi.com/ee1gx9gtbq3s/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy&rc=ex0share](http://prezi.com/ee1gx9gtbq3s/?utm_campaign=share&utm_medium=copy&rc=ex0share)

1  
O que é a localização relativa?

2  
Utilizamos no nosso dia-a-dia, mesmo sem reparar.

3  
Mora, Igreja, Casa da avó, A casa do Alexandre, Casas vizinhas

4  
Perdidos no oceano atlântico  
FELIX, CAROLINA

5  
Socorro! Como chegamos a Portugal?

6  
Ao meio dia solar, o Sol indica-nos o ponto cardinal Sul e nossa sombra o ponto cardinal Norte. Ao amanhecer, o Sol indica o ponto cardinal Este, ao fim da tarde, o Sol indica o ponto cardinal Oeste.

7  
Desta forma, que rumo terão de seguir para chegarem à Figueira da Foz?

8  
Mas... Começou a anoitecer.

9  
URSA MAIOR, URSA MENOR

10  
Acho que encontrei uma forma melhor para resolver o nosso problema...